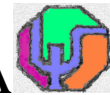




UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA APLICADA**

CLEYCIANE ALVES DE FARIA

**APLICAÇÃO DO ESCALONAMENTO
MULTIDIMENSIONAL AO JULGAMENTO E
CLASSIFICAÇÃO DE CONCEITOS EMOCIONAIS**

**UBERLÂNDIA
2006**

CLEYCIANE ALVES DE FARIA

**APLICAÇÃO DO ESCALONAMENTO
MULTIDIMENSIONAL AO JULGAMENTO E
CLASSIFICAÇÃO DE CONCEITOS EMOCIONAIS**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Aplicada
da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia.**

**Área de concentração: Psicologia da
Saúde/ Processos Cognitivos.**

**Orientador: Prof. Dr. Ederaldo José
Lopes.**

**UBERLÂNDIA
2006**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU - Setor de
Catalogação e Classificação - mg / 06/06

F224a Faria, Cleyciane Alves de, 1980-
Aplicação do escalonamento multidimensional ao julgamento e classificação de conceitos emocionais / Cleyciane Alves de Faria. - Uberlândia, 2006.
132 f.
Orientador: Ederaldo José Lopes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.
1. Emoções - Teses. 2. Psicologia cognitiva - Teses. I. Lopes, Ederaldo José. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.942

CLEYCIANE ALVES DE FARIA

**Aplicação do Escalonamento Multidimensional ao
julgamento e classificação de conceitos emocionais**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Aplicada
da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia.**

Uberlândia, 26 de Maio de 2006.

Banca examinadora

Prof. Dr. Ederaldo José Lopes- UFU

Profa. Dra. Susi Lippi Marques Oliveira- UFSCAR

Prof. Dr. Joaquim Carlos Rossini- UFU

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem Ele eu nada posso.

À todos aqueles, anônimos ou não, que fazem pesquisa em psicologia buscando como fim último desvendar e conhecer o que seja o ser humano.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia por me possibilitar crescer interiormente e profissionalmente. Agradeço também por ter-me concedido bolsa de monitoria, por seis meses, durante a realização deste trabalho.

Aos participantes que cederam seu tempo e colaboraram de forma grandiosa para a condução deste trabalho.

Ao prof. Dr. Ederaldo José Lopes, inicialmente por ter me orientado, pela formação científica proporcionada, mas principalmente por ter me mostrado que as maiores coisas da vida começam, sempre, pelas descobertas mais simples.

À profa. Dra. Renata F. F. Lopes que sempre, mesmo ao longe ou sem saber, me incentivou a seguir em frente e tentar fazer tudo da melhor maneira possível. Obrigado também pelas sugestões valiosas nos momentos mais difíceis.

À Marineide Cabral, por ser uma pessoa incomparável e a pessoa certa a qualquer hora inclusive nas mais incertas.

À profa. Dra. Maria do Carmo Fernandes Martins e à Profa. Dra. Marília Ferreira Dela Coleta por terem contribuído com sugestões valiosas durante a fase de qualificação deste trabalho. Agradeço também a todos os professores do PGPSI pelas discussões realizadas no decorrer de todo o mestrado.

Aos meus colegas e 'irmãos' de mestrado: Simone, Gledson, Eduardo e Cíntia pelas horas em que aprendemos que ter dificuldades faz parte do conhecimento e do crescimento.

Aos meus colegas e amigos do mestrado: Marines, Ana Paula, Beatriz, Alessandra e outros com os quais compartilhei conhecimentos, angústias e principalmente soluções.

Aos meus pais Natali e Silvio e também à minha irmã Gleyce por terem me incentivado a fazer este trabalho e a buscar sempre vencer toda e qualquer dificuldade.

Aos meus amigos da Faculdade Católica de Uberlândia: Januário, Renata e outros por se esforçarem em me ajudar na fase final desta pesquisa.

Ao Elcio, que desde muito tempo mostra-se como um companheiro cuidadoso, amoroso e compreensível, apesar das minhas ausências, a você o meu muito obrigado.

Por fim, dedico este trabalho a todos os meus amigos e alunos, pois é com vocês que eu sempre aprendo dia após dia.

“As palavras que possuímos não têm senão significados confusos, aos quais o espírito dos homens se acostumou há muito tempo e essa é a causa de não entenderem quase coisa nenhuma perfeitamente.”

(Descartes a seu amigo Merseune, em Novembro de 1629.)

RESUMO

As emoções e sentimentos estão presentes em todas as situações vivenciadas cotidianamente. Em psicologia o estudo de aspectos emocionais tem lugar de destaque, mesmo apresentando-se como complexo e de difícil delimitação. O objetivo deste estudo foi investigar aspectos relativos à categorização e julgamento de similaridade conceitual utilizando palavras referentes a emoções e sentimentos. O estudo foi subdividido em duas tarefas. Na primeira, foram selecionadas 206 palavras da Língua Portuguesa referentes a emoções e sentimentos. A mesma consistia em categorizar estas palavras em categorias emocionais pré-definidas: alegria, medo, nojo, raiva, surpresa, tristeza e também uma categoria para não descreve uma emoção. Após o estabelecimento de um critério mínimo de inclusão de palavra em uma categoria, (70% de concordância entre os participantes) os resultados mostraram que os participantes distribuíram as palavras entre as categorias e aquelas rotuladas como alegria e tristeza foram as que receberam a maior frequência de escolha. Considerando as palavras que superaram o critério de inclusão para cada categoria da primeira tarefa, na segunda tarefa, o objetivo foi estudar as relações de similaridade entre as palavras, utilizando para isso, o Escalonamento Multidimensional. A aplicação desta técnica estatística forneceu uma configuração espacial das palavras, indicando possíveis aglomerados de palavras que constituíram as categorias alegria e tristeza. Os resultados forneceram uma representação gráfica de como os itens estão organizados no interior de cada categoria e indicaram características de similaridade e discrepância entre os mesmos, sendo que estas características usualmente não são as mesmas quando compara-se as palavras pelo sentido atribuído às mesmas pelo dicionário. Observa-se ao final do trabalho que o objetivo inicial e principal foram atingidos e sugere-se a realização de estudos posteriores que possam acrescentar questões aqui não investigadas.

Palavras-chave: Emoções, Categorias, Palavras, Escalonamento Multidimensional.

ABSTRACT

Emotions and sentiments are present in every situation of daily life. In Psychology the study of emotional aspects has a distinct place, even though they may present themselves as being complex and of difficult delimitation. The objective of this study has been to investigate the aspects relative to categorizing and the judgment of conceptual similarities using words referring to emotions and sentiments. The study was subdivided into two tasks. In the first one, 206 words were selected from the Portuguese language referring to emotions and sentiments. The same task consisted in categorizing these words into predefined emotional categories: happiness, fear disgust, anger, surprise, sadness as well as a category that did not describe an emotion. After the establishment of a minimum criteria for the inclusion of a word into a category, (70% accordance among the participants) the results showed that the participants distributed the words among the categories and those labeled as happiness and sadness were the ones which were chosen with the highest frequency. Taking into consideration the words that exceeded the criteria for inclusion into each category of the first task, in the second task , the objective was to study the similarity relationship among the words, using for this part, the Multidimensional Scaling. The application of this statistical technique gave a special configuration to the words, indicating possible grouping of words that constituted the categories of happiness and sadness. The results gave a graphic representation as to how the items are organized within each category and indicated characteristics of similarities and discrepancies among them, these characteristics not usually being the same ones when compared to the word meaning attributed to them in the dictionary. It was observed at the end of the project that the initial and main objective were reached and suggesting the realization of further studies that would add issues that were not investigated here.

KEY WORDS: Emotions, Categories, Words, Multidimensional Scaling

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Algumas distinções estruturais entre emoção, humor e temperamento	19
FIGURA 2: Uma seleção de Listas de Emoções “Básicas”, segundo Ortony e Turner (1990)	32
FIGURA 3: Significados para palavras que compuseram a categoria Alegria	68
FIGURA 4: Significados para palavras que compuseram a categoria Medo	69
FIGURA 5: Significados para palavras que compuseram a categoria Raiva	70
FIGURA 6: Significados para palavras que compuseram a categoria Tristeza	71

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Palavras que atingiram o critério de inclusão para a categoria 1 (Alegria)	64
TABELA 2: Configuração derivada dos estímulos para a categoria Alegria (Modelo de Distâncias Euclidianas)	78
TABELA 3: Coordenadas para a configuração de pontos obtida para a categoria Alegria	79
TABELA 4: Configuração derivada dos estímulos para a categoria tristeza (Modelo de Distâncias Euclidianas)	81
TABELA 5: Coordenadas para configuração de pontos para a categoria Tristeza	82
TABELA 6: Valores de S-Stress e RSQ para diferentes dimensões	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	17
1.1. Emoções: Aspectos Conceituais	17
1.2. A Psicologia da Emoção: Histórico e complexidades	21
1.3. O que são emoções básicas	28
1.4. Linguagem e emoção	33
CAPÍTULO 2	36
2.1. Surgimento, representação e processamento da informação emocional	36
2.2. Categorias emocionais e processos de categorização	43
2.4. Entendendo emoções a partir de estudos com palavras	49
CAPÍTULO 3	51
3.1. Escalonamento multidimensional e medidas de similaridade	51
3.2. Objetivos	55
3.2.1. Objetivo Geral	55
3.2.2. Objetivos Específicos	56
3.3. Justificativa	57
CAPÍTULO 4 Primeira Fase	58
4.1. Participantes	58
4.2. Material: Elaboração de formulário	59
4.3. Procedimento	61
4.4. Resultados	62
4.5. Discussão	66
CAPÍTULO 5 Segunda Fase	74
5.1. Participantes	74
5.2. Material: Formulário para segunda fase	74
5.3. Procedimento	76
5.4. Resultados	77
5.5. Discussão	84
CAPÍTULO 6	87
6.1. Discussão Geral	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
APÊNDICE 1 Tabela com frequências de porcentagem de inclusão obtidas para cada palavra em cada categoria proposta	102

ANEXO I Significados das palavras utilizadas no estudo	107
ANEXO II Questionário para Primeira Fase	123
ANEXO III Questionário para Segunda Fase	128

INTRODUÇÃO

O estudo da emoção sempre foi um aspecto importante da psicologia. A crença de que as emoções dão tonalidade especial à existência humana é amplamente aceita por aqueles que se esmeram neste campo. Por muito tempo, o estudo de aspectos relativos à emoção ficou fora de investigações mais amplas ou aprofundadas dada a sua complexidade. Mas nos últimos anos, o aumento no número de trabalhos sobre a emoção e principalmente estudos relativos à relação entre cognição e emoção, contribuíram para destacar a importância do desenvolvimento de conceitos e teorias relativas a aspectos emocionais. De um modo geral, as pesquisas são importantes, pois favorecem uma visão funcional da emoção, delimitando sua origem, função e expressão, de modo que emoções específicas promoveriam reações comportamentais e formas particulares de pensamento ou aumentariam a probabilidade de formulação de inferências sobre os eventos cotidianos.

Por muito tempo a ênfase da psicologia esteve em buscar caminhos para diminuir a influência da subjetividade e das emoções em aspectos relativos à tomada de decisão e sobre o próprio comportamento (CACIOPPO; GARDNER, 1999). No entanto a conclusão obtida a partir de tais estudos, é que a noção de que a emoção é uma força contrária ao pensamento racional tem se mostrado como uma generalização grosseira, visto que aspectos emocionais contribuem para o funcionamento do raciocínio e da inteligência (GOLEMAN, 2001). As bases que sustentam a relação cognição-emoção e o desenvolvimento no campo das neurociências vem alterando muitas das concepções de emoção e cognição existentes, abrindo novos caminhos para estudo e pesquisa, inclusive em aspectos multidisciplinares.

A partir de tais estudos, foi possível compreender que além de darem tonalidade e sabor à existência humana, as emoções também apresentam outras funções primordiais em aspectos relativos à sobrevivência da espécie, no ajustamento social e particularmente deixam transparecer características individuais e aspectos particulares do desenvolvimento de cada pessoa ou população. Assim, as emoções além de favorecerem a preservação da vida, têm a função de comunicar e registrar momentos históricos significativos que fazem parte da

construção histórica de uma única pessoa e até de um povo ou nação, sendo assim passíveis de estudo em um nível individual ou grupal.

Além dos estudos que são elaborados em psicologia, o desenvolvimento de trabalhos sobre emoções alcançou outras áreas como a filosofia e outras ciências sociais como a sociologia e antropologia. Esta multiplicidade de olhares e frentes de investigação sobre a emoção gera, sem sombra de dúvida, variações explicativas relativas ao entendimento e explicação do que seja a emoção e aspectos a ela relacionados. Assim, a visão que se tem de certo fenômeno, fato ou objeto em um determinado contexto histórico direciona o modo como ocorre ou se lança o olhar investigativo sobre ele.

Este olhar por diferentes perspectivas é perfeitamente compreensível, pois assim como nas ciências há diferenças entre enfoques, olhares e objetivos, cada vida humana é uma história interessante, única e peculiar. Muitos preferem manter suas vidas no silêncio, enquanto outros preferem tratar as situações de forma intensa. Evitar expor o que se sente nas situações é manter só para si aquilo que foi vivenciado ou se proteger de algum perigo percebido. Mas sorrir, chorar e falar perante os eventos cotidianos é dar sabor à própria existência, equilibrando-se entre altos e baixos na busca da exata proporção geradora de bem-estar ou equilíbrio.

A linguagem verbal, corporal ou do silêncio une as pessoas dando-lhes o sentido cultural de sociedade. Universalmente, como o comportamento, a linguagem como meio transformador, concebe e modifica o papel do homem no mundo e na sociedade mostrando ser característica primordial que diferencia os homens de outros seres vivos. Além de comportamento e linguagem, as situações, por mais simples que sejam, têm peso emocional que permite aos contatos interpessoais terem um sentido que pode ser classificado pelas pessoas que os vivenciam. Além de comunicarem a si mesmas sobre aquilo que é sentido, por meio dos recursos fornecidos pela linguagem, é possível comunicar estados emocionais negativos ou positivos de forma sutil e particularmente compreensível.

Desta maneira, o presente estudo correspondeu a uma análise de alguns aspectos concernentes ao processo de categorização e comparação semântica entre algumas palavras da Língua Portuguesa que dizem respeito às emoções e sentimentos. Contudo, não se trata de um estudo de psicolinguística ou propriamente de semântica, mas pretendeu-se a partir do ponto de vista da psicologia cognitiva e teorias afins, trabalhar aspectos relativos à classificação e utilização de categorias de palavras relativas a diferentes tipos de emoção e sentimento. Deste

modo, buscou-se também verificar a similaridade entre algumas palavras da Língua Portuguesa e o modo como foram classificadas em categorias determinadas.

Pretendeu-se compreender o modo como palavras que foram classificadas dentro de uma mesma categoria foram tratadas como similares ao estarem interligadas a experiências emocionais específicas como alegria e tristeza, por exemplo.

A realização deste estudo representa também a possibilidade de fornecer subsídios para a utilização de tais palavras em pesquisas futuras principalmente para se estudar a relação cognição-emoção, visto que no Brasil, estudos neste campo ainda não são tão frequentes principalmente acerca da investigação de aspectos relativos à expressão das emoções e suas especificidades.

Desta maneira, este texto está dividido em seis capítulos. No primeiro há uma discussão quanto ao modo como a psicologia e também outras áreas entendem e definem o que seja a emoção, incluindo um histórico sobre o estudo da emoção e apresentando questões relativas à relação entre linguagem e emoção. Também são ressaltados, nessa seção, alguns aspectos teóricos relativos à própria dificuldade por estabelecer um conceito que abarque e que seja amplamente aceito sobre o que seja a emoção. Este capítulo também procurou apresentar questões relativas ao estudo sobre emoções básicas.

No segundo capítulo, foram apresentadas considerações sobre a gênese emocional e também uma discussão sobre aspectos referentes à relação cognição-emoção incluindo aspectos concernentes à representação e processamento da informação emocional. Este capítulo, trata também dos processos de categorização e categorias emocionais.

No terceiro capítulo apresentou-se a principal técnica de análise e tratamento dos dados, chamada de Escalonamento Multidimensional e a adequação da sua utilização para este tipo de estudo. Neste capítulo também estão incluídos os objetivos e a justificativa do estudo.

Quanto à coleta e análise de dados, esta foi dividida em duas fases. No quarto capítulo, inicialmente é apresentado a concepção metodológica que caracteriza a natureza da pesquisa e posteriormente, todos os dados relativos aos critérios para confecção do formulário utilizado na primeira etapa, a amostra selecionada e também a apresentação dos resultados e discussão dos mesmos.

No quinto capítulo foram tratados os aspectos relativos à segunda fase do estudo, como o instrumento utilizado, a amostra selecionada, bem como a apresentação dos resultados e breve discussão.

Finalmente, no sexto capítulo, foram apresentadas as discussões finais acerca da análise empreendida e das implicações destes resultados para a pesquisa futura quanto ao vocabulário relativo às emoções e sentimentos humanos.

CAPÍTULO 1

1.1 EMOÇÕES: ASPECTOS CONCEITUAIS

A emoção é um dos tópicos que mais aparecem em pesquisas em Psicologia, mas o estudo das emoções tem sido um campo evitado por muitos, dada a sua complexidade. Arnold (1968) atribui esta relutância ao fato de que uma experiência emocional é uma experiência privada e peculiar apontando ainda que na década de 1960 surgem os primeiros debates mais acalorados sobre a conceituação de aspectos relacionados à emoção, além disso, cita que algumas das diferenças de opinião e ênfase entre escritores de diferentes partes do mundo, como os alemães, franceses e ingleses sobre características da emoção naquela época foram elaboradas a partir de diferenças no significado que as palavras relacionadas às emoções carregam ao longo de diferentes culturas.

Ainda na década de 1960, tentou-se elaborar certas delimitações conceituais para o campo, as quais poderiam ser atribuídas aos termos relacionados às emoções, no entanto, havia outros termos tais como ‘afeto’ e ‘sentimento’ que se referiam a aspectos particulares da vida emocional. Atualmente, existem tentativas de redefinir estes termos, buscando uma delimitação do espaço próprio de cada um e alternativas para entender e explicar sobre o modo de funcionamento emocional em aspectos cotidianos, como, por exemplo, nas situações de trabalho (GONDIM; SIQUEIRA, 2004). Este campo gera ainda algumas dúvidas em muitos pesquisadores, principalmente no cuidado necessário com os termos que podem ser utilizados para descrever aspectos relativos à vida emocional.

Os caminhos diferentes, tomados para responder questões relativas à natureza da emoção, não se limitam apenas ao nível semântico (significação das palavras) ou ao enfoque teórico, mas dependem do ponto de vista dominante em cada período da história (ARNOLD, 1968; CACIOPPO; GARDNER, 1999) e também da área em que os estudos são conduzidos.

Para Brothers (1999), o conceito de emoção tem dois aspectos. O primeiro pertence à idéia de um sentimento voltado para a experiência subjetiva, enquanto que o segundo está

relacionado com a expressão, ou seja, com a manifestação pública de um sentimento. Esta manifestação pública caracteriza-se pelo fato de que as emoções, mesmo tendo um forte componente individual que determina sua expressão, também possuem sentidos compartilhados entre os indivíduos que fazem parte de uma mesma cultura ou população. Assim, ao serem relacionadas com cognições elaboradas, as emoções podem ser entendidas como sendo os significados pelos quais os animais e as pessoas avaliam o significado de um estímulo e como o corpo se prepara para emitir uma resposta apropriada. Estudos que envolvem a avaliação de expressões emocionais ou histórias, nos quais há um levantamento apropriado sobre aspectos pessoais dos participantes, principalmente quanto à forma como interpretam e classificam eventos cotidianos podem fornecer subsídios para investigar cuidadosamente os aspectos da emoção propostos por Brothers (1999).

Ellis e Moore (1999) entendem que uma emoção é considerada como tendo as propriedades de uma reação, algumas vezes sendo uma resposta interna a um estímulo específico. Dupont (1994) afirma que o sentimento é uma operação cognitiva em resposta à emoção que, por sua vez, é a sensação corporal. Assim, os sentimentos possuem uma função adaptativa em resposta às mudanças fisiológicas ativadas por estímulos internos ou vindos do ambiente.

Para Gondim e Siqueira (2004), as emoções ajudam a identificar o perigo e além de preservar a vida, elas têm a função de comunicar e registrar momentos significativos na história de um povo ou de uma pessoa. Mas um grande foco de discordância é em relação à função que a emoção cumpre na vida humana, seja individualmente ou à nível coletivo. Além de estabelecer qual seja a função exata das mesmas, outro ponto controverso diz respeito aos termos utilizados para diferenciar e descrever aspectos relativos a emoções. Segundo Gondim e Siqueira (2004), os sentimentos, diferentemente das emoções, estariam relacionados à interpretação subjetiva da interação entre emoção e reação que persiste na memória e que desta forma, fariam perdurar o afeto em relação a eles. O humor seria um estado afetivo duradouro não relacionado de forma específica a um objetivo e agiria em vários contextos de interação enquanto estiver ativado. O temperamento, a partir das análises feitas por Gondim e Siqueira (2004), seria o termo mais apropriado para descrever a manifestação de um estado afetivo individual persistente no tempo, pouco passível de modificação por fatores circunstanciais e que estaria incorporado às características subjetivas de cada pessoa. Por fim, os afetos seriam uma categoria mais

abrangente e que conteriam os sentimentos, os humores e os temperamentos, que teriam em comum sua maior persistência no tempo e uma estreita relação com aspectos cognitivos tais como a memória. A FIGURA 1 resume as diferenciações apresentadas:

AFETO			
	EMOÇÃO	HUMOR	TEMPERAMENTO
DURAÇÃO	SEGUNDOS	MINUTOS/DIAS	MESES A ANOS
OBJETO	FOCADO	DIFUSO	CONFORME O CONTEXTO
ESTADO	BREVE	LONGO	DURADOURO

FIGURA 1: Algumas distinções estruturais entre emoção, humor e temperamento.
 FONTE: Adaptado de Gray e Watson (2001, p.25.)

Uma outra diferenciação entre emoções e sentimentos é proposta por Dupont (1994) que apresenta os sentimentos como o modo de organização cognitiva das emoções. Os sentimentos funcionariam como uma ligação entre crenças e emoções.

Diferenciando também humor e emoção, Clore e Colcombe (2003) afirmam que humores são estados afetivos que são temporalmente ampliados e que não têm um objeto ou foco saliente. Por outro lado, as emoções são também estados afetivos, mas, diferentemente dos humores, elas têm objetos salientes ou focais. A experiência de uma emoção promove um tipo de informação insistente de que algum objeto específico é bom ou mau de alguma forma ou tem algum sentido. A experiência está localizada no corpo, mas seu significado está situado no mundo. Como resultado deste processo, as emoções podem tanto motivar quanto direcionar estratégias de enfrentamento ‘coping’ focado no problema (CLORE; COLCOMBE, 2003).

Dada a multiplicidade de conceitos e a possibilidade de agrupamento entre um conceito e outro na formação de um novo conceito sobre o que sejam as emoções, no presente estudo, o conceito proposto como referencial para entender o que sejam as emoções, tratou de considerar que as emoções relacionam-se intimamente com o que venha a ser os sentimentos. Além disso as emoções tratam-se de reações que são desencadeadas por estímulos ou situações e estas reações são acompanhadas de alterações corporais e fisiológicas e que não estão sob total controle consciente da pessoa. Este conceito justifica-se pois de um modo geral, entende-se que mesmo

com todas as indefinições conceituais do que sejam as emoções, sentimentos, temperamento, humor e afeto, sabe-se que as experiências emocionais envolvem o funcionamento de diferentes tipos de componentes como o cognitivo, o fisiológico, o social entre outros.

Assim, mesmo que estabelecer um conceito para as emoções, ainda seja complexo, sabe-se que as emoções têm muitas funções no comportamento e no relacionamento humano a nível individual ou coletivo. Além disso, as emoções podem se manifestar nas situações mais inusitadas (LAMBIE; MARCEL, 2002), variando, por exemplo, entre a tristeza e a alegria, seja em questões de saúde ou doença (KERBAUY, 2002). A emoção pode ser definida formalmente como um estado psicológico que envolve três componentes distintos que dizem respeito a experiências subjetivas, excitação física e uma resposta comportamental ou expressiva (HOCKENBURY; HOCKENBURY, 2003). Porém, teorias que investigam a emoção a um nível social incluem no conceito de emoção aspectos do modo como a cultura e a sociedade também são responsáveis por modular as características emocionais das pessoas.

Roazzi; Federicci e Carvalho (2002) afirmam que uma das grandes dificuldades para realizar estudos sobre a emoção é a incompatibilidade de enfoques, além de que, no estudo das emoções, a forma como são encaradas e designadas varia conforme a cultura, o que torna difícil a comparação. Esta extrema variabilidade explicaria, em parte, o esquecimento de estudos neste campo por um longo tempo mas que na atualidade é retomado com grande efervescência até mesmo para a formulação de uma definição própria. Em parte, a complexidade é explicada pela dificuldade do terreno, mas especialmente no fato de que as emoções e suas formas de expressão não são estáticas, tendendo a mudar no decorrer da vida do indivíduo (ROAZZI; FEDERICCI; WILSON, 2001).

Percebe-se hoje, alternativas importantes na busca por consensos para a elaboração de perspectivas teóricas que possibilitem compreender o modo como aspectos emocionais interagem com a cognição e o como podem influenciar no processamento da informação, visto que as atividades cognitivas participam de maneira substancial na gênese e estruturação das emoções (ver ROAZZI; FEDERICCI; WILSON, 2001, para mais detalhes).

1.2 A PSICOLOGIA DA EMOÇÃO: HISTÓRICO E COMPLEXIDADES

Nos últimos anos, tem-se buscado definir emoção de forma a construir um conceito que seja abrangente, aceito e o menos controverso possível. No entanto, a formulação de um conceito único tem estado mais próximo de uma utopia do que de uma realidade que atualmente, possa ser amplamente aceita.

Existe, na atualidade, uma multiplicidade de teorias que se debruçam em estudar o que sejam as emoções e sentimentos. Há teorias que afirmam que a emoção tem função exclusivamente biológica. Para outras, as emoções abrigam-se exclusivamente na esfera psicológica e há também aquelas teorias que tratam as emoções junto a aspectos relacionados às formas de representação dos sentimentos e afetos expressos por diferentes culturas.

No presente estudo, procurou-se entender as emoções basicamente a partir de um referencial cognitivista, que procura por relações sobre o modo como ocorre a interação entre cognição e emoção, e também por um enfoque social, no qual as emoções são características que podem ser compartilhadas por um grupo de pessoas de uma mesma cultura ou população.

Pode-se perceber que na maior parte das definições sobre o que são as emoções e sentimentos há forte associação entre emoções e alterações fisiológicas e corporais desencadeadas por estímulos internos e externos que parecem não estar sob total controle consciente da pessoa. Este ponto em comum perpassa por diferentes teorias que tratam de aspectos emocionais humanos e consiste na perspectiva adotada pelo presente estudo.

As primeiras teorias sobre a emoção tiveram suas origens na Filosofia. A Filosofia é um campo onde se encontra discussões principalmente quanto à origem, o papel e o funcionamento das emoções como envolvendo a concorrência e a manipulação de representações mentais (GRIFFITHS, 1997). Os filósofos, desde Aristóteles até Descartes e Spinoza tentavam discutir a natureza da existência da emoção, seu antagonismo em relação a razão e formas de classificá-las (ARNOLD, 1968). Segundo Strongman (2004) no fim do século XIX e princípio do século XX, os psicólogos e outros estudiosos começaram a interessar-se pela emoção. Surgem neste período as primeiras discussões acerca de como antigos pensadores como Platão, Aristóteles e Descartes investigaram o assunto. Platão considerou a emoção como algo desconcertante que interrompe e interfere com a razão humana. A idéia de emoção em Aristóteles deve ser vista numa estrutura

ética interessante, sendo considerada como uma combinação da vida cognitiva superior e da vida sensual inferior. Depois de Aristóteles, foi a conceptualização da emoção de Descartes que predominou até o surgimento das teorias psicológicas relativas às emoções no fim do século XIX. Descartes considerava a emoção essencialmente cognitiva e, além disso, o nome de Descartes é quase sinônimo de dualismo, existindo um corpo fisiológico e uma mente que de certo modo é uma duplicação da alma, neste sentido as emoções estariam mediando uma consciência não-corpórea e estariam localizadas inteiramente na alma humana, enquanto que os outros animais teriam apenas corpo (STRONGMAN, 2004).

Para Darwin (1872/2000), as expressões emocionais são comportamentos equivalentes de vestígios orgânico – anatômicos que como o apêndice, derivam de fases anteriores da evolução. Fineman (2001) aponta que a primeira teoria psicológica da emoção é atribuída ao artigo “What is an emotion?” publicado por William James (JAMES, 1884), o qual enfatiza a importância da percepção de um evento, objeto ou circunstância como precursora da emoção. James (1884) afirmou que uma emoção é uma percepção que o organismo tem das suas próprias reações fisiológicas perante um evento; além disso, as emoções são aquilo que dão cor às experiências. Assim, segundo este autor, as emoções poderiam ser entendidas como percepções de mudanças fisiológicas que ocorrem após o término de um evento ou fato que deu origem à reação emocional. Desta maneira, um outro aspecto que os teóricos primitivos da emoção começaram a considerar foi a origem e o desenvolvimento da emoção e a distinção entre emoção e não-emoção e além disto, é possível ver nestas teorias até então formuladas, que os começos do debate acerca das origens da emoção se localizam na biologia ou na interação social (STRONGMAN, 2004).

Por volta da mesma época, ou seja, final do século XIX e princípio do século XX, um outro pesquisador chamado Carl Lange propôs uma teoria semelhante à teoria de James, fazendo com que esta primeira teoria psicológica da emoção fosse chamada de teoria das emoções de James-Lange (HOCKENBURY; HOCKENBURY, 2003). Esta teoria afirmava que as emoções são o resultado da percepção e da interpretação das mudanças no organismo. James (e Lange) produziram a primeira teoria inteiramente psicológica da emoção, que assume a existência de emoções discretas, elas próprias tendo uma base instintiva e sendo separáveis de certas sensações (STRONGMAN, 2004). Por volta de 1927, Walter Cannon (citado por HOCKENBURY; HOCKENBURY, 2003) criticou fortemente a teoria de James-Lange,

realizando uma série de experimentos para provar a sua afirmação, principalmente notando através destes experimentos que a reação emocional a um estímulo é frequentemente mais rápida que a fisiológica. Em alguns pontos, estes experimentos não confirmaram certos aspectos da teoria de James-Lange, principalmente porque embora a excitação fisiológica possa ampliar sentimentos emocionais, a percepção da excitação física não parece ser essencial para a experiência da emoção. Assim, segundo Strongman (2004) o significado particular da teoria de Cannon reside na sua ênfase sobre a neurofisiologia da emoção e posteriormente, esta característica foi importante para fundamentar teorias posteriores.

Segundo Strongman (2004) existe grande quantidade de investigação empírica no âmbito da fisiologia da emoção. O principal objetivo de estudos fisiológicos da emoção tem sido encontrar o substrato da emoção no sistema nervoso central, no sistema nervoso periférico e no sistema endócrino. Uma das mais recentes e melhores teorias deste campo é a teoria de Panksepp (citado por STRONGMAN, 2004) que sugere que existem sistemas cerebrais das emoções sob a forma de um limitado número de sistemas de comando translímbicos e que a explicação para a existência de tais estados nos animais é uma conjectura baseada no auto-reconhecimento e suas semelhanças com o sistema límbico dos mamíferos.

Os biólogos tentam, ainda hoje, identificar as bases evolutivas da emoção, tentando não subordinar a idéia de emoção àquilo que é próprio da cognição. As teorias biossociais vêem a experiência emocional como um estado sentimental ou uma condição motivacional, ou seja, a emoção seria um produto imediato e direto de processos neurais particulares associados com aquela emoção (IZARD, 1992). Assim, pesquisadores dentro das teorias biossociais têm identificado múltiplos ativadores não-cognitivos da emoção e demonstram a utilidade de definir os componentes essenciais da emoção como sendo um fenômeno que não requer mediadores cognitivos ou constituintes (IZARD, 1992). Neste sentido, esta teoria não corrobora com a possibilidade das emoções interagirem com a cognição influenciando no próprio processamento da informação. Ainda segundo o modelo proposto por Izard (1992), as emoções são vistas como básicas ou fundamentais porque suas funções biológicas e sociais são essenciais para o processo de evolução e adaptação ao meio. Estas emoções específicas são tomadas como tendo substratos neurais inatos, expressões inatas e universais e possuidoras de um único estado sentimental e motivacional (IZARD, 1992). Ainda na opinião de Izard (1991, citado por STRONGMAN, 2004) todas as emoções têm elementos comuns e dispõem de generalidade e flexibilidade

ilimitadas na sua qualidade de fatores de motivação e influenciam os impulsos e outros subsistemas da personalidade. A teoria evolucionária, também uma corrente dentro das teorias biológicas, afirma que o longo processo evolutivo é responsável por modelar o homem, tornando-o geneticamente orientado a desenvolver e manter comportamentos que proporcionem sucesso em termos de sobrevivência. Izard (1992) aponta que os cientistas influenciados por Darwin, pela etologia contemporânea e pela neurociência, assumem que as emoções são um fenômeno neuropsicológico moldado pela seleção natural e que organiza e motiva os padrões fisiológicos, cognitivos e de ação que facilitariam respostas adaptativas à vasta disposição de demandas e oportunidades no ambiente. Sobre a visão da teoria evolucionária, o artigo de Nesse (1991) afirma que uma explicação evolutiva sobre uma emoção não consiste, apenas, em descrever suas funções. Por outro lado, a explicação deve em primeiro lugar, especificar as situações nas quais a emoção oferece vantagens e só então, mostrar como as características emocionais aumentam sua adequação em face das mudanças adaptativas específicas que surgem nas situações. Deste modo, as teorias puramente biológicas não abarcam a totalidade e mesmo a possibilidade de entendimento de aspectos relativos à relação cognição-emoção.

Para a teoria social (FRIJDA; RIVERA; SCHERER citados por STRONGMAN, 2004), as emoções freqüentemente podem ser concebidas como fenômeno social e os estímulos das reações emocionais vêm das pessoas e a emoção ocorre na companhia dos outros (STRONGMAN, 2004). Para Oatley (1999), uma emoção é um estado psicológico ou processo que atua no controle de alguns objetivos que quando alcançados identifica a emoção como positiva ou como negativa quando algum destes objetivos é impedido. Fineman (2001) aponta que uma outra vertente é investigar as emoções a partir da relação entre emoções e cultura. A expressão das emoções está baseada e é condizente com o ambiente cultural e pode ser entendida como manifestações pessoais de estados aos quais chama de “afetados”, “movidos”, ou “agitados” tais como a alegria, o amor, medo, fúria, tristeza, vergonha, embaraço. O resultado de investigações neste aspecto é construir uma abordagem que trata as emoções como construções sociais que levam em consideração aspectos biopsicossociais humanos. Para teorias sociais (GRIFFITHS, 1997), a cultura local, bem como os papéis sociais e as concepções de comportamento adequado podem fornecer inúmeras rotas alternativas e distintas para que o fenótipo emocional de um indivíduo seja construído. Porém, este construcionismo social das emoções não nega a importância de pré-determinantes biológicos da emoção (AVERILL, 1999),

mas regras emocionais são moldadas, eliminadas, mantidas e transmitidas através da forma de proceder de cada sociedade, sendo esta então, o gerenciador que determina o número e o tipo de emoções disponíveis para expressão entre os membros que a compõe.

Um outro conjunto de estudos, que transita por diferentes teorias como as biológicas, as cognitivas e também as sociais, tratam do modo como as emoções surgem no ser humano e sobre a gênese da vida emocional, estudos sobre a organização conceitual da emoção sugerem que a própria evolução natural das espécies favorece ao organismo a capacidade de poder aprender, representar e acessar de forma rápida uma resposta emocional perante um evento (CACIOPPO; GARDNER, 1999). Neste sentido e mesmo com todos os problemas de incompatibilidade cultural e metodológico, existe um conjunto de estudos que têm por objetivo a criação de taxonomias para conceitos emocionais que possibilitariam o entendimento de como ocorre a categorização e o relacionamento conceitual possível entre termos relativos às emoções (FELDMAN BARRETT, 2004; HUPKA; LENTON; HUTCHISON, 1999; INNES-KER; NIEDENTHAL, 2002; RUSSELL, 1991; SHAVER; SCHWARTZ; KIRSON; O'CONNOR, 1987; SCHIMMACK; REISENZEIN, 1997; STORM; STORM, 1987). Sabe-se que nem todos os humanos, dentro até de uma mesma cultura, usam as mesmas categorias para avaliar eventos como emocionais ou não (RUSSELL, 2003). Algumas categorias são mais acessíveis do que outras, e os indivíduos diferem na forma como tornam uma categoria mais acessível do que outra perante um evento. Suspeita-se que a língua falada em uma população determine, embora não prove, diferenças culturais na utilização de categorias mentais para a emoção (RUSSELL, 1991).

A partir dos anos 50, buscaram-se explicações sobre o que são as emoções sob o ponto de vista cognitivo. Neste momento iniciaram-se formulações teóricas que procuravam explicar e entender a cognição a partir da criação de modelos mentais também conhecidos como esquemas, representação mental e social das emoções. Na teoria cognitiva (ARNOLD; SCHACHTER; LEVENTHAL; BOWER, citados por STRONGMAN, 2004) é possível ver uma série de enfoques diferenciados para tratar a relação cognição-emoção. Segundo Strongman (2004) alguns teóricos assumiram que as cognições provocam alterações fisiológicas e comportamentais, sendo importante estudar uma (ou seja, a cognição ou a emoção) para obter conhecimentos sobre a outra. Dentro da abordagem cognitivista, a emoção pode ainda ser vista como uma estrutura ampla, não deixando de considerar o papel da cognição e das experiências subjetivas nos variados aspectos emocionais humanos. A teoria cognitiva vê as emoções através

de uma grande diversidade de enfoques e perspectivas. Uma teoria importante desta perspectiva são estudos desenvolvidos por de Oatley e Johnson-Laird (1987, citado por STRONGMAN, 2004) que através dos quais, possibilitaram a construção de uma teoria dos conflitos na qual se considera que as emoções desempenham importantes funções cognitivas. Hockenbury e Hockenbury (2003) apontam uma teoria cognitiva que foi proposta pelos psicólogos Schachter e Singer na década de 1960. Nesta teoria há pontos que corroboram tanto a teoria de James-Lange quanto com a teoria de Cannon proposta em 1927. Esta teoria argumenta que a excitação sozinha não é suficiente para produzir uma certa emoção qualquer e propuseram que a excitação fisiológica seria rotulada como uma emoção ou não apenas após a interpretação psicológica. Esta teoria é conhecida como teoria dos dois-fatores da emoção, pois as emoções são o resultado tanto da interação da excitação fisiológica quanto do rótulo cognitivo aplicado para explicar essa excitação. Embora a teoria dos dois-fatores não tenha recebido muita sustentação de pesquisas posteriores, sua importância se concentra em ter sido a base para outros estudos sobre os aspectos cognitivos envolvidos nas emoções.

Eysenck e Keane (1994) apresentam que o embate teórico sobre a relação cognição-emoção foi conduzido inicialmente por Zajonc (1980, 1981, citado por EYSENCK; KEANE, 1994) e Lazarus (1982, citado por EYSENCK; KEANE, 1994). Segundo Zajonc, a avaliação afetiva de um estímulo trata-se de um processo básico que pode ocorrer independentemente de processos cognitivos; por outro lado, Lazarus alega que algum processamento cognitivo torna-se pré-requisito indispensável de uma reação afetiva para que um estímulo possa ocorrer. Deste modo, Zajonc forneceu algumas evidências de que as reações afetivas podem ocorrer mesmo na ausência de qualquer atenção consciente de processamento cognitivo. Por outro lado, Lazarus mesmo não discordando inteiramente da posição de Zajonc, afirma que a avaliação cognitiva tem um papel crucial na experiência emocional e apresenta três formas mais específicas de avaliação. A primeira trata da *Avaliação Primária*, que avalia uma situação ambiental como sendo positiva, estressante ou irrelevante ao bem-estar. A segunda diz respeito à *Avaliação Secundária*, na qual é realizada uma avaliação dos recursos disponíveis para lidar com a situação e com os quais o indivíduo poderá depender. Por fim, há a chamada *Reavaliação* em que a situação e as estratégias de enfrentamento são monitorizadas, inclusive modificando as avaliações primárias e secundárias se for necessário. Por fim, Eysenck e Keane (1994) propõem que as pesquisas de Lazarus têm uma relevância muito maior com as experiências emocionais do

nosso dia-a-dia do que aquelas afirmadas por Zajonc. A argumentação entre Lazarus e Zajonc pode ser melhor investigada através de estudos que utilizam histórias ou reações à expressões emocionais e nos quais exista uma investigação mais detalhada sobre a vida do participante e o modo como avalia particularmente e individualmente os aspectos emocionais cotidianos. No presente estudo, tendo em vista a forma coletiva de coleta e análise de dados, não foi possível identificar tais pressupostos clássicos.

Segundo Ellis e Moore (1999) um dos principais modelos explicativos sobre como as emoções são representadas e organizadas cognitivamente, foi o modelo de Bower (1981). Neste modelo, as emoções seriam unidades (nodos) dentro de uma rede semântica e a elas inúmeras conexões seriam possíveis, como por exemplo, com idéias relacionadas; com sistemas fisiológicos, expressões, memórias, entre outros. Eysenck e Keane (1994) afirmam que o modelo teórico de Bower tem como pressuposto seis suposições teóricas que serão apresentadas a seguir. A primeira afirma que as emoções podem ser consideradas como unidades ou nodos em uma rede semântica e que pode ter múltiplas conexões, conforme já apresentado anteriormente. A segunda suposição afirma que o material emocional é armazenado na rede semântica sob a forma de proposições ou afirmações. A terceira diz que o pensamento ocorre pela ativação de nodos dentro da rede. A quarta afirma que a ativação dos nodos pode se dar via estímulos do meio interno ou estímulos do ambiente. A quinta suposição apregoa que a partir da ativação de um nodo, este processo pode espalhar-se de modo seletivo a nodos a ele relacionados. Por fim, a última suposição afirma que, a consciência seria constituída por uma rede de nodos ativada acima de um valor limiar. Assim, por exemplo, ao ser ativado determinado nodo de emoção, ocorreria o alastramento da ativação a outros nodos relacionados e esta ativação aumentaria de forma linear conforme a intensidade com que aquela emoção fosse sentida.

Na atualidade existem diferentes teorias da emoção que como por exemplo, as teorias fenomenológicas, as teorias comportamentais, as teorias mistas (que constituem-se em junção entre teorias diferentes) constituem-se em importante fonte de discussão que trata a emoção por uma perspectiva múltipla que integra diferentes concepções e que consideram a emoção como um fenômeno que ocorre em diversos níveis ou dimensões. Principalmente as teorias mistas, pode-se descrevê-las como teorias que salientam a importância da cognição, particularmente da avaliação cognitiva de aspectos emocionais, além de reservarem um lugar para o substrato biológico e para os aspectos sócio-culturais. No entanto, optou-se por não aprofundar em tais

teorias por não ser este propriamente o objetivo deste estudo, mas em vários aspectos são utilizadas explicações que derivam de teorias mistas como as teorias cognitivas e as teorias sociais para análise e tratamento dos resultados obtidos.

1.3 O QUE SÃO AS EMOÇÕES BÁSICAS ?

O objetivo da apresentação de estudos e discussões sobre o papel das emoções básicas, neste presente estudo, se deve ao fato de que na fase de investigação sobre o modo como os termos relativos às emoções poderiam ser categorizados e comparados, consistindo em um estudo exploratório sobre categorização de conceitos, utilizou-se para dar nome às categorias nas quais os termos deveriam ser agrupados, palavras relativas às emoções básicas conforme proposto por Darwin (1872/2000), sendo elas: MEDO, RAIVA, SURPRESA, NOJO, TRISTEZA E ALEGRIA.

Mesmo sendo da mesma espécie, os humanos de diferentes partes do mundo exibem padrões diferenciados de comportamentos. As pessoas diferem em seus hábitos alimentares, conduta, forma de se vestir, regras, costumes, hábitos, etc. As diferenças são explicadas tanto pela cultura de cada população, mas também por existirem diferenças entre um indivíduo e outro dentro de uma mesma sociedade.

As emoções e sua forma de expressão também variam através das culturas, sendo que algumas, ao que parece, são proprietárias de suas próprias emoções (como por exemplo, o sentido dado pela palavra saudade para os brasileiros) ou têm palavras específicas para denominar variações percebidas em uma mesma categoria emocional através da utilização de sinônimos ou palavras similares. Além disso, uma emoção pode ser mais prevalente em uma cultura do que em outra, de modo que a consciência de viver uma emoção pode ser experienciada mais frequentemente quando as pessoas utilizam um conceito emocional, ou uma palavra para articular idéias sobre o evento vivenciado (GRIFFITHS, 1997).

Ainda que diferentes culturas tenha emoções diferentes, as diferenças não atingem ou incluem todas as emoções disponíveis para serem utilizadas pelos seres humanos. Para Griffiths (1997), as emoções, assim como outros traços biológicos (fenótipos), podem ser classificados

em vários níveis de generalidade, além de que se qualquer um dos aspectos que caracterizam uma emoção muda, a identidade daquela emoção também se altera.

A emoção por si só, é universal, ou seja, por mais diferentes que sejam os indivíduos e as culturas, o fato de ter e expressar emoções é comum a todos os povos humanos. E todas as pessoas, desde as mais novas até as mais idosas, são capazes de expressar emoções e entender emoções alheias. Somente os portadores de uma doença chamada alexithimia apresentam uma incapacidade para expressar e reagir perante emoções alheias. A literatura expõe estas pessoas como sendo frias, insossas e apresentam uma severa incapacidade para responder e avaliar de forma apropriada as dicas emocionais de outras pessoas e inclusive de si mesmas (GOLEMAN, 2001; TAYLOR; BAGBY, 2002).

As línguas diferem no número de palavras que correspondem a eventos e ou expressões emocionais. Mas, mesmo com toda a aparente diversidade ainda há uma boa similaridade entre as categorias de emoções através das culturas e das línguas. É possível encontrar algumas pesquisas e teorias que tratam destas questões universais relativas às emoções. Algumas destas teorias investigam em específico aquelas expressões emocionais que existem na maioria das culturas. A seguir são expostas algumas considerações sobre estes estudos, inclusive salientando as diferenças existentes entre as explicações sobre a existência destas emoções comuns e também as diferenças em considerar uma emoção como sendo pertencente à lista de básicas ou não.

Para alguns pesquisadores, haveria nas emoções uma certa essência, que poderia ser reiteradamente identificada através do tempo e das culturas. Paul Ekman, Carrol Izard, Robert Plutchik, R. B. Zajonc (citados por GRIFFITHS, 1997), seriam alguns nomes de pesquisadores que defendem a posição da existência de certas emoções que seriam disposições naturais e universais. A este conjunto, ainda controverso quanto a quantidade exata, é dado o nome de emoções básicas ou essenciais.

Darwin (1872/2000), afirmava que as expressões emocionais seriam vestígios de respostas que já ocorriam em espécies ancestrais tendo funções definidas. Para Darwin (1872/2000) há indícios de que a elaboração cognitiva de uma emoção também é inata e faz parte da hereditariedade biológica, fazendo inclusive que algumas emoções sejam comuns a outros mamíferos. Além disso, as semelhanças entre padrões de comportamentos hereditários seriam características tão confiáveis e conservadas nas espécies quanto as formas dos ossos, dos

dentes, ou de qualquer outra estrutura corporal. As emoções básicas para Darwin (1872/2000) seriam características presentes em todas as populações humanas e também em outras espécies animais, sendo elas: MEDO, RAIVA, SURPRESA, NOJO, TRISTEZA E ALEGRIA.

No século XX, Plutchik (1961, citado por EKMAN, 1992) foi um dos primeiros a definir as características da emoção. Segundo ele, é possível que existam algumas emoções exclusivamente humanas, porém não fornece nenhuma prova convincente que prove suas evidências. Algumas décadas mais tarde, Plutchik (1980, citado por RUSSELL, 1991) mostrou que mesmo com todas as diferentes formas para descrever emoções pelas diferentes línguas, há pelo menos três palavras mais ou menos comuns em todas elas: RAIVA, MEDO e FELIZ.

Bonecher (1979, citado por RUSSELL, 1991) descreve que existem algumas emoções discretas, básicas e universais, sendo que para este autor, as emoções básicas seriam: RAIVA, MEDO, FELICIDADE, TRISTEZA e NOJO. Shaver e cols. (1987) propuseram a existência de cinco termos emocionais básicos: MEDO, TRISTEZA, RAIVA, ALEGRIA e AMOR.

Para Ekman (1992), as emoções são um produto da evolução da espécie humana. Esta posição, no entanto, não nega o importante papel da cultura e dos processos de aprendizagem social em todos os aspectos da emoção. Ekman (1992) fundamenta sua teoria em estudos sobre expressões faciais que sejam universalmente entendidas pelas pessoas. Ekman; Friesen e Ellsworth (1972, citado por EKMAN, 1992) afirmam serem seis as emoções básicas: FELICIDADE, SURPRESA, MEDO, TRISTEZA, RAIVA e NOJO combinado com DESPREZO. Ainda segundo Ekman (1992), esta lista foi confirmada por outras investigações posteriores, cerca de quinze anos mais tarde, e acredita ainda que para a evolução das emoções é de extrema importância que elas informem sobre o que está acontecendo dentro das pessoas (seus planos, memórias, mudanças fisiológicas) mas também é necessário informar sobre o que vai ocorrer depois da ativação da emoção, ou seja, quais são as consequências imediatas, as tentativas regulatórias, e as estratégias de enfrentamento para lidar com aquela situação ou emoção.

Izard (1992) afirma que um bom número de teóricos, especialmente aqueles influenciados por Darwin, pela etologia contemporânea e pelas neurociências, asseguram que as emoções são fenômenos neuropsicológicos específicos, moldados pela seleção natural, que organizam e motivam modelos fisiológicos, cognitivos e de ação que facilitam respostas adaptadas para o vasto campo de demandas e oportunidades no ambiente. Izard (1992) segue

uma perspectiva biopsicoevolutiva, as emoções são chamadas de básicas por causa do seu papel na evolução, suas funções biológicas e sociais e sua primazia no desenvolvimento ontogenético.

Por fim, Ortony e Turner (1990) elaboraram um estudo crítico sobre o papel, a função, a quantidade de emoções básicas abordando principalmente a falta de consenso em entender o que sejam as emoções básicas e para elucidar alguns pontos, os autores tentaram elaborar algumas explicações. A primeira é apresentar que de acordo com os vários estudos, as emoções básicas seriam básicas devido ao seu importante substrato biológico e psicológico. A segunda explicação é que muitos teóricos ao investigarem as chamadas emoções básicas, acabam se referindo a mesma emoção usando nomes diferentes e em muitos casos, a mesma emoção é categorizada de forma diferente pelos pesquisadores. Por fim, alegam sobre a dificuldade em lidar com o assunto, principalmente devido ao fato de muitas das línguas que foram investigadas serem vagas, especialmente quando se referem a estados psicológicos.

No presente estudo, problemas com a utilização de termos e categorização de emoções procuraram ser minimizados através da utilização de termos mais frequentes na população e em específico na amostra da qual os resultados foram extraídos. Além disso, os próprios rótulos utilizados para se referirem a estas emoções são controversos, pois hora é usado o termo ‘básico’, enquanto que em outros estudos prefere-se usar o ‘fundamental’ e ainda há aqueles em que se encontra esta categoria sob o rótulo de ‘primárias’. Por fim, Ortony e Turner (1990) afirmam o quanto o campo é controverso e ilustram a falta de consenso entre os pesquisadores sobre o assunto, conforme pode ser observado pela FIGURA 2. Na época da sua publicação, este artigo foi extremamente criticado por aqueles que acreditavam na hipótese da existência de emoções básicas (EKMAN, 1992; IZARD, 1992).

Até então foram apresentadas características acerca das emoções básicas; no entanto, algumas pesquisas (ver EKMAN, 1992; RUSSELL, 1991; 2003 para mais detalhes) apresentam e partem da premissa de que se todas as outras emoções (não-básicas) sejam derivações das emoções básicas, seja por aglutinação ou avaliações cognitivas ocorridas após o processo primário de manifestação emocional, poder-se-ia supor que as outras emoções e sentimentos existentes poderiam ser categorizados como derivações das emoções básicas. Ou seja, dentro de aspectos que caracterizam as peculiaridades de cada emoção e sentimento haveria a presença de características comuns que poderiam ser descritas como reações fisiológicas idênticas (EKMAN, 1992; RUSSELL, 1991, 2003).

Referência:	Emoção Fundamental:	Base para Inclusão:
Arnold (1960)	Raiva, aversão, coragem, abatimento, desejo, nojo, medo, ódio, esperança, amor, tristeza	Relação com tendências de ação
Ekman, Friesen, & Ellsworth(1982)	Raiva, nojo, medo, alegria, tristeza, surpresa	Expressões faciais universais
Frijda (comunicação pessoal em 8/09/1986)	Desejo, felicidade, interesse, surpresa, espanto, tristeza	Formas de prontidão para ação
Gray (1982)	Raiva e terror, ansiedade, alegria	Hardwired*
Izard (1971)	Raiva, nojo, desgosto, angústia, medo, culpa, interesse, alegria, vergonha, surpresa	Hardwired*
James (1884)	Medo, aflição, amor, raiva	Envolvimento corporal
McDougall (1926)	Raiva, nojo, elação, medo, sujeição, emoção tenra (tender-emotion), maravilhado	Relação com instintos
Mowrer (1960)	Dor, prazer	Estados emocionais não aprendidos
Oatley & Johnson-Laird (1987)	Raiva, nojo, ansiedade, felicidade, tristeza	Não requer conteúdo proposital
Panksepp (1982)	Expectativa, medo, raiva, pânico	Hardwired*
Plutchik (1980)	Aceitação, raiva, antecipação, nojo, alegria, medo, tristeza, surpresa	Relação com processos biológicos adaptáveis
Tomkins (1934)	Raiva, interesse, desprezo, nojo, angústia, medo, alegria, vergonha, surpresa	Densidade de descarga emocional
Watson (1984)	Temor, amor, raiva	Hardwired*
Weiner & Graham (1984)	Felicidade, tristeza	Atribuição independente

*Hardwired: para este termo não foi encontrada uma tradução para o português. Mas possui a idéia de uma ligação forte e indissociável.

FIGURA 2: Uma seleção de listas de Emoções “Básicas”, segundo Ortony e Turner (1990).

Fonte: Adaptado de Ortony e Turner (1990, p. 316).

Pode-se perceber que na lista elaborada por Ortony e Turner (1990), não foi incluída a lista proposta por Darwin (1872/2000). Conforme dito inicialmente nesta seção, Darwin (1872/2000) foi um dos primeiros a elaborar uma lista de emoções básicas, ou seja de emoções que são comuns a culturas distintas. Porém Darwin (1872/2000) em nenhum momento denomina os termos que propôs como sendo emoções básicas. Na maioria dos estudos posteriores sobre emoções básicas, os termos propostos por Darwin (1872/2000) são citados ou reafirmados. Os termos propostos por Darwin (1872/ 2000) foram escolhidos para rotularem as categorias da

primeira fase deste presente estudo, primeiramente por ser a explicação darwiniana a mais antiga e conhecida além de ser uma das primeiras que descreve a preocupação e o reconhecimento destas emoções em muitas populações do mundo e também por ser a partir dela que outros estudos sobre o assunto se basearam.

1.4 LINGUAGEM E EMOÇÃO

A palavra linguagem pode ser entendida como um sistema de combinação de símbolos arbitrários a fim de produzir um número infinito de enunciados que tenham significados (HOCKENBURY; HOCKENBURY, 2003). O principal objetivo da linguagem é a comunicação que por sua vez consiste em expressar informações de forma significativa, de modo que possam ser entendidas por outros. A linguagem constitui-se em fundamento da cultura e foi por seu intermédio que o homem se mostrou capaz de escapar à morte e se perpetuar (VILLALOBOS, 1986). Sabe-se que a linguagem humana não corresponde a um tipo único de comunicação, podendo ser entendida como um todo coeso, composto por partes que se interligam de forma mútua. A linguagem necessita da utilização de símbolos que podem ser sons, gestos e palavras escritas. Existem palavras que se assemelham a outras quanto ao significado, algumas possuem pouca ou nenhuma relação, enquanto novas palavras podem ser inventadas. Pelo uso da palavra, a linguagem humana transforma o homem em um ser particular dentro do reino animal.

Ao longo do tempo histórico, a comunicação humana via palavras vem sendo estudada por diferentes áreas. O resultado destas investigações é uma série de propostas teóricas formuladas por vários campos do saber científico, e cada qual, ao seu modo, buscou olhar para o assunto por um prisma diferente. Um exemplo é o interesse crescente pelos estudos na área da semântica, que faz parte de uma teoria semiótica mais ampla sobre o comportamento significativo e simbólico. No entanto, o âmbito de investigação dos estudos lingüísticos engloba elementos e fatores fundamentais a uma situação de comunicação, se estendendo do texto ao contexto, tendo como fim último entender a interpretação. A linguagem verbal, em geral, é vista como característica complexa, possuidora de um papel crucial principalmente na constituição da cultura.

Para Chomsky (1998) o homem possui um tipo peculiar de organização intelectual que se caracteriza por ser um mecanismo ilimitado quanto ao seu alcance e utilização. Esta característica envolve inicialmente aspectos relativos à linguagem humana, principalmente em relação àquela que envolve a utilização de palavras. Além disso, para que sejam usadas, tanto gramaticalmente quanto cognitivamente, é necessário que as palavras estejam divididas e associadas a categorias que podem ser flexibilizadas e utilizadas em contextos apropriados e diferentes.

Assim, pela utilização de palavras, uma infinidade de objetos, fatos, pessoas e mesmo estados internos podem ser nomeados e principalmente comunicados. Ao comunicarem sobre estados internos, as palavras podem se referir às emoções e estudar tais palavras pode possibilitar meios para a compreensão do comportamento humano, principalmente aspectos que dizem respeito ao comportamento verbal. No entanto, estudos referentes às emoções são tão numerosos quanto a própria vida emocional, além de que estudar aspectos referentes às emoções não é tarefa simples, visto que a emoção não corresponde a uma única categoria de fatos e não depende de uma única variável.

Na relação possível entre emoções e linguagem, percebe-se que as palavras utilizadas para nomear emoções podem variar de acordo com as culturas e as línguas, fazendo com que uma palavra que se refere a uma emoção em uma língua não tenha sentido ou correspondência em outra. Este fato não implica dizer que a emoção não exista naquela população, mas que a sua expressão por meio de uma palavra-rótulo não recebe o mesmo tipo de codificação conceitual.

Uma outra complexidade em se realizar estudos sobre emoções é que mesmo dentro de uma mesma categoria emocional, existem populações que não possuem palavras em seu vocabulário para se referirem a variações de intensidade emocional (CACIOPPO; GARDNER, 1999; MESQUITA; FRIJDA, 1992; RUSSELL, 1991, 2003). Sobre este tópico, Russell (1991) aponta estudos com diferentes populações, citando por exemplo que muitas línguas contêm palavras similares àquilo que se entende por emoção, mas que em outras línguas e culturas podem não ter o mesmo sentido. Russell (1991) cita ainda, como exemplo, o fato dos samoanos não terem palavras para descrever os diferentes estados emocionais, no entanto, possuem a palavra “*lagona*” que agrupa em seu significado todos os termos referentes a sentimentos e sensações tal como são entendidos em outras línguas. Assim, as limitações da língua influenciam na forma como as emoções são comunicadas sendo os significados culturais responsáveis pela

construção das emoções e por tudo a elas relacionado. Acredita-se também que as limitações da língua traduzem ou influenciam a forma como os estudos relativos a emoções são realizados naquela cultura que a utiliza.

Geertz (1978, citado por GONDIM; SIQUEIRA, 2004) afirma que o homem está envolto em uma rede de significados construídos culturalmente e é através desta estrutura que palavras que descrevem estados afetivos são inventadas, eventos são vivenciados, sentimentos são expressos e é possível aprender a conviver e lidar com as incertezas da vida. Na visão convencional de comportamento relacionado à linguagem, as palavras e sentenças são dotadas de significado que é passado do falante ao ouvinte por meio de verbalização.

Segundo Baum (1999) consultar um dicionário perante uma palavra nova e desconhecida é obter um resumo de como a palavra é, o que significa e como pode ser usada. Assim, o contexto determina o significado, além de que o próprio significado de um nome é o contexto e as conseqüências de sua ocorrência. Especificamente quanto ao uso das palavras que se referem a emoções, ao comunicarem a informação verbal relevante, estas palavras possibilitam a identificação do perigo, expressam e informam sobre estados internos, falam sobre eventos comportamentais das pessoas e ajudam-nas a melhor orientarem suas ações em relação aos outros, a si mesmas e ao ambiente circundante.

Possibilitando a identificação do perigo, seja por palavras e/ou ações, as emoções exercem um importante papel na manutenção e sobrevivência da espécie, na construção histórica, no desenvolvimento humano e no ajustamento social, tornando-se fundamentais para a existência humana (GONDIM; SIQUEIRA, 2004). As emoções são também, importantes moduladoras das memórias individuais e coletivas, possibilitando significar e entender aquilo que cada indivíduo tem de mais relevante e especial em sua própria história pessoal.

CAPÍTULO 2

2.1. SURGIMENTO, REPRESENTAÇÃO E PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO EMOCIONAL

Em estudos que relacionam as emoções aos aspectos normais do desenvolvimento humano, sabe-se que o próprio amadurecimento cognitivo se torna mais sofisticado a partir do aperfeiçoamento de habilidades como a percepção, atenção, memória, raciocínio e metacognição, sendo todo este processo importante em proporcionar ao indivíduo a capacidade para que perceba e entenda seu próprio estado emocional, recorra à memória para selecionar estratégias para lidar com o estado emocional e nomeie qual é a emoção que está em curso. Nesta perspectiva, a percepção das emoções estaria subordinada ao desenvolvimento cognitivo que possibilitaria modificar com o auto-monitoramento um estado emocional, num processo chamado de regulação emocional (SANTOS, 2005).

Inicialmente é necessário entender a forma como o conhecimento, em geral, é representado para entender o que caracteriza as representações mentais, visto que ter uma representação mental é transformar em um tipo de símbolo os objetos e as situações cotidianas de uma maneira que possibilite ao cérebro humano processar e entender. Não existe uma única forma de representação que abarque todas as possibilidades de coisas que podem ser representadas. Sabe-se que no processo de representar mentalmente qualquer coisa que seja, existem determinadas idéias que são representadas de maneira mais eficaz através de figuras, enquanto outras idéias são mais facilmente representadas por meio de palavras. As diferentes representações estão organizadas de modo a se relacionarem com outros tipos de representações.

Mas, mesmo na multiplicidade de explicações, é consenso entre as teorias que abordam o modo como o conhecimento é representado, que nenhuma forma de representação é capaz de conservar todas as características reais do objeto ou da situação a ser representada. Esta

característica influencia a maneira como o conhecimento pode ser manipulado para desempenhar tarefas cognitivas (STERNBERG, 2000).

Desde o final da década de 1950, modelos explicativos sobre como a cognição funciona têm sido dominados por alternativas explicativas sobre mecanismos internos para estocagem e manipulação de dados. Notam-se também tentativas para favorecer o entendimento de como estes processos atuam nas representações para levarem ou provocarem comportamentos inteligentes. No entanto, as teorias sobre representação mental diferem no modo como assumem que o processamento ocorre a nível mental.

Os primeiros modelos em psicologia cognitiva admitiam que o conhecimento seria representado essencialmente na forma de uma rede hierárquica de informações. Este modelo tratava o conhecimento como um conjunto de informações hierarquicamente organizado e econômico em termos de processamento da informação. Na visão clássica da psicologia cognitiva (WILLIAMS; WATTS; MACLEOD; MATHEWS, 1997), as representações mentais são vistas como símbolos que correspondem a entidades semanticamente interpretativas. O processamento da informação conforme esta abordagem, dependendo da necessidade e da situação, envolve a aplicação de regras capazes de manipular estes símbolos em novas configurações. Segundo Markman e Dietrich (2000), na visão clássica, todas as aproximações ao entendimento da representação compartilham cinco suposições chave: (1) as representações são estados mediadores de sistemas inteligentes que transmitem informação; (2) os sistemas cognitivos precisam de algumas representações persistentes (ou duradouras); (3) os sistemas cognitivos têm em si, alguns símbolos; (4) algumas representações estão amarradas à sistemas perceptuais particulares, mas outras são amodais (embora as representações amodais não sejam tão flexíveis como elas inicialmente assumiram ser); e (5) muitas funções cognitivas podem ser modeladas sem considerar os sensores particulares e os sistemas efetores do agente cognitivo. O termo ‘agente cognitivo’ é utilizado por Markman e Dietrich (2000) como uma maneira para se referir tanto a organismos vivos, quanto à máquina inteligente. Desta forma, os primeiros modelos baseavam-se amplamente em modelos que comparavam o funcionamento da mente de uma forma analógica à forma como os computadores tratam a informação a ser processada. Este modelo ‘computadorizado’ da inteligência humana enfatiza o tratamento em série da informação STERNBERG (2000). As maiores críticas a este tipo de abordagem é que mesmo melhorando bastante a compreensão da representação mental e do processamento da informação em

humanos, verdadeiramente, as pessoas não manipulam a informação de forma tão eficiente e econômica quanto os modelos computadorizados que inicialmente foram apresentados.

Uma alternativa foi entender a representação a partir do estudo anatômico–funcional do próprio cérebro humano, iniciando-se estudos que entendem o processamento da informação de uma forma distribuída. Nestes novos modelos, a estrutura da rede de informações armazenadas é análoga à forma de funcionamento de um neurônio que se interliga a outros. As representações estão organizadas e dispostas para uso, assim como o próprio cérebro une e interliga as suas estruturas por meio dos neurônios. Assim, estes modelos são chamados de modelos baseados no cérebro.

Pesquisas em psicobiologia, também foram responsáveis por favorecer fortes indícios de que o cérebro humano parece engajar-se em múltiplos processos ao mesmo tempo. Estas teorias, ao contrário dos modelos computadorizados vistos anteriormente, admitem o tratamento em paralelo da informação a ser processada. Sternberg (2000) chama a atenção para o modelo conexionista. Neste modelo, o conhecimento estaria representado em termos de padrões de forças excitadoras ou inibidoras, em vez de unidades específicas contendo informação.

Mas, como é possível representar, conhecer e manipular aquilo que é sentido, principalmente em situações em que várias emoções são experimentadas simultaneamente?

A resposta a esta questão ainda permanece em aberto, pelo menos para aqueles que se dedicam a pesquisar o assunto. No entanto, algumas tentativas tem sido elaboradas para explicar como ocorre o processo de representação relativo ao conhecimento emocional.

As teorias cognitivas consideram ainda que a experiência emocional inclui variados componentes cognitivos tais como os componentes avaliativos, desejos subseqüentes e intenções (Izard, 1992). O mecanismo neural do sistema emocional funcionaria continuamente, avaliando a informação de várias fontes, assim como as características provenientes da própria informação, como por exemplo, se vinda da sensação de dor ou de processos avaliativos. Este processo determinaria a qualidade específica do estado sentimental-motivacional da emoção (IZARD, 1992). Uma teoria que trata estas questões, chamada de Teoria Avaliativa afirma que as emoções são eliciadas e diferenciadas com base na avaliação subjetiva de uma pessoa frente a uma situação, objeto ou evento com significância pessoal em um número de dimensões ou critérios (IZARD, 1992). Um outro dado da teoria de Izard é que o processamento da informação que pode ativar a emoção, pode ser de quatro tipos diferentes sendo eles: o processamento

celular, o processamento orgânico, o biopsicológico e o processamento cognitivo (IZARD,1993 citado por STRONGMAN, 2004).

Uma outra abordagem é a teoria do esquema proposta por Beck e cols. (1979, citado por ELLIS; MOORE, 1999). Esta teoria tem sido empregada em explicações sobre a ligação entre cognição e emoção e propõe que o estado prevalente de humor de uma pessoa funciona como uma estrutura para o processamento e organização da informação, sendo também responsável por guiar a recuperação de memórias específicas relacionadas ao humor prevalente naquela ocasião.

A teoria proposta por Stein e Levine (1999) diz respeito ao modo como crianças e adultos tomam consciência de eventos que evocam emoções. Os autores afirmam que neste processo, são usados tanto processos conscientes quanto processos inconscientes para entender, avaliar e responder a eventos que evocam emoções. Além disso, desde muito jovem, o entendimento emocional humano é objetivado e baseado em preferências. As estruturas mentais que governam e regulam o entendimento emocional já estão formadas mesmo antes da aquisição da linguagem. Assim, o primeiro processo avaliativo que as pessoas tipicamente realizam, está focado no que aconteceu em uma situação em que houve expressão emocional e naquela situação que de uma forma específica causou aquela emoção.

Deste modo, à medida que as pessoas passam por todo o processo normal de desenvolvimento, elas seriam capazes de formular uma explicação teórica individual sobre suas emoções e sentimentos. Esta característica funcionaria também na avaliação de reações emocionais observadas em outras pessoas. Esta capacidade é conhecida pela expressão em inglês *Folk Psychology*, ou psicologia do senso comum (no entanto manteremos o termo original em inglês), que trata de uma característica inerente ao ser humano que tem a função de auxiliar o discernimento e a diferenciação entre uma emoção e outras. De acordo com Griffiths (1997), a *Folk Psychology* é importante, pois apresenta o modo como ocorre, dentro da rede de processamento da informação, a construção do conceito coloquial de uma emoção. Isto é possível porque na estrutura básica da *Folk Psychology*, as emoções são conceitualizadas em termos representacionais e as ações são explicadas em termos de intenções entre crenças e desejos.

Griffiths (1997) aponta que é necessário e importante ao tentar compreender o que sejam as emoções considerar a relação entre características da expressão emocional e as construções

sociais. As emoções, mesmo com um forte componente inato e evolutivo, não deixam ser constructos sociais, cujo entendimento só é possível quando analisado sob a ótica do contexto em que os indivíduos se inserem. São as interações com o outro que determinam o contexto, sendo este influenciado principalmente pela cultura, pela linguagem e pelo sistema de crenças existente naquela população. Assim, o desenvolvimento da linguagem e da consciência tem um importante papel na elaboração dos sentimentos, visto que a conotação destes será diferenciada nas várias fases do desenvolvimento. No início da vida, sentimentos e emoções não poderiam ser diferenciados e somente pelos processos de desenvolvimento físico e mental e através da interação social é que emoções e sentimentos se tornariam funcionalmente diferentes (SANTOS, 2005). Nota-se também, que aspectos relativos à intuição estão fortemente presentes em modular aspectos emocionais no início da infância. Nesta fase, os sentimentos têm forte relação com aspectos intuitivos e somente através do desenvolvimento gradual da cognição e da linguagem é que os sentimentos moldam-se em representações cognitivas, enquanto outros são incorporados através do processo de interação social entre o indivíduo e o meio em que vive. O desenvolvimento acarreta mudanças internas e externas e manter-se vivo impõe necessidades. Assim, à medida que o processo de desenvolvimento caminha rumo à vida adulta, a capacidade de controle de comportamentos e emoções torna-se melhorada.

Propriamente sobre a gênese emocional, percebe-se que através da seleção natural, o cérebro humano tem adquirido funções, também no que diz respeito à categorização afetiva e como responder a ela adequadamente. As categorizações afetivas são formadas através da cognição e aprendizagem e para tal levam em consideração também as contingências do ambiente aos quais os indivíduos estão expostos (CACIOPPO; GARDNER, 1999). Crianças e adultos usam tanto processos conscientes quanto inconscientes para entender, avaliar e responder a eventos que evocam emoção (STEIN; LEVINE, 1999). Ainda segundo Stein e Levine (1999), sabe-se que estruturas mentais, que governam e regulam o entendimento emocional, já estão formadas mesmo antes do surgimento da fala e desta maneira, o processo de entendimento emocional pode ser caracterizado por quatro dimensões:

1. A evocação da emoção sempre sinaliza que algum tipo de mudança foi percebida em um objetivo pessoal significativo. Ou seja, a emoção sinaliza que certo output (um estímulo externo) não pode ser desconsiderado, tem alguma ou extrema relevância e precisa ser urgentemente avaliado.

2. Uma correspondência um-a-um entre um certo evento e uma emoção específica não existe. As avaliações feitas sobre as causas e as conseqüências de um evento, tanto quanto o evento por si mesmo, determina se e qual emoção será experienciada. Entende-se com esta característica que mesmo eventos similares podem desencadear reações emocionais diferenciadas entre pessoas e até mesmo numa mesma pessoa em pontos diferentes do tempo.
3. A natureza involuntária da experiência emocional é a terceira dimensão que caracteriza o processo de entendimento da emoção. Ou seja, as pessoas não planejam experienciar uma emoção em uma certa situação e este não-planejamento, torna as situações diferenciadas e novas, possibilitando até mesmo um certo controle das reações emocionais desencadeadas nestes eventos.
4. Esta quarta dimensão caracteriza que o entendimento emocional é o pensamento causal, focado em um objetivo e que planeja processos que operam continuamente através da experiência de uma emoção.

Para Eslinger e Tranel (2005), tem se tornado claro a partir da investigação científica, que a cognição abrange habilidades específicas para ampliar, elaborar, forçar, e regular emoções que são cruciais para a adaptação social. A emoção, por outro lado, é aquilo que alegra/vivifica, registra, focaliza e sustenta os processos cognitivos, influenciando a atenção, o pensamento, a memória e os processos de tomada de decisão. A ‘emocionalidade’ de certos conteúdos, com os quais as pessoas lidam no dia-a-dia também influenciam o modo como as pessoas raciocinariam de forma lógica (BLANCHETTE; RICHARDS, 2004). Além disso as emoções possibilitam o reconhecimento dos eventos e possibilita o surgimento de ações para lidar com estes eventos (OCHSNER, 2000).

Feldman Barrett (2004) enfatiza que existe entre as pessoas uma variação da representação semântica da linguagem emocional e segundo a autora, as representações semânticas são obtidas a partir de julgamentos de similaridade entre palavras que se referem a emoções elaborados por participantes e coletados em pesquisas sobre o assunto. O conhecimento semântico refere a um corpo impessoal, genérico e conceitual de conhecimento que é compartilhado por membros de uma mesma cultura (TULVING, 1972 citado por FELDMAN BARRETT, 2004). Na literatura sobre o assunto, discussões e referências sobre o que venham a ser as representações genéricas recebem nomes diferentes. Entre eles é possível destacar alguns

termos como os esquemas, scripts, os protótipos e os estereótipos. Todos estes termos têm em comum a noção de que características compartilhadas por membros de uma categoria ocupam lugares centrais em uma representação mental organizada (SHAVER e cols., 1987). Além disso, vários componentes do conhecimento emocional são semelhantes a partes de um todo organizado. O conhecimento emocional organizado em representações genéricas faz parte da forma como as interações sociais ocorrem, sendo que o conhecimento sobre o funcionamento emocional se desenvolve consideravelmente entre a infância e a idade adulta. Na infância, é possível notar que as crianças estabelecem um vocabulário rudimentar sobre as emoções, podendo reconhecer, nomear e saber alguns aspectos relativos aos antecedentes situacionais de algumas emoções, além de elaborar métodos para controlar a expressão de emoções negativas (SHAVER e cols., 1987).

Quanto ao processamento da informação emocional e partindo da premissa de que as emoções tem a múltipla função de identificar o perigo, preservar a vida e registrar momentos significativos na história de um povo ou de uma pessoa (GONDIM; SIQUEIRA, 2004), é bastante provável que a cognição possui recursos específicos para processar a informação emocional. Os vários componentes envolvidos no processamento da informação emocional seriam partes interconectadas de um aparato maior, mais complexo e extremamente organizado chamado de afeto(s) e que abarcaria os sentimentos, os humores e os temperamentos e que teriam como característica comum uma estreita relação com aspectos cognitivos.

Esta idéia favorece uma visão funcional da emoção, a qual sugere que conforme emoções específicas aparecem, algumas vias particulares de pensamento são ativadas ou ocorre a probabilidade de se formular certas inferências sobre a situação que antecede o episódio emocional (BLANCHETTE; RICHARDS, 2004). As emoções envolveriam informação cognitiva sobre antecedentes, conseqüências e reações de uma forma altamente elaborada e conscientemente disponível (FORGAS, 1995). Desta maneira, segundo Blanchette e Richards (2004), diferentes conteúdos emocionais podem ter efeitos específicos no raciocínio, como pode ser predito por uma visão funcional sobre o papel do efeito de uma emoção sobre o próprio processo de raciocínio.

Quanto à relação específica entre emoção e memória, estudos indicam que na memória de longo prazo, a informação negativa é melhor lembrada do que informação neutra e que diferenças em processos importantes para a memória de trabalho podem contribuir para a

acentuação desta memória emocional (KENSINGER; CORKIN, 2003). Philippot; Schaefer; Herbette (2003) investigando também a relação entre emoção e memória, concluíram que o modo como as pessoas processam suas memórias pessoais afeta a intensidade de seus sentimentos em situações emocionais. Segundo Christianson e Engelberg (1999), as emoções por si mesmas podem constituir em uma forma de memória que o cérebro pode codificar e estocar, particularmente memórias de valência negativa

Desta maneira, ao tomar caminhos diferentes dentro da própria relação cognição-emoção, foi possível notar um crescimento de pesquisas sobre a influência das emoções em aspectos perceptivos, de atenção, memória, raciocínio, tomada de decisão entre outros (CACIOPPO; GARDNER, 1999). Esta busca por pontos de intersecção possibilita uma melhor compreensão do funcionamento do aparato cognitivo, principalmente em aspectos relacionados ao modo de funcionamento relacionado às emoções. Ainda segundo Cacioppo e Gardner (1999) tais estudos são importantes, pois podem possibilitar a criação de técnicas psicoterapêuticas interventivas mais eficazes no futuro.

2.2. CATEGORIAS EMOCIONAIS E PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO

A tarefa de colocar coisas em categorias é característica que acompanha o homem desde seus primórdios. Ao fazer separações entre objetos, situações, pessoas, o homem busca organizar o mundo, favorecendo também o modo como aprende a conhecer sobre si mesmo e o mundo em que vive.

Segundo Chin-Parker e Ross (2004), as categorias são um componente essencial da cognição humana, porque organizam as experiências, o que torna as pessoas aptas a distinguirem entre diferentes tipos de itens e reconhecerem o que é compartilhado pelos membros de um grupo particular de itens ou categoria. Além disso, o que é aprendido sobre as categorias, e subseqüentemente representado é determinado pelo foco do seu uso e desta maneira, as pessoas aprendem sobre categorias assim como se focam em diferenciá-las. Aprender categorias em situações da vida real é uma combinação de diferentes tarefas, como a classificação, inferência, resolução de problemas e explicação (CHIN-PARKER; ROSS, 2004).

De um modo geral, as categorias podem ser entendidas e tomadas como grupos ou conjuntos de itens concretos ou abstratos que o sistema cognitivo trata como equivalentes para algum propósito. As categorias seguem regras seletivas, algumas têm certa flexibilidade para a inclusão de itens, sendo que o conteúdo de uma categoria pode estar interligado ao conteúdo de outras, mesmo aquelas novas categorias criadas no decorrer do tempo.

A capacidade para saber distinguir entre um item e outro quanto a semelhanças ou diferenças é importante, também, para entender o modo como a categorização de emoções ocorre. Cotidianamente, as pessoas experimentam diferentes tipos de estados emocionais, em situações variadas. Em parte, existem situações em que certas expressões emocionais são mais esperadas ou quase que exigidas quando comparadas a outras, como sorrir ao ganhar um presente, ter nojo ao provar algo estragado, chorar ou mostrar-se triste quando alguém conhecido morre. Muitas destas expressões podem variar conforme as pessoas de um mesmo convívio social ou entre as várias práticas religiosas exercidas por pessoas integrantes de um mesmo país ou cultura. Neste sentido, percebe-se que tanto características individuais, mas principalmente aspectos grupais são importantes para delimitar a existência e expressão emocional.

Em específico sobre a categorização de emoções, é possível verificar que as emoções aumentam o uso de todas as categorias a elas relacionadas. Conforme já discutido anteriormente neste texto, a primeira característica das emoções é indicar a ocorrência de alguma alteração interna ou externa. Estas alterações levarão ao processamento de informações com conteúdo positivo ou negativo e independente deste conteúdo, ambos serão organizados na memória para serem utilizados no momento apropriado.

Segundo Niedenthal, Halberstadt e Innes-Ker (1999), as categorias de resposta emocional podem ser conceituadas como agrupamentos de objetos ou eventos que são capazes de eliciar a mesma resposta emocional. Existem alguns modelos representativos que explicam o modo como a estrutura da experiência emocional está cognitivamente organizada. Niedenthal; Halberstadt e Innes-Ker (1999) expõem estes modelos assumindo que suas diferenças mais contundentes consistem em tratar as emoções de forma uni ou multidimensional.

O exemplo de um modelo unidimensional discutido pelos autores consiste em discutir as emoções sob a teoria do *Afeto Positivo*. Segundo Isen (1999), o afeto positivo poderia ser definido e entendido como estados amenos de prazer causados por eventos diários e que reorganizam o material armazenado na memória. O afeto positivo poderia ser entendido como

um contínuo que varia entre estados ligeiramente felizes até a mania. Porém, o afeto positivo não deve ser tomado simplesmente como o estar de bom humor todos os dias e nem seria um estado de ver a vida sempre cor-de-rosa e feliz (ISEN,1999).O afeto positivo reorganiza o material processado e as informações recebidas, estocando-as na memória, funcionando através de múltiplos processos que facilitam a integridade do pensamento para agrupar informações semelhantes (NIEDENTHAL; HALBERSTADT; INNES-KER, 1999).

De acordo com Niedenthal; Halberstadr e Innes-Ker (1999), um outro modelo explicativo sobre a experiência emocional é um modelo bidimensional que inclui uma dimensão de valência e uma dimensão de ativação percebida.

Em psicologia, as pesquisas sobre categorização inicialmente estiveram bastante ligadas às idéias behavioristas e abordaram apenas a aprendizagem de categorias. Atualmente, ainda é possível encontrar estudos sobre aprendizagem de categorias, principalmente em tarefas de laboratório, porém, os resultados dos estudos em ambientes pré-programados devem ser tratados com cuidado principalmente quando forem utilizados para explicar o modo como a categorização ocorre em situações reais e cotidianas (MARKMAN; ROSS, 2003).

Fatores importantes contribuiram tanto na evolução quanto no processo humano de elaborar categorizações. Entre estes fatores, destaca-se a união de pessoas em grupos formando comunidades com sua cultura particular, o surgimento de formas de comunicação intra e extra-grupos como a linguagem verbal articulada e a invenção de formas de representação gráfica como a escrita. Desta maneira, a comunicação utilizando formas diferentes de linguagem, possibilitou tornar os objetos, os ritos, as regras e os afazeres cotidianos compreensíveis proporcionando uma melhor comunicação daquilo que é aceito, repreensível, confortável ou desagradável.

Com a utilização da linguagem verbal ou gestual como meio de comunicação, nomear objetos, ações, idéias e modificações corporais tornou-se mais rápido e compreensivo, fazendo com que mesmo sem ter uma clara consciência daquilo que está envolvido na situação, dar um nome a um objeto, à própria situação ou a uma modificação corporal é algo quase que automático e rápido que possibilita o acionamento de recursos para lidar com as diferentes situações até as perigosas e imprevisíveis de forma imediata, mesmo sem conhecer ou esclarecer os efeitos do ambiente. Este processo é importante na história humana, pois ajuda a avaliar

situações ou objetos potencialmente perigosos ao indivíduo ou ao grupo, evitando danos físicos e principalmente a morte por acidentes ou ataque de predadores.

Nesta perspectiva, rotular ou dar um nome ao que é visto, permite o ‘falar sobre’ em outro momento do tempo e fazer referências mesmo quando o objeto não está presente e a situação já passou. Esta é uma característica importante da imaginação, que permite planejar ações ou evitar perigos, mesmo quando presentemente não estão sendo percebidos pelos órgãos dos sentidos.

O nomear, no entanto, não se restringe a objetos, pessoas ou situações já conhecidas, rotular o que é visto ou sentido pode ser estendido não só para descrever as modificações corporais, mas também para objetos, sensações ou situações novas. Perante a novidade, a cognição humana começa um processo de reconhecimento e posterior classificação, tentando encontrar uma categoria pré-existente na qual o ‘novo’ possa ser incluído ou mesmo criar uma nova categoria, que possibilita também dar-lhe um nome, atribuindo-lhe propriedades que o caracterizem.

Dar um nome, agrupar coisas semelhantes e distinguir diferenças são características da categorização e é investigando a disposição de categorias ou o modo como itens são agregados ou não, a certas categorias é que existe a possibilidade de estudá-las (JANCZURA, 1996). Segundo Anderson (1991) a categorização é adaptativa e possui regras que manipulam as representações mentais para atender no momento apropriado a processos importantes como as memórias, a criatividade, o raciocínio, a atenção, as emoções entre outros. Esta característica possibilita a formação de inferências que melhor organizam os julgamentos de similaridade (YAMAUCHI; MARKMAN, 2000). Assim, a categorização pode ser definida como o processo no qual entidades distintas de um objeto ou evento são tratados ou entendidos como equivalentes (MEDIN; AGUILAR, 1999).

Cotidiana e popularmente, a categorização é vista também no imaginário dos poetas, dos escritores, dos artistas e das pessoas em geral, como forma de retratar e organizar a realidade interna e externa.

Estudar e informar sobre o modo como ocorre a categorização, não é tarefa exclusiva de uma única área como a psicologia, outras áreas como a matemática, a física, a sociologia, a química e outras desenvolvem estudos que abordam o assunto. Há diferentes pontos de vista teóricos que discutem o papel da categorização. Entre eles é possível citar estudos sobre

categorização social (RUSSELL, 1991; INNES-KER; NIEDENTHAL, 2002), aprendizagem e uso de categorias (MARKMAN; ROSS, 2003), conteúdo de categorias naturais (RIPS, 2001), aquisição de categorias (MARKMAN; MAKIN, 1998), funcionamento e características para agrupar objetos concretos e abstratos (REHDER; ROSS, 2001).

Investigar o processo da categorização é buscar alternativas para compreender a própria estrutura da mente, principalmente ao ver pessoas agrupando coisas, nomeando objetos ou situações novas e usando conceitos para se referirem ao ambiente percebido. No processo de representação do conhecimento, a categorização é fundamental para a experiência humana, tornando a vida mais fácil, economizando atividade cognitiva e tornando a comunicação mais efetiva (NIEDENTHAL; HALBERSTADT; INNES-KER, 1999). Neste processo, importantes fatores exercem forte influência tais como a idade e o sexo.

No entanto, a forma como a categorização ocorre, sofre importantes variações. A um nível social/grupal, a categorização busca por estabilidade para compreender o mundo e o comportamento, além de ser influenciado pela percepção do ambiente. Desta forma, as pessoas formam categorias de situações que lhes são mais peculiares e apresentam maneiras diferentes de atribuir categorias (PERVIN, 2004). Estas, a um nível individual, sofrem influência da personalidade que determina a forma como cada pessoa categoriza as situações. Sofre também influência dos sentimentos e comportamentos que a pessoa associa a cada situação. Segundo Pervin (2004) as pessoas são estáveis mesmo em situações diferentes que tenham o mesmo significado para elas, mas são variáveis em relação a situações que possuam significados diferentes e que sejam associados a sentimentos diferentes.

Em estudos envolvendo categorização, cultura, linguagem e o momento social em que as investigações foram feitas devem ser consideradas como variáveis importantes, pois quando se fala da formação de categorias, não é possível entendê-las sem relacioná-las com a cultura, visto que a cultura de um povo é a principal fonte construtora de categorias (ROSCH, 2002). Além disso, toda a habilidade das pessoas para formarem preferências é de certa maneira influenciada pelas categorias que elas possuem (MARKMAN; ROSS, 2003).

No processo de aprendizagem classificatória, o objetivo é saber dividir itens em grupos, focando na informação entre categorias e dentro das mesmas. Diferentes tipos de estratégias podem ser usadas para classificar itens, tais como os protótipos (melhores exemplos), exemplares, regras ou alguma outra combinação assim como exceções adicionais a regras

(MARKMAN; ROSS, 2003). Em essência existem três classes de modelos teóricos que podem ser usados para explicar dados derivados de estudos de categorização: modelos prototípicos, modelos do exemplar e modelos baseados em regras. Estes modelos serão detalhados a seguir.

Modelos prototípicos e do exemplar são baseados na similaridade. Nestes modelos teóricos, as pessoas classificam cada instância em virtude de sua similaridade com uma representação armazenada daquela categoria. Nos modelos prototípicos, a representação categórica estocada consiste em uma média ilustrativa daquela categoria (MARKMAN; ROSS, 2003). Para os modelos prototípicos, uma única representação da tendência central da categoria chamada de protótipo é abstraída no decorrer do processo de aprendizagem representado assim, uma média das instâncias experimentadas (JANCZURA, 1995). Assim, as categorizações seriam realizadas baseando-se em julgamento de grau de proximidade entre exemplos e protótipos armazenados na memória. No entanto, considerando a grande variabilidade de conceitos que compõem o conhecimento humano, é pouco plausível admitir que todos estes conceitos sejam representados através de um único tipo de estrutura prototípica (JANCZURA, 1995). Um segundo modelo teórico é aquele baseado no exemplar. Neste modelo, as categorias são representadas por um conjunto de exemplares estocados. Cada item a ser classificado em uma categoria só é colocado após determinar se há similaridade entre aquele item com outros exemplares dentro daquela categoria. Um exemplo, citado por Rouder e Ratcliff (2004), mostra que neste modelo, uma pessoa é julgada como ‘alguém alto’, se ela é similar na altura com outras pessoas que já foram previamente classificadas como altas. Assim, em modelos do exemplar, exemplares são estocados com o rótulo da categoria a qual pertencem (MARKMAN; ROSS, 2003).

O terceiro modelo teórico é aquele que se baseia em regras. Neste modelo, as decisões para classificar um item se baseiam em uma regra abstrata. Desta forma, a essência de um processo de categorização baseado em regras é que o seu processamento é baseado em regras pré-estabelecidas e não em um traço específico da informação por ela mesma. Utilizando um exemplo ilustrativo, para este modelo, uma pessoa só pode ser considerada alta se ela for percebida como tendo mais de 1,83 m de altura (ROUDER; RATCLIFF, 2004). Desta forma, conforme este modelo as pessoas tentam encontrar alguma regra que permita que todos ou a maioria dos itens sejam colocados dentro da categoria correta. Quando há exceções à regra, as

mesmas devem ser estocadas separadamente em outras ou novas categorias (MARKMAN; ROSS, 2003).

Através do estudo sobre os modelos teóricos relativos ao modo como ocorre a categorização é possível observar a existência influenciadora de um alto grau de variabilidade individual. E quando os estímulos são confusos os resultados são consistentes com os modelos baseados em regras, porém, quando os estímulos são claros e distintos há uma preferência por uma interpretação baseada no modelo teórico do exemplar. Assim, o tipo de informação determina qual sistema ou processo irá mediar o processo de categorização (ROUDER; RATCLIFF, 2004). O processo de categorização pode ser observado desde tarefas simples, como julgar palavras ou expressões emocionais e pode ser avaliado tanto em um nível individual mas também em um nível grupal entre pessoas diferentes ou indivíduos que compartilham de uma mesma cultura.

A partir do que foi discutido, tem-se a idéia de que as emoções influenciam no modo como as informações são processadas e organizadas de forma categórica na memória. É possível também ter acesso ao conhecimento declarativo sobre uma emoção ou outra através da utilização de conceitos semânticos a elas relacionados sem necessariamente ativar expressões corporais ou a própria emoção a que se referem.

Em pesquisas sobre emoções e termos relacionados, usualmente os dados são estatisticamente apresentados através de modelos dimensionais que buscam apresentar graficamente o relacionamento entre diferentes termos, mantendo a integridade dos mesmos. Os modelos multidimensionais obtidos a partir do Escalonamento Multidimensional (MDS) mostram-se os mais adequados para alcançarem estes objetivos. Discussões quanto à forma de utilização de métodos multidimensionais de análise e medidas de similaridade serão apresentadas no próximo capítulo.

2.4. ENTENDENDO EMOÇÕES A PARTIR DE ESTUDOS COM PALAVRAS

A linguagem constitui-se de palavras e expressões que representam características e situações constantes e significativas da vida dos indivíduos (GUZZO; PINHO; CARVALHO,

2002). Em estudos sobre emoções e sentimentos é comum encontrar investigações transculturais que abordam sobre as diferenças e semelhanças entre culturas e peculiaridades quanto ao modo como as pessoas expressam suas emoções e sentimentos (CACIOPPO; GARDNER, 1999). Em meio às possibilidades para investigar aspectos relacionados às emoções, um dos meios para estudar a expressão e a organização das emoções humanas é através do estudo de significação de palavras a elas relacionadas.

A gramática facilita a construção de representações mentais usando tanto processos perceptivos quanto processos atencionais (MARKMAN; DIETRICH, 2000). Deste modo, o significado de um elemento representacional é também determinado por sua relação com outros elementos representacionais.

Além disso, as pessoas, de um modo geral, possuem conhecimentos particulares e gerais, capazes de dar significado às próprias reações emocionais. Este conhecimento genérico ou geral sobre as emoções refere-se aos conceitos individuais do que são as emoções e o que as suas experiências acarretam. No entanto, existem situações em que as pessoas podem experimentar emoções, mas não terem palavras adequadas ou conhecidas para descrevê-las. Embora as pessoas possam descrever o que seja tristeza, elas podem não saber nomear as situações capazes de deixá-las tristes (NIEDENTHAL; HALBERSTADT; INNES-KER, 1999). Desta maneira, palavras que se referem a emoções podem ser utilizadas para compreender aspectos relativos a estas, tornando-se importante instrumento de comparação entre termos relativos a emoções dentro de uma mesma língua (GUIDO; PROVENZANO, 2004).

A frequência e o modo de como termos relativos a emoções são utilizados em uma língua, tendem a variar com a idade. Segundo Storm e Storm (1987) a hipótese para este processo de mudança é que primeiramente as crianças adquirem um nível básico de conceitos emocionais que definem apenas características mais gerais e à medida que se desenvolvem começam também a desenvolver mecanismos de diferenciação, sendo que este processo abrange áreas da aquisição da linguagem, do desenvolvimento cognitivo, do desenvolvimento social e emocional. Em pesquisas que utilizam palavras como estímulos, além de aspectos relativos à utilização das mesmas, outros aspectos podem ser avaliados, como por exemplo, entender a forma como cada cultura classifica suas emoções baseando-se em sua forma de expressão, inclusive via fala articulada.

CAPÍTULO 3

3.1. ESCALONAMENTO MULTIDIMENSIONAL E MEDIDAS DE SIMILARIDADE

Entre as formas de estudo sobre a similaridade existente entre objetos e conceitos, Lopes (1996) destaca o emprego do julgamento de similaridade entre objetos, como, por exemplo os estudos que elaboram matrizes de similaridade entre letras e os estudos que utilizam a similaridade como variável independente no estudo de processos cognitivos.

Quanto aos estudos que utilizam palavras como estímulos, percebe-se que nestes, o principal objetivo é encontrar palavras adequadas para explicar diferenças individuais e/ou agrupar conjuntos de termos que representem características individuais que façam parte de um mesmo grupo. Em psicologia, estudos com palavras não estão relacionados somente a emoções, mas é possível encontrar o emprego de palavras em tarefas que investigam o efeito Stroop, tarefas de busca visual e mesmo para encontrar palavras que possam ser utilizadas como descritores de personalidade, (GUZZO; PINHO; CARVALHO, 2002). Tais estudos são importantes principalmente para que futuramente seja possível construir taxonomias, seja para explicar e representar constructos relativos à personalidade ou mesmo para delimitar quais emoções existem ou são mais comuns em certa população. Investimentos em tais estudos podem fornecer elementos alternativos para a elaboração de instrumentos de avaliação e pesquisa psicológica.

Quanto à forma de mensurar a similaridade entre estímulos, alguns tipos de técnicas mostram-se mais eficazes nesta tarefa e serão apresentados a seguir. Modelos geométricos têm sido, entre todos os existentes, os mais utilizados ao se analisar a similaridade entre estímulos, sejam físicos ou abstratos.

Dois fatores são primordiais quanto à escolha dos métodos de análise em pesquisas relativas à similaridade entre estímulos. O primeiro se refere à natureza essencialmente qualitativa dos dados, que requer o uso de um tipo de estatística não-paramétrica e o segundo diz

respeito à natureza daquilo que está em estudo, que necessita de procedimentos estatísticos que mantenham a integridade dos dados (ROAZZI; FEDERICCI; CARVALHO, 2002).

Técnicas multidimensionais fornecem alternativas promissoras para acessar diferenças na organização perceptual (TREAT; McFALL; VIKEN; NOSOFSKY; MACKAY; KRUSCHKE, 2002). Ainda segundo estes autores, muitas pesquisas em psicologia utilizam este tipo de análise como alternativa para fornecer e entender a representação perceptual de uma pessoa ou de um grupo de pessoas. Além disso, com um conjunto de dados estas representações podem ser comparadas significativamente porque todos os participantes fizeram julgamentos sobre um mesmo conjunto de estímulos (TREAT e cols., 2002).

No entanto, em qualquer tipo de estudo que utilize métodos dimensionais, deve-se considerar que julgamentos de similaridade são relativamente comuns e sensíveis ao contexto (STORM; STORM, 1987). Sendo assim, análises obtidas a partir de tais estudos devem ser tratados com cautela, principalmente se forem utilizados de forma inadequada como fonte de explicação para o que acontece em toda a população. Desta maneira as análises dos resultados e das configurações de pontos obtidas através do Escalonamento Multidimensional devem ser analisados levando também em consideração variáveis como o sexo e a idade dos participantes.

Quanto a estímulos emocionais sabe-se que diferenças entre conceitos e termos podem ser dispostas em um espaço geométrico (FELDMAN BARRETT, 2004) e como resultado, tem-se as posições relativas de cada termo, além de que podem refletir as diferenças qualitativas e quantitativas de termos ao longo de uma mesma dimensão.

Em um espaço geométrico, quanto menor for a distância entre duas emoções, maior será o grau de similaridade entre aqueles dois termos. Quando submetidas a um espaço geométrico através da utilização de uma das técnicas de análise multidimensional (AMD), os pares de palavras representam um mapeamento da estrutura cognitiva daquelas palavras quando em uma mesma dimensão (FELDMAN BARRETT, 2004). As similaridades entre palavras que denotam emoções em termos de valência e ativação são supostamente derivadas da estrutura cognitiva geral da linguagem emocional (FELDMAN BARRETT, 2004). No entanto, em tais procedimentos as pessoas não abordam sobre as propriedades que foram usadas como referencial para a formulação dos julgamentos de similaridade, elas apenas apontam a similaridade (mais perto, ou mais longe) daqueles dois termos.

Os modelos da AMD, também se subdividem em vários tipos e recebem nomenclaturas variadas ao longo dos estudos que os utilizam. Neste sentido, é possível encontrar o mesmo procedimento com a nomenclatura de Escalonamento Multidimensional com a sigla de MDS (que vem do inglês 'Multidimensional Scaling'), sendo esta nomenclatura, a mais utilizada na literatura brasileira.

O escalonamento multidimensional (MDS) se refere a uma série de técnicas que ajudam o pesquisador a identificar dimensões-chave inerentes a avaliações feitas por respondentes quanto a objetos, comparação de qualidades físicas, percepções e até mesmo a avaliação de diferenças culturais entre grupos distintos (HAIR; ANDERSON; TATHAM; BLACK, 2005). O objetivo principal do MDS é transformar julgamentos de respondentes quanto à similaridade ou preferências em distâncias representadas em um espaço dimensional. Um outro ponto a ser destacado é que em MDS, o foco não está nos objetos em si, mas no modo como o(s) indivíduo(s) percebe(m) os objetos. Os modelos de MDS representam relações de similaridade entre estímulos em termos de um modelo geométrico que consiste de um conjunto de pontos inseridos em um espaço dimensionalmente organizado (LOPES, 1996).

O escalonamento multidimensional é um conjunto de técnicas matemáticas que possibilitam ao pesquisador descobrir a 'estrutura escondida' de uma base de dados (KRUSKAL; WISH, 1981). Estas técnicas matemáticas usam proximidades entre objetos como dados a serem analisados. Para Kruskal e Wish (1981) uma proximidade é um número que indica o quanto dois objetos são similares ou diferentes, ou como são percebidos como tais. Neste tipo de análise, os dados são representados em uma configuração geométrica de pontos como se fosse um mapa em que cada ponto na configuração corresponde a um dos objetos. Contudo os autores salientam que mais importante que descobrir esta configuração é possibilitar a concepção de uma interpretação plausível sobre os mesmos.

Após a coleta dos dados, o escalonamento multidimensional pode contribuir para a determinação de quais dimensões foram usadas pelos participantes quando avaliam objetos além de determinar o número de dimensões que foram usadas em uma situação e como os objetos estão relacionados em termos de percepção (HAIR & cols., 2005).

Santos (1978) descreve o MDS como sendo uma técnica estatística capaz de fornecer uma representação espacial de um conjunto de estímulos psicológicos a partir das medidas de similaridade entre eles. Santos (1978) acrescenta que estes estímulos podem ser, a princípio, de

qualquer natureza e que o MDS consiste basicamente em ajustar uma configuração de n pontos num espaço r -dimensional, tal que as distâncias nesse espaço e as medidas de similaridade sejam monotonicamente relacionadas.

Diferentemente das outras técnicas multivariadas, o escalonamento multidimensional não emprega uma variável estatística. Segundo Hair e cols. (2005), no lugar de apresentar ‘variáveis estatísticas’, estas são inferidas a partir de medidas globais de similaridade entre os objetos, ou seja, é como se ao fornecer a variável dependente (similaridade entre objetos) fosse possível descobrir quais deveriam ser as variáveis independentes (dimensões perceptuais).

O MDS pode ser dividido em dois tipos: métrico e não-métrico. O tipo métrico, segundo Kruscal e Wish (1981) caracteriza-se pela necessidade de usar os valores das similaridades no processo de ajuste e consiste em um método para a construção da configuração a partir das distâncias euclidianas entre os pontos, através de um método altamente relacionado com a análise fatorial. Neste caso, todas as medidas devem satisfazer à seguinte relação: dados três conceitos p , j e k : $S_{jk} \leq S_{pj} + S_{pk}$, para todo p , j e k , onde S_{jk} é a medida de similaridade entre os conceitos j e k .

Em relação ao tipo não-métrico, este não usa os valores das similaridades no processo de ajuste, sendo portanto necessário a ordenação dessas medidas. Assim, quando é fornecida apenas a ordem crescente ou decrescente das similaridades, o algoritmo é que determina qual a configuração gráfica que melhor se ajusta aos valores experimentais. Desta forma, este ajuste é tal que a ordem das distâncias entre os pontos da configuração gráfica seja tão próxima quanto possível da ordem das similaridades. Assim, por exemplo, se a medida de similaridade entre os conceitos j e k é a menor entre todas, ocupa a primeira posição na ordem crescente, desta forma, a distância entre os pontos j e k da configuração deverá ter um valor tão próximo quanto possível da primeira posição na ordenação das distâncias (SANTOS, 1978). Se a similaridade entre os conceitos j e k ocupa a posição x na ordenação, então a distância entre os pontos j e k também ocupará a posição x na ordenação das distâncias.

Segundo Hair e cols. (2005) tanto os métodos métricos (avaliações) de coleta de dados quanto os não-métricos (ordenações) podem ser usados. Ao obter dados relativos às similaridades, o pesquisador está tentando, em muitos casos, determinar quais itens são os mais parecidos uns com os outros e quais são os mais diferentes. Para obter julgamentos relativos à

similaridade, o método mais usado é o que utiliza pares de objetos. Neste caso, dependendo da tarefa e do tipo de estudo, é proposto aos participantes ordenarem (método não-métrico) ou avaliarem (método métrico) a similaridade de todos os pares de objetos. Ao ordenar todos os pares de objetos ou estímulos os itens podem ser organizados do mais ao menos similar. Por outro lado, ao serem avaliados, os objetos que formam cada par sofrem uma avaliação de similaridade que, por exemplo, podem ser de 1 para ‘nada similar’ a 5 ‘muito similar’.

Assim, em MDS, não é necessário especificar as atividades de comparação para o respondente, pois o que se exige é a especificação dos objetos (apresentar os pares com as palavras) e garantir que os mesmos compartilhem uma base comum de comparação (fornecida pela escala Likert que deve ser usada para todas as comparações realizadas). Essa flexibilidade torna o MDS particularmente adequado a estudos nos quais as dimensões de avaliação podem ser muito globais ou muito emocionais e afetivas para serem medidas por escalas convencionais (HAIR e cols., 2005).

Porém, Goldstone; Medin e Gentner (1991) criticam os modelos dimensionais como forma de explicar os dados obtidos de tarefas de categorização, principalmente por considerarem que os modelos de similaridade não levam em consideração o próprio processo de comparação entre si, pois a similaridade não consiste apenas na relação entre duas coisas ou dois conceitos, mas falar em similaridade implica abranger tanto a relação quanto o processo interativo das características dos objetos que se relacionam. Contudo, os modelos multidimensionais ainda são amplamente utilizados tendo em vista que fornecem subsídios para entender a forma como os conceitos emocionais estão ordenados além de que são métodos que demandam menos tempo para aplicação e análise.

3.2 OBJETIVOS

3.2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo principal deste estudo consistiu em investigar o julgamento e a categorização entre algumas palavras da Língua Portuguesa semanticamente relacionados a emoções e sentimentos, levando em consideração para a realização da tarefa, o próprio significado interno que os participantes tinham das palavras que foram apresentadas

O objetivo deste estudo, na primeira fase, foi investigar o processo de categorização de palavras relativas a emoções e sentimentos em termos das emoções básicas: medo, raiva, alegria, surpresa, nojo e tristeza ou se não se referiam a termos condizentes com nenhuma das categorias.

Na segunda fase, o objetivo foi verificar a existência de relações entre os termos que compuseram cada uma das categorias.

3.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Avaliar a possibilidade de classificação e estabelecimento de similaridade entre palavras da Língua Portuguesa falada no Brasil referentes a aspectos subjetivos humanos, como emoções ou não-emoções.

Verificar o modo como procede a categorização de estímulos emocionais em população adulta não-clínica usando como tarefa a análise de palavras que rotulam emoções e sua posterior relação e classificação quando comparadas com outras palavras também relativas a emoções e características subjetivas humanas.

Verificar como as palavras, depois de classificadas dentro de uma mesma categoria estabelecem relações, em termos de similaridade, com as outras palavras também dispostas dentro da mesma categoria. Esta disposição será analisada também com relação à questão relativa a adequação suposta a partir da similaridade semântica entre as palavras classificadas em cada categoria obtida a partir dos dados obtidos na primeira fase.

Verificar se as relações de similaridade encontradas são coerentes ou similares com as relações entre palavras, comumente estabelecidos pela Língua Portuguesa.

3.3. JUSTIFICATIVA

Atualmente, nota-se um crescimento de pesquisas em torno da delimitação e da influência de aspectos emocionais em processos cognitivos humanos. Esta busca permite uma compreensão mais elaborada da forma de funcionamento do aparato cognitivo em situações comuns e cotidianas. O presente estudo mostra-se como uma possibilidade inicial de investigar tais aspectos tendo em vista a avaliação quanto ao modo como coletivamente algumas palavras da Língua Portuguesa foram classificadas e comparadas entre si quando dispostas em categorias pré-estabelecidas.

A ampliação dos estudos sobre diferentes aspectos da reação emocional podem contribuir de uma maneira mais efetiva para a investigação de aspectos emocionais em uma mesma cultura e população favorecendo a construção de taxonomias para quantificar e qualificar aspectos emocionais tanto a nível individual quanto coletivo. Neste sentido, o presente estudo chama a atenção sobre o modo como algumas palavras da Língua Portuguesa foram utilizadas como itens a serem classificados e julgados em duas tarefas distintas, sendo a primeira de categorização e a segunda relativa ao julgamento de similaridade. Assim, futuramente espera-se que outros itens sejam utilizados em tarefas semelhantes tornando possível a construção de uma taxonomia de palavras referentes a emoções e sentimentos para a língua falada no Brasil.

Estudos sobre aspectos emocionais podem favorecer futuramente a manutenção, reformulação e mesmo a ampliação de práticas psicoterapêuticas interventivas mais focais e eficazes para diferentes tipos de problemas emocionais cotidianos. Deste modo, este trabalho justifica-se como uma tentativa inicial de apontar caminhos para que tais elaborações sejam futuramente investigadas visto que na atualidade trabalhos sobre tais aspectos emocionais e a sua influência em aspectos cognitivos vêm sendo pouco estudadas na população brasileira.

CAPÍTULO 4

PRIMEIRA FASE

4.1. PARTICIPANTES

O estudo, dividido em duas fases, apresentou em cada etapa amostras diferentes. As amostras foram escolhidas por conveniência, sendo escolhidos participantes profissionais ou estudantes de psicologia. A escolha de tal amostra justifica-se pelo fato de serem os psicólogos, profissionais ou em formação, os profissionais que mais lidam com aspectos emocionais no dia-a-dia profissional.

Participaram da primeira fase um total de 52 pessoas, sendo a amostra constituída por 9 professores do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IP-UFU), e 43 alunos de um curso de Psicologia de uma universidade particular do Triângulo Mineiro localizada na cidade de Ituiutaba. Após a coleta dos dados, os resultados obtidos foram analisados em conjunto.

Do total de participantes, 6 eram do sexo masculino e 41 do sexo feminino, enquanto que 5 participantes não especificaram o sexo. Esta característica fornece à amostra um caráter essencialmente feminino que deve ser considerado na análise e interpretação dos dados obtidos, visto que, conforme já exposto na parte introdutória deste trabalho, as emoções apresentam componentes grupais e individuais, podendo sofrer também interferência de certas variáveis, entre elas o sexo.

As idades dos participantes variaram de 18 a 51 anos, sendo que a média para as idades foi de 19 anos com uma porcentagem de 32,7% do total do número de participantes. Ainda relativo às idades, nove participantes não especificaram suas idades, compreendendo 17,3% do total. Assim como ocorreu em relação ao sexo, com relação à idade também é necessário considerar a possibilidade desta variável interferir nos resultados obtidos.

4.2. MATERIAL: ELABORAÇÃO DE FORMULÁRIO

Para a primeira fase foi construído um formulário apropriado, pois esta fase consistia em um estudo de classificação dirigida, visto a presença de categorias pré-definidas. A seguir serão descritas tanto a disposição das informações deste formulário, quanto a forma como o mesmo foi construído.

Junto ao formulário desta fase (ANEXO II), havia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que fornecia a cada participante as principais informações sobre a pesquisa e que solicitava o consentimento para a utilização dos dados fornecidos para fins de publicação. A seguir cada parte do formulário será apresentada individualmente com o intuito de apresentar os objetivos pertinentes a cada etapa e também para facilitar a compreensão do mesmo.

Inicialmente, havia uma pequena introdução com o objetivo de fornecer dados sobre a pesquisa e sobre o modo como o formulário deveria ser respondido. Também, havia um pequeno texto descritivo sobre o que são as emoções. O objetivo deste texto era caracterizar aos participantes em que consistia as emoções e também permitir a padronização de um conceito, pelo menos para os participantes da amostra selecionada. Com isto, procurou-se aumentar a objetividade das classificações feitas pelos participantes.

Posteriormente, havia a apresentação das categorias nas quais as palavras deveriam ser incluídas. Nesta fase, não foi apresentado nenhum tipo de exemplo de como as palavras deveriam ser categorizadas. As categorias disponíveis para a classificação das palavras foram as seguintes:

Como número 1 foi atribuído o rótulo ALEGRIA. Para o número 2, MEDO, para o número 3, NOJO. Para o número 4, o rótulo foi RAIVA, para o 5 SURPRESA. Quanto ao número 6, este referiu-se à categoria TRISTEZA. O número 7 designou uma categoria especial, na qual deveriam ser colocadas palavras que não se assemelhavam ou que não poderiam ser incluídas em nenhuma das categorias anteriores. Esta última categoria recebeu o nome de ‘NÃO DESCREVE UMA EMOÇÃO’.

Foi solicitado aos participantes que escolhessem apenas uma categoria para cada palavra.

Por fim, como tarefa, havia uma lista contendo 206 palavras da Língua Portuguesa. Estas palavras foram escolhidas pois referem-se a substantivos e adjetivos da Língua Portuguesa e que

se referem a aspectos humanos como sentimentos, emoções e virtudes. Estas palavras foram escolhidas após a análise de seus significados expostos em um dicionário bastante utilizado (Dicionário Aurélio) da Língua Portuguesa falada no Brasil (FERREIRA, 1999). Os significados de cada uma das palavras utilizadas neste estudo, segundo o dicionário Aurélio, podem ser conferidos no ANEXO I.

Foram selecionados substantivos, por serem estas palavras, gramaticalmente aquelas que sintaticamente podem exercer a função de sujeito, morfologicamente admitem flexão de gênero, número e grau e semanticamente são responsáveis por nomear os seres e as coisas (MAIA, 2000). Uma outra classe de palavras selecionadas foram os adjetivos que se referiam a aspectos subjetivos humanos, pois segundo Maia (2000), do ponto de vista semântico, o adjetivo é a palavra com a qual é possível designar qualidades concretas ou abstratas que são usadas para caracterizar os substantivos. Outras classes de palavras como as interjeições, que poderiam ser utilizadas, não o foram, por considerar que as interjeições que são gramaticalmente consideradas palavras que exprimem reação emotiva, podem variar bastante conforme as pessoas que as utilizam. Os verbos também não foram utilizados por serem palavras que possibilitam uma ampla flexibilidade numa perspectiva de tempo, exprimindo ação, estado e fenômeno da natureza e dada esta possibilidade de uso a sua utilização foi descartada desde estudo, pela possibilidade de comprometimento dos resultados.

Algumas das 206 palavras foram escolhidas por já terem sido avaliadas em estudos prévios, como por exemplo as palavras AMOR, ESPERANÇA, FELICIDADE, MOTIVAÇÃO, PAIXÃO, DESEJO, DESAMPARO, entre outras (HUPKA e cols., 1999; ORTONY; TURNER, 1992; SHAVER e cols., 1987; STORM; STORM, 1987). Outras palavras foram escolhidas diretamente de um dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1999), por se tratarem de palavras que descrevem ou que podem ser utilizadas para se referir a características humanas.

Outra colocação importante é para o fato de que nem todos os substantivos e adjetivos da Língua Portuguesa referentes a emoções e características subjetivas humanas foram colocados na versão final do formulário utilizado neste estudo, sendo previamente descartado aqueles que não possuíam um uso cotidiano comum. Com isto, esperava-se não forçar os participantes, à classificarem uma palavra como emoção, sem na verdade saberem o significado desta palavra.

Uma outra característica do formulário construído para esta primeira fase é ser um instrumento de escolha forçada, ou seja, para cada uma das palavras que fizeram parte do

formulário foi previamente solicitado que fossem colocadas em uma das categorias propostas. Além disso, dado o tempo limitado para que os participantes respondessem ao formulário (no horário enquanto estavam em aula, ou enquanto trabalhavam, no caso dos profissionais), seria gasto um longo tempo para o término da tarefa se todos os termos referentes a aspectos subjetivos humanos comumente utilizados na Língua Portuguesa falada no Brasil, tivessem sido colocados. Um outro ponto que pode ser questionado é o fato de não haver a apresentação do significado conforme aquele fornecido pelos dicionários para os termos apresentados no formulário. A resposta para esta questão é que o objetivo era investigar o próprio significado interno que os participantes têm dos termos apresentados e acredita-se que tendo uma definição pronta fugiria-se dos objetivos propostos para investigar a forma como os termos apresentados são utilizados ou não no dia-a-dia.

Por fim, neste formulário esperava-se que os participantes determinassem quais palavras da lista se referiam ou não a emoções e classificassem as palavras, selecionando apenas aquelas que em sua opinião se referiam a emoções dentro de uma das categorias propostas. Esta tarefa consistiu em um processo de escolha forçada, visto que todas as palavras deveriam ser necessariamente colocadas em uma das categorias propostas. Dada esta alternativa, posteriormente não foi possível verificar o motivo pelo qual os participantes, perante uma palavra desconhecida, conheciam ou desconheciam o sentido de uma determinada palavra.

4.3. PROCEDIMENTO

Inicialmente foi verificado com alguns professores do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IP-UFU) sobre a disponibilidade em participar da pesquisa, respondendo ao formulário proposto. Foi explicado, nesta ocasião sobre quais eram os objetivos do estudo e a disponibilidade por parte da pesquisadora em responder a qualquer tipo de questão sobre a mesmo.

Àqueles que se dispuseram em participar, o formulário relativo a primeira fase foi entregue individualmente. Também foi dito a cada participante que o formulário era auto-explicativo, assim, o mesmo não foi lido juntamente com o participante.

Foi combinado com os professores uma data posterior na qual os formulários pudessem ser recolhidos. Os prazos para devolução dos formulários respondidos variaram de dois dias a três semanas nesta fase.

Quanto aos estudantes de psicologia, optou-se por aplicar os formulários em um horário normal de aulas dos alunos, objetivando-se com isto que um maior número de pessoas respondessem ao formulário em uma mesma ocasião. Foi combinado com o professor de uma das disciplinas sobre um dia em que poder-se-ia fazer a aplicação dos formulários, sendo que estes seriam aplicados pela própria pesquisadora no dia combinado. Neste dia, a pesquisadora compareceu à sala da turma escolhida e explicou aos alunos-participantes sobre os objetivos da pesquisa sendo verificado a disponibilidade dos mesmos em participar respondendo ao formulário. Procedeu-se então à leitura do termo de consentimento e das instruções gerais sobre como responder ao formulário, mesmo sendo este auto-explicativo. As dúvidas foram esclarecidas e foi explicado que palavras que não se soubesse o significado deveriam ser colocadas na categoria 7 (Não descreve uma emoção)

Houve uma boa receptividade e disponibilidade dos alunos em participar e foi utilizado um horário de 50 minutos para a aplicação dos formulários, sendo que todos os participantes terminaram a tarefa proposta até o final deste prazo.

4.4. RESULTADOS OBTIDOS

A partir dos resultados obtidos após a devolução dos formulários pelos participantes, os resultados obtidos foram lançados em uma planilha do programa estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences, versão 11.0 for Windows) para que fossem feitas as análises apropriadas.

Os dados foram submetidos à análise de frequências para identificar entre as palavras categorizadas como emoção, quais obtiveram resultados de categorização iguais ou superiores a 70% em uma dada categoria. O objetivo da escolha deste limiar deve-se ao fato de conceber uma maior confiabilidade aos resultados. Em estudos anteriores sobre o assunto, não houve qualquer tipo de discussão acerca do nível de concordância entre participantes para seguramente definir

um item como pertencente ou não a uma certa categoria. Segundo Pasquali (1999) em uma prova de juizes sobre um certo instrumento seria necessário uma concordância de pelo menos 80% entre estes juizes para que fosse possível servir de critério de decisão sobre a pertinência do item ao traço que teoricamente se refere. No entanto, este critério não foi seguido no presente estudo, por não se tratar da construção de um constructo ou de um instrumento para posterior “medição da categorização de emoções humanas”.

Um dos únicos estudos que relatam o critério de inclusão de itens desta natureza em categorias, foi aquele realizado por Storm e Storm (1987), no qual os autores chamam a atenção quanto à necessidade de uma alta taxa de julgamento de similaridade ser necessário para confirmar um grupo de itens, no caso, palavras da Língua Portuguesa em tarefa de categorização. Para isto é necessário eliminar itens que não forem representativos de um grupo e além disso, no referido estudo, utilizaram como critério de inclusão de um item em uma categoria, se este item fosse assim considerado por aproximadamente 50% do total de sujeitos, inclusive pois com este critério seria possível reduzir o tamanho do número de itens em um grupo ou dos números de grupos (STORM; STORM, 1987).

Deste modo, neste presente estudo, as palavras que foram julgadas por menos de 70% dos participantes em uma das categorias propostas, ou ainda aquelas palavras categorizadas na categoria: “não se refere à emoção” não foram utilizadas posteriormente na segunda fase.

Além de classificar palavras em categorias levando em consideração a semelhança entre o significado entre a palavra a ser classificada e a palavra-rótulo das categorias possíveis para inclusão, o participante tinha ainda a possibilidade de não incluir certa palavra em nenhuma das categorias existentes e caso optasse por esta escolha, deveria colocar esta palavra em uma categoria própria: “não descreve uma emoção”.

A partir da análise de frequência obteve-se os resultados relativos às frequências de inclusão de cada uma das palavras em cada uma das categorias utilizadas no estudo. A partir destes resultados foi elaborada uma tabela (APÊNDICE 1) que contém os valores obtidos (porcentagens) para cada palavra do estudo.

Conforme observado na tabela apresentada no APÊNDICE 1 e analisando cada uma das categorias e a quantidade de itens obtidos em cada uma, a seguir será apresentada de forma pormenorizada cada uma das categorias.

(1) Alegria

Das 206 palavras utilizadas no estudo, 19 palavras, o que corresponde a 9,22% do total de palavras utilizadas no estudo, foram categorizadas em Alegria por mais de 70% dos participantes do estudo. As palavras que obtiveram maior porcentagem de inclusão nesta categoria foram AMOR e FELICIDADE, ambas com 92,3% de inclusão cada, seguidas por SATISFAÇÃO com 88,5% e por CARINHO com 86,5%. Por outro lado, entre as palavras com menor índice de inclusão foi possível encontrar em penúltimo lugar a palavra ESPERANÇA (73,1%) e por último GRATIDÃO com 71,2%. A seguir, afim de facilitar a visualização dos itens que foram incluídos nesta categoria, será apresentada uma tabela com as palavras que foram selecionadas como pertencentes à categoria Alegria e as porcentagens obtidas por cada palavra a partir da análise de frequência.

TABELA 1: Palavras que atingiram o critério de inclusão para a categoria 1 (Alegria).

PALAVRA	(%)
Amizade	84,6
Amor	92,3
Bondade	80,8
Carinho	86,5
Companheirismo	76,9
Doçura	78,8
Empolgação	80,8
Esperança	73,1
Felicidade	92,3
Gratidão	71,2
Harmonia	80,8
Humor	82,7
Liberdade	78,8
Motivação	75,0
Otimismo	82,7
Paixão	80,8
Satisfação	88,5
Simpatia	84,6
Tranqüilidade	75,0

(2) Medo

Das 206 palavras desta primeira fase, apenas três foram classificadas por mais de 70% dos sujeitos como passíveis de serem colocadas na categoria medo. A palavra PÂNICO foi

classificada nesta categoria por 84,6% dos participantes, sendo seguida por INSEGURANÇA (82,7%) e por TERROR com 76,9%.

(3) Nojo

Na categoria NOJO, após a análise de frequência a que os dados foram submetidos, nenhuma palavra atingiu o critério estabelecido de aceitação que era de 70%. Avaliando as frequências, percebe-se que para a maioria das palavras que foram classificadas nesta categoria pelos participantes poucas foram aquelas que atingiram um índice superior a 30%, que mesmo não sendo possível serem aceitas é possível destacar as palavras PRECONCEITO (36,5%), REPUGNÂNCIA (57,7%) e REPULSA com 51,9%.

(4) Raiva

O saldo final de palavras que foram incluídas e aceitas nesta categoria resultou em apenas três palavras, sendo elas IRA e ÓDIO, ambas com índice de inclusão de 76,9% e FÚRIA com 78,8%.

(5) Surpresa

Assim como ocorreu na categoria nojo, nesta categoria rotulada como Surpresa também nenhuma palavra atingiu o critério estabelecido de aceitação de 70%. Além disso conforme pode ser observado pela tabela (ver APÊNDICE 1), nenhuma palavra atingiu 50% de classificação nesta categoria.

(6) Tristeza

A categoria Tristeza foi aquela que recebeu ao todo nove palavras. Destas apenas três foram classificadas por mais de 80% dos participantes, sendo elas: DESÂMINO (82,7%), MÁGOA (80,8%) e SOFRIMENTO (82,7%). Outras palavras incluídas nesta categoria foram

DESAMOR (71,2%), DESCONSOLO (78,8%), DESCRENÇA (75,0%), INFELICIDADE (71,2%), LUTO (78,8%) e REMORSO com 76,9%.

(7) Não descreve emoção

Na totalidade, a maior categoria foi esta, ou seja a maior categoria foi composta por palavras que na opinião dos participantes não poderiam ser classificadas como pertencentes a uma das categorias anteriores. No entanto, apenas três palavras que não foram utilizadas para a segunda fase deste estudo, obtiveram índice superior a 70% de inclusão nesta categoria. A primeira destas foi a palavra PERSPICÁCIA com 71,2% de inclusão, a segunda foi a palavra PREPONDERÂNCIA com 84,6% e a terceira foi a palavra TENACIDADE com 76,9%.

Apenas cinco palavras não foram incluídas nesta categoria pelos participantes, sendo elas HORROR, HUMOR, MÁGOA, PÂNICO e TERROR, sendo que destas apenas a palavra HORROR não foi classificada por mais de 70% dos participantes em algumas das categorias apresentadas anteriormente.

4.5. DISCUSSÃO

A tarefa de comparar e julgar é corriqueira na vida humana. Estabelecer julgamentos tem importante função adaptativa, sendo primordial na execução de certas tarefas. Em Psicologia cognitiva, estudos relativos a tarefas de julgamento têm se tornado importante ferramenta investigativa em áreas que vão da psicofísica básica até os estudos dos complexos processos da linguagem (LOPES, 1996).

Ao analisar de uma forma geral todas as categorias e os itens nelas incluídos, percebe-se uma maior concentração de itens nas categorias Alegria e Tristeza, ambas com 19 e 9 itens respectivamente. Este resultado corrobora estudos anteriores sobre a organização conceitual da emoção, como o de Lang; Bradley e Cuthbert (1990, citados por CACCIPO e GARDNER, 1999) o qual sugere que o conhecimento das pessoas sobre as emoções está hierarquicamente organizado e se estende por uma divisão que está entre a positividade (alegria) e a negatividade

(tristeza), ou seja este estudo sugere que vários aspectos relativos a emoção e seus respectivos graus de variação podem variar entre pólos. Sendo assim, nesta tarefa de classificação de palavras, pelo menos para alguns itens, os quais não foi possível determinar, é possível supor que os participantes tenderam a classificar os itens pensando sobre eles como bons ou maus ou conforme especificado Alegria (Categoria 1) ou Tristeza (Categoria 6).

A maior categoria foi a ALEGRIA, sendo composta ao final por 19 itens. Analisando o significado das palavras atribuídas a esta categoria, percebe-se que o sentido e o significado de todas elas dizem respeito a estados psicologicamente agradáveis. Uma variável a ser considerada neste momento é a possibilidade de haver uma interferência do gênero dos participantes em questões relativas às categorizações que foram empreendidas nesta fase do estudo tendo em vista que a maioria dos participantes desta fase, ou seja 78,85% do total, constituiu-se por participantes do sexo feminino. Porém questões relativas à processos de categorização estarem associadas a características do gênero dos participantes não foram melhor avaliadas por não se tratar do objetivo do estudo.

Como não foi questionado aos participantes sobre os motivos ou critérios que utilizaram para realizar a escolha dos itens para compor cada categoria, supõem-se que as categorizações foram feitas pelos participantes tomando a categoria ALEGRIA como um pólo ligado à positividade, sendo incluídas nela aqueles itens que na opinião dos participantes, teriam mais características positivas do que os outros itens a serem classificados. A FIGURA 3 apresenta os significados atribuídos por Ferreira (1999) aos termos classificados na categoria ALEGRIA sendo também incluído o significado da palavra alegria, pois conforme solicitado na tarefa, todas as palavras colocadas na categoria ALEGRIA, foram palavras que tinham significado próximo, pelo menos na opinião dos participantes, com aquilo que usualmente se entende por alegria. Cabe ressaltar que os significados foram condensados e colocados parcialmente e que a totalidade dos mesmos pode ser observada no ANEXO I.

Palavras	Significados extraídos do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999)
Alegria	Sentimento de felicidade, de contentamento, satisfação, júbilo.
Amizade	Sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas que geralmente não são ligadas por laços de família ou por atração sexual.
Amor	Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa. Sentimento de afeto ditado por laços de família. Sentimento terno ou ardente de uma pessoa por outra, e que engloba também atração física.
Bondade	Qualidade ou caráter de bom. Benevolência, indulgência, benignidade, clemência. Boa ação.
Carinho	Afago, meiguice, carícia. Cuidado, desvelo.
Companheirismo	Procedimento ou convívio cordial, afetuoso, próprio de companheiro; camaradagem, coleguismo.
Doçura	Brandura, suavidade, serenidade. Meiguice, ternura.
Empolgação	Grande animação; vivo entusiasmo
Esperança	Expectativa, espera. Fé, confiança em conseguir o que se deseja.
Felicidade	Qualidade ou estado de feliz; ventura, contentamento. Bom êxito; êxito, sucesso.
Gratidão	Reconhecimento por um benefício recebido; agradecimento, reconhecimento.
Harmonia	Proporção, ordem, simetria. Acordo, conformidade.
Humor	Disposição de espírito. Veia cômica; graça, espírito.
Liberdade	Faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação.
Motivação	Conjunto de fatores psicológicos (conscientes ou inconscientes) de ordem fisiológica, intelectual ou afetiva, os quais agem entre si e determinam a conduta de um indivíduo.
Otimismo	Atitude em face dos problemas humanos ou sociais que consiste em considerá-los passíveis de uma solução global positiva, do que pode resultar uma atitude geral ativa e confiante ou, ao contrário, o descompromisso, por desnecessário, com qualquer tipo de participação.
Paixão	Sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão. Amor ardente; inclinação afetiva e sensual intensa.
Satisfação	Ato ou efeito de satisfazer(-se); contentamento. Contentamento, alegria, deleite, aprazimento.
Simpatia	Sentimento caloroso e espontâneo que alguém experimenta em relação a outrem.
Tranqüilidade	Em que reina a calma, o equilíbrio. De natureza calma. Certo, seguro.

FIGURA 3: Significados para palavras que compuseram a categoria Alegria.

Quanto à categoria MEDO, segundo Ferreira (1999), inicialmente serão apresentados os significados das palavras INSEGURANÇA, PÂNICO, TERROR e também do que venha a ser MEDO. A FIGURA 4, apresenta alguns dos significados das palavras categorizadas na categoria MEDO. Os significados podem ser conferidos na íntegra no ANEXO I.

Palavras	Significados extraídos do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999)
Medo	Sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça; susto, pavor, temor, terror.
Insegurança	Falta de segurança.
Pânico	Susto ou pavor repentino, às vezes sem fundamento, que provoca uma reação desordenada, individual ou coletiva, de propagação rápida.
Terror	Estado de grande pavor ou apreensão. Grande medo ou susto; pavor.

FIGURA 4: Significados para as palavras que compuseram a categoria Medo.

Quanto às palavras PÂNICO e TERROR, Shaver e cols. (1987) as apresentam também entre as palavras categorizadas em uma categoria chamada medo. Storm e Storm (1987) também apresentam os termos PÂNICO e TERROR, como associados à categoria de termos negativos referentes a ansiedade e medo. Quanto a palavra INSEGURANÇA, não foram encontrados estudos que relacionam o seu significado a medo, no entanto, este dado pode indicar que diferentemente de outras culturas, na amostra escolhida, a palavra INSEGURANÇA, pode estar mais associada a medo ou mesmo constituindo-se um similar deste sendo cotidianamente utilizada para este fim. Shaver e cols. (1987) colocam a palavra INSEGURANÇA como tendo o significado mais ligado a tristeza e a outros termos tais como negligência, insulto, humilhação entre outros.

A categoria NOJO não apresentou nenhum item, mesmo sendo apresentada por Ferreira (1999) como tendo o seguinte significado: “náusea, enjôo, repulsão, repugnância, asco, profunda mágoa, pesar, desgosto, tristeza, tédio, aborrecimento. Aquilo que provoca asco ou repugnância.”

Hupka e cols. (1999) tratam a palavra NOJO como um termo universalmente ligado a emoções, aparecendo em diferentes línguas como tendo um significado similar. Porém, no

presente estudo, nem mesmo as palavras REPULSA, LUTO e REPUGNÂNCIA foram tratadas pela maioria dos participantes como tendo significado mais ligado àquele atribuído pela palavra NOJO. Acredita-se que para estudos futuros seja conveniente fazer estudos de associação livre de palavras, buscando por itens que possam estar mais relacionados àquilo que se entende por nojo. Por fim, Storm e Storm (1987) agrupam a palavra nojo juntamente com termos negativos referentes a raiva e ódio.

No que diz respeito aos itens classificados na categoria RAIVA, nota-se que quanto aos significados das palavras IRA, ÓDIO e FÚRIA, colocadas nesta categoria, todas possuem significados que se assemelham ao significado atribuído à RAIVA, conforme pode ser visto na FIGURA 5 sobre os significados destas palavras.

Palavras	Significados extraídos do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999)
Raiva	Ódio, ira, rancor. Grande aversão; horror.
Fúria	Agitação violenta; ímpeto de violência; furor. Exaltação de ânimo; raiva, ódio, ira. Inspiração, estro, entusiasmo, ímpeto.
Ira	Cólera, raiva, indignação. Desejo de vingança.
Ódio	Paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém; execração, rancor, raiva, ira. Aversão a pessoa, atitude, coisa, etc.; repugnância, antipatia, desprezo, repulsão.

FIGURA 5: Significados para as palavras que compuseram a categoria Raiva.

Shaver e cols. (1987) apresentam todas estas palavras como ligadas usualmente ao que se entende por raiva. Storm e Storm (1987) compartilham deste resultado, colocando as palavras IRA, ÓDIO e FÚRIA como membros da categoria de termos negativos associados à RAIVA, ÓDIO e NOJO.

A categoria chamada de SURPRESA, também não apresentou nenhum item. Storm e Storm (1987) colocam o termo surpresa como sendo um item pertencente a uma categoria de termos relacionados a atividade, passividade e estados cognitivos. Shaver e cols. (1987) consideram que o item surpresa é uma categoria individual que também pode ter sentido similar a pasmo e espanto. Sobre a surpresa, Ortony e Turner (1990) lançam a controvérsia sobre o caráter emocional da mesma, ou seja, segundo estes autores, a surpresa seria um estado

cognitivo, sendo que quando uma pessoa está surpresa com alguma coisa, não é possível discriminar num primeiro momento sobre o que causou tal reação, sendo que aspectos relacionados a surpresa podem ser positivos, negativos ou neutros.

Uma outra categoria que recebeu grande quantidade de itens foi a categoria chamada de TRISTEZA, com um total de 9 itens. Quanto aos significados das palavras incluídas nesta categoria (FIGURA 6), é possível notar que os significados se assemelham àquele designado para tristeza segundo Ferreira (1999).

Palavras	Significados extraídos do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999)
Tristeza	Falta de alegria. Pena, desalento, consternação. Aspecto revelador de mágoa ou aflição.
Desamor	Falta de amor, desapego. Desprezo, desdém, desculto.
Desânimo	Fazer perder o ânimo, a coragem, a energia; desalentar. Esmorecer, entibiar.
Desconsolo	Desconsolação. Tristeza, desolação.
Descrença	Falta ou perda de crença; incredulidade.
Infelicidade	Qualidade ou estado de infeliz. Desgraça, desdita, infortúnio.
Luto	Sentimento de pesar ou dor pela morte de alguém. Os sinais exteriores de tal sentimento, em especial o traje, preto quase sempre, que se usa quando se está de luto.
Mágoa	Desgosto, amargura, pesar, tristeza. Sentimento ou impressão desagradável causada por ofensa ou desconsideração; descontentamento, desagrado.
Remorso	Inquietação da consciência por culpa ou crime cometido; mordimento, remordimento; bicho-da-consciência.
Sufrimento	Angústia, aflição, amargura. Paciência, resignação. Infortúnio; desastre.

FIGURA 6 : Significados para as palavras que compuseram a categoria Tristeza.

Dentre as palavras desta categoria, Shaver e cols. (1987) apontam as palavras INFELICIDADE, MÁGOA e SOFRIMENTO também como pertencentes a itens relacionados à tristeza. No trabalho de Storm e Storm (1987) que relacionou termos negativos relacionados à vergonha, tristeza e dor, foi possível constatar a presença das palavras MÁGOA, REMORSO e SOFRIMENTO.

De um modo geral, como pôde ser percebido nesta fase, para que cada item fosse atribuído a uma categoria, supôs-se que cada um dos itens iniciais foram analisados e

classificados de acordo com as características qualitativas dos termos que nomearam cada uma das categorias dispostas para serem utilizadas. Supôs-se também que para a constituição das categorias ALEGRIA e TRISTEZA, características relativas à positividade e negatividade de cada palavra também foram utilizadas para a inclusão ou não de termos.

Quanto ao fato de não haver nenhum item nas categorias nojo e surpresa, supõe-se duas alternativas. A primeira deve-se ao fato de não haver tantas palavras, na Língua Portuguesa referentes a cada uma destas categorias. A segunda suposição deve-se ao fato de haver a utilização de um menor número de palavras sinônimas ou similares para descrever estados referentes a NOJO e SURPRESA do que àqueles existentes para descrever alegria, medo e raiva.

Uma outra questão a ser levantada nesta fase refere-se à suposição de que provavelmente algumas palavras não foram entendidas pelos participantes ou realmente dependendo da utilização, são termos utilizados para ressaltar características que podem ser entendidas em qualquer uma das categorias existentes.

Este fato é curioso, visto que é possível verificar que certas palavras como APATIA, COBIÇA, DESALENTO, DESAPONTAMENTO, DESEMBARAÇO, DESPUDOR, DESTEMOR, DESTEMPERANÇA, EXALTAÇÃO, FRAGILIDADE, INGENUIDADE, INTERESSE, IRONIA, IRREVERÊNCIA, MALÍCIA, MANSIDÃO, NERVOSISMO, PERFECCIONISMO, PESSIMISMO, PIEDADE, PODER, PREGUIÇA, PRESUNÇÃO, PRETENÇÃO, REPULSA, SOBERANIA e VEGONHA obtiveram freqüência de inclusão em todas as categorias inclusive naquela em que deveriam ser colocadas palavras que não se referiam a emoção (ver APÊNDICE 1).

Há duas hipóteses para a ocorrência deste fato. A primeira deve-se ao não entendimento do significado relativo a certas palavras e devido ao fato de ser solicitado a não se deixar nenhuma palavra sem colocá-la em uma categoria, perante palavras com significado desconhecido, pode ser que se tenha colocado aquela palavra desconhecida, ao acaso, em qualquer categoria. Esta evidência é reforçada pelo fato de não ter sido investigado o não-conhecimento de uma certa palavra pelos participantes do estudo. A segunda trata-se potencialmente da possibilidade de emprego diferenciado para certas palavras.

No entanto, tais afirmações são hipotéticas devido ao fato de não ser possível questionar cada participante sobre os motivos que o levaram a classificar certa palavra em uma categoria e

não em outra e também avaliar as conseqüências da tarefa de escolha forçada como uma possível variável interveniente.

CAPÍTULO 5

SEGUNDA FASE

5.1. PARTICIPANTES

Para a segunda fase, a amostra foi escolhida por conveniência, sendo composta por 72 alunos de graduação de duas instituições particulares de ensino superior sendo uma localizada na cidade de Uberlândia e a outra localizada na cidade de Ituiutaba, ambas no Estado de Minas Gerais.

Destes participantes, 55 eram do sexo feminino (76,4% do total) e 17 do sexo masculino, o que correspondeu a 23,6% do total. A idade dos participantes variou de 18 a 61 anos, sendo que o resultado da média das idades foi de 26,8 anos. Tendo em vista o motivo da escolha desta amostra, observa-se também nesta fase uma prevalência maior de mulheres do que de homens na amostra.

Na instituição localizada na cidade de Uberlândia foram escolhidos alunos de graduação que freqüentavam os cursos de pedagogia e filosofia. Já na instituição localizada na cidade de Ituiutaba participaram apenas alunos que freqüentavam o curso de psicologia.

5.2. MATERIAL: FORMULÁRIO

O instrumento utilizado para a segunda fase do estudo consistiu em um formulário elaborado a partir dos resultados obtidos na primeira fase.

A seguir, o formulário elaborado para esta segunda fase será descrito de forma a expor os objetivos pertinentes de cada parte que o compuseram. O formulário (ANEXO III) inicialmente possuía o termo de consentimento livre e esclarecido que apresentava os direitos do participante inclusive o de desistir a qualquer momento em continuar participando do estudo. Em seguida

havia um texto relativo à instrução geral do estudo, o qual era solicitado aos participantes que lessem na íntegra antes de iniciarem a tarefa proposta.

Neste formulário, para facilitar a tarefa proposta, foi apresentado um modelo de como a tarefa deveria ser conduzida. Cabe ressaltar que as palavras utilizadas neste exemplo, posteriormente não estavam entre as palavras que foram selecionadas para esta fase do estudo.

A tarefa a seguir consistia em solicitar aos participantes a fazerem comparações entre pares de palavras pertencentes a cada categoria e que foram consideradas como emoções e obtidas na primeira fase do estudo. Desta maneira, os sujeitos foram instruídos a fazerem comparações entre pares de palavras, dentro de cada categoria, de tal forma a compararem cada palavra de uma determinada categoria com todas as outras palavras da mesma categoria. Não optou-se por comparar todas as palavras de todas as categorias como um todo, pois o instrumento ficaria muito extenso e os resultados poderiam ser comprometidos.

Especificamente sobre a tarefa proposta para a segunda fase, os participantes deveriam julgar o nível de semelhança conceitual entre os pares de palavras, usando para este fim, uma escala Likert de 5 pontos, na qual em um dos extremos, o número 1 representou a expressão: “Muito pouco semelhantes” e no outro extremo, o número 5 se referia a expressão “Extremamente semelhantes” (ver modelo completo do formulário no ANEXO III).

Para a formulação da quantidade de itens que deveriam ser julgados, realizou-se para cada categoria, um cálculo diferenciado, que resultou em um formulário ao todo com 213 itens. Desta forma, após o cálculo do número de itens de cada categoria, a disposição dos itens no formulário foi determinada pelo tamanho da categoria e seguiu a seguinte ordem: ALEGRIA, TRISTEZA, MEDO e RAIVA.

O procedimento adotado para a constituição dos itens deve-se ao fato de ter sido considerado que o grau de similaridade entre um par de palavras (ex.: ódio - fúria) e o seu inverso (ex.: fúria - ódio) ser simétrico. Também não optou-se por agrupar e comparar todos os itens de todas as categorias entre si pois aumentaria a quantidade de itens de 213 para 561 itens (34 X 33/2). Desta forma, para a categoria ALEGRIA, foram julgados (19 X 18 /2) pares de palavras, que resultou em 171 itens que corresponderam aos itens de número 1 até o item de número 171.

Para a categoria TRISTEZA, foram julgados (9 X 8 /2) pares de palavras que resultou em 36 itens que corresponderam aos itens de número 172 até 207.

Para a categoria MEDO e também para a categoria RAIVA, foram julgados (3 X 2 /2) pares de palavras que resultou em 3 itens para cada categoria, sendo que os itens referentes a raiva são os itens de número 208 até o item 210 e os itens referentes à categoria MEDO são os itens de 211 até o item de número 213.

No corpo do formulário os itens foram dispostos seguidamente, não havendo uma sinalização própria para cada categoria em particular. Ao final, foram investigados alguns dados sócio-demográficos tais como idade, sexo, nível de escolaridade. A escolaridade foi um item a ser colocado, no entanto, todos os participantes freqüentavam o ensino superior, estando regularmente matriculados em uma das instituições em que os dados foram coletados.

5.3. PROCEDIMENTO

O procedimento inicial para a segunda fase foi contatar alguns professores das referidas instituições sobre a disponibilidade em ceder um horário de aula para que os formulários fossem aplicados de forma a atingir uma maior quantidade de respondentes em uma mesma ocasião. Após este contato inicial, com aqueles professores que concordaram em fornecer seus horários de aula para a realização do estudo, foi combinado uma forma de como os formulários deveriam ser entregues aos alunos.

Na instituição localizada na cidade de Ituiutaba-MG, o professor preferiu entregar pessoalmente os formulários para que os alunos, que se dispusessem a ser participantes, respondessem ao mesmo em um horário fora do horário de aula e foi combinado com os mesmos um prazo máximo de uma semana para devolução dos formulários devidamente respondidos.

Na instituição localizada na cidade de Uberlândia-MG, os dois professores contatados, liberaram horários próprios de aula para que os formulários pudessem ser respondidos. Foi combinado com ambos sobre um dia mais apropriado para a aplicação. O procedimento relativo à aplicação foi o mesmo para todas as salas em que os formulários foram aplicados. No dia combinado, a própria pesquisadora compareceu às salas, se apresentou e explicou aspectos gerais sobre o estudo, expôs os objetivos, o tipo de estudo e a importância dos alunos participarem respondendo ao formulário.

5.4. RESULTADOS

Cada um dos participantes desta fase julgaram o nível de similaridade entre as palavras de cada categoria usando para isto uma escala likert que variava do valor 1 para “muito pouco semelhantes” até 5 para “extremamente semelhantes”. Não havia instruções concernentes às características sobre as quais os julgamentos deveriam ser baseados.

O primeiro passo da análise de dados foi calcular os valores médios de similaridade para cada categoria de palavras do formulário. Para a realização destes cálculos e de todos os cálculos posteriores, foi utilizado o pacote estatístico SPSS 11.0. (Statistical Package for the Social Sciences). Desta maneira, para cada categoria, foi criada uma tabela com os valores médios de similaridade encontrados. A seguir, cada categoria será apresentada e discutida individualmente.

Para a categoria Alegria, foram calculados os valores das médias para cada um dos 171 pares de palavras que resultaram de todas as combinações entre as 19 palavras que compuseram a categoria Alegria. Os valores médios foram organizados em forma de uma matriz que pudesse ser analisada via Escalonamento Multidimensional (MDS).

Em seguida estes dados foram submetidos ao escalonamento multidimensional. Para estabelecer uma configuração de distâncias entre os pares de palavras foi aplicado o método de escalonamento ALSCAL (distâncias euclidianas quadradas). De acordo com Kruskal e Wish (1981) um alto nível de erro pode ser reduzido e a dimensionalidade pode ser mais claramente indicada se forem utilizadas as distâncias euclidianas quadradas para o cálculo da matriz de proximidade através do MDS.

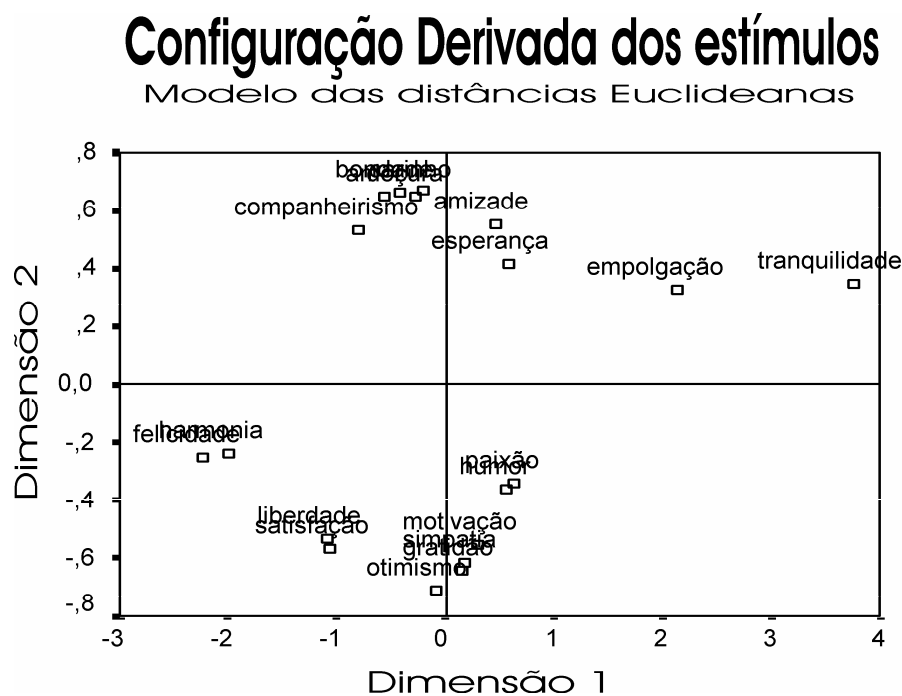
Com os resultados, obteve-se uma medida de S-stress igual a 0,26, (sendo Stress I = 0,23) e o coeficiente de correlação quadrado (RSQ) foi igual a 0,86. Estes resultados indicam que há um razoável ajustamento dos dados às distâncias, embora este ajustamento não seja perfeito nesta configuração bi-dimensional. Nesse caso, para que fosse perfeito, seria esperado uma medida de S-Stress próxima a zero e RSQ próximo a 1. Segundo Santos (1978) a medida de stress mede a qualidade do ajuste, enquanto que o coeficiente de correlação quadrado (RSQ) consiste no quadrado da correlação entre os dados e as distâncias. S-stress e RSQ são portanto medidas de ajuste, sendo que na medida de Stress de Kruskal (KRUSKAL; WISH, 1981) são usadas as distâncias ao invés do quadrado das mesmas no processo de ajuste. Deste modo, tanto

a medida de S-Stress quanto a medida de Stress variam entre 1 (a pior solução) e 0 (ajuste perfeito).

Se a representação fosse unidimensional, a principal característica para a realização destas comparações era a similaridade que cada palavra tem entre si e com relação à alegria. No entanto seria necessário que houvesse também a representação desta palavra na configuração obtida via MDS. Na configuração bidimensional, como os dados anteriormente na primeira fase foram selecionados por se aproximarem do sentido dado pela palavra alegria, não foi colocado um estímulo rotulado como alegria, entendendo que desta forma, subentende-se que cada conceito apresentado possui um sentido particular, seja isoladamente, seja aos pares, mais próximo do que seja alegria do que outra coisa, como tristeza, por exemplo.

A configuração obtida (TABELA 2) para as palavras no espaço bidimensional se mostra em forma de ferradura ou gancho, sendo familiar a resultados prévios do escalonamento multidimensional para este tipo de análise (KRUSKAL; WISH, 1981).

TABELA 2: Configuração derivada dos estímulos para a categoria ALEGRIA. (Modelo de Distâncias Euclidianas).



Para facilitar o entendimento e proporcionar uma melhor visualização, a TABELA 3 apresenta as coordenadas para os dados apresentados na configuração ilustrada na TABELA 2.

TABELA 3: Coordenadas para configuração de pontos obtida para a categoria Alegria.

Configuração de Pontos		
Nome do estímulo	Dimensões	
	Dimensão 1	Dimensão 2
Amizade	,4752	,5562
Amor	-,5560	,6497
Bondade	-,4233	,6647
Carinho	-,2108	,6663
Companheirismo	-,8132	,5295
Doçura	-,2714	,6488
Empolgação	2,1369	,3277
Esperança	,5744	,4150
Felicidade	-2,2445	-,2521
Gratidão	,1459	-,6395
Harmonia	-1,9895	-,2366
Humor	,5680	-,3622
Liberdade	-1,0953	-,5310
Motivação	,2913	-,5553
Otimismo	-,0972	-,7076
Paixão	,6304	-,3412
Satisfação	-1,0651	-,5637
Simpatia	,1854	-,6159
Tranqüilidade	3,7586	,3473

Analisando-se a configuração derivada dos estímulos (TABELA 2) a partir do modelo das distâncias euclidianas é possível verificar, fazendo uma leitura no sentido horário (sendo também este sentido utilizado para a numeração de cada quadrante) e utilizando os significados de Ferreira (1999) para cada uma das palavras, nota-se que os estímulos AMIZADE e ESPERANÇA possuem boa proximidade, sendo avaliados como termos que possuem uma certa similaridade semântica. Ao observar os significados das palavras no dicionário (FERREIRA, 1999), as palavras Amizade e Esperança, nota-se que à primeira é dado um significado de sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas e para a segunda percebe-se um sentido de expectativa, espera, fé e confiança em conseguir o que se deseja. Os estímulos EMPOLGAÇÃO, que tem sentido de grande animação e entusiasmo e TRANQUILIDADE que tem natureza calma e estável mostram-se isolados no primeiro quadrante.

Os estímulos que ficaram localizados no segundo quadrante mostram-se bastante próximos principalmente PAIXÃO e HUMOR. Esta semelhança é inusitada tendo em vista que a palavra HUMOR significa, entre outras coisas, capacidade de perceber, apreciar ou expressar o que é cômico ou divertido, enquanto que PAIXÃO denota sentimento ou emoção elevados a um alto grau de intensidade, entre outras coisas.

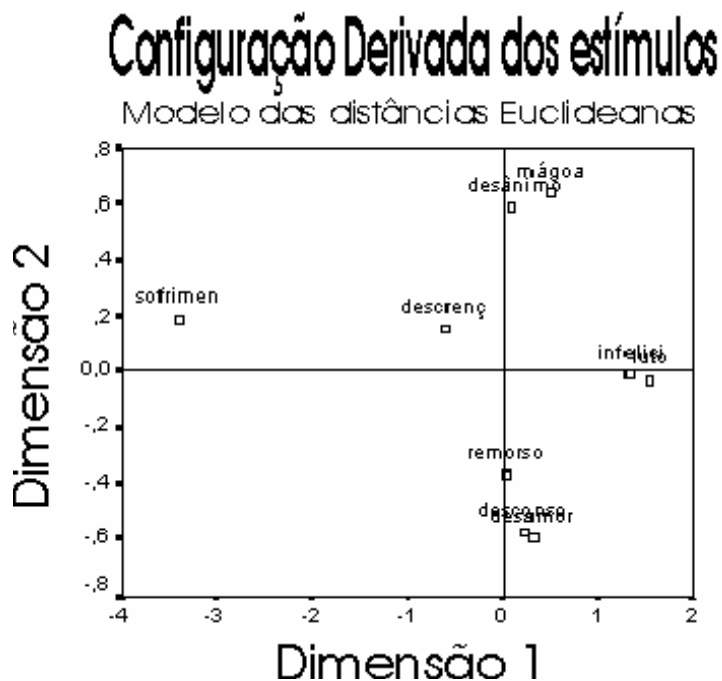
Um outro agrupamento que ultrapassa os limites do segundo quadrante e entra pelo terceiro quadrante foi dado pelas palavras MOTIVAÇÃO, SIMPATIA, GRATIDÃO e OTIMISMO. MOTIVAÇÃO, pode ser entendido como um conjunto de fatores psicológicos que agem entre si e determinam a conduta de um indivíduo. SIMPATIA refere-se às relações que há entre pessoas que instintivamente se sentem atraídas entre si. GRATIDÃO diz respeito a um reconhecimento por um benefício recebido. OTIMISMO denota atitude em face aos problemas humanos ou sociais que consiste em considerá-los passíveis de uma solução global positiva. Ainda neste quadrante dois outros pares de grande proximidade semântico-perceptual foram os pares liberdade-satisfação e felicidade-harmonia. LIBERDADE tem, entre vários significados, o sentido de ser a faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a sua própria determinação; SATISFAÇÃO significa contentamento, alegria, deleite entre outras coisas. Ao analisar este par Liberdade-Satisfação quanto ao significado atribuído pelo dicionário, é possível notar que o sentido entre um e outro não possui semelhanças, porém, para os participantes estes termos têm sentido próximo. O mesmo acontece com FELICIDADE e HARMONIA, sendo que a primeira denota qualidade ou estado de feliz, ventura, contentamento e sucesso e a segunda, ou seja, harmonia, tem sentido de proporção, ordem e entre outras coisas conformidade.

No quarto quadrante nota-se que a palavra COMPANHEIRISMO ficou próxima a um conglomerado constituído pelas palavras BONDADE, AMOR, CARINHO e DOÇURA.

Para a categoria Tristeza, os passos iniciais foram iguais à categoria Alegria, ou seja, inicialmente foram calculadas as médias de similaridade para cada par de palavras e posteriormente foi elaborada uma matriz. Em seguida, foi aplicado o método de escalonamento ALSCAL, utilizando-se para isto o programa Multidimensional Scaling do pacote SPSS 11.0. Obteve-se uma medida de S-Stress igual a 0,10 e um coeficiente de correlação quadrado (RSQ) igual a 0,92 para a matriz. Esses resultados mostram que existe um bom ajustamento dos dados às distâncias, embora este ajustamento não seja perfeito, pois seria esperado uma medida de S-Stress próxima a zero e RSQ próximo a 1.

A configuração das palavras em uma distribuição bidimensional se mostra em forma de cruz. A TABELA 4 apresenta a configuração obtida a partir dos resultados via escalonamento multidimensional para a categoria Tristeza:

TABELA 4: Configuração derivada dos estímulos para a categoria Tristeza (Modelo de Distâncias Euclidianas).



Analisando-se a configuração derivada dos estímulos, é possível perceber que os estímulos mostram-se espalhados, alguns formando pares que indicam grande semelhança.

A TABELA 5, apresenta as coordenadas dos pontos conforme ilustrado na TABELA 4:

TABELA 5: Coordenadas para configuração de pontos para a categoria Tristeza.

Configuração de Pontos		
Nome do estímulo	Dimensões	
	Dimensão 1	Dimensão 2
Desamor	,3097	-,5925
Desânimo	,0972	,5853
Desconsolo	,2413	-,5708
Descrença	-,6055	,1543
Infelicidade	1,3143	-,0093
Luto	1,5238	-,0306
Mágoa	,4904	,6391
Remorso	,0286	-,3641
Sufrimento	-3,3997	,1886

Fazendo uma leitura no sentido horário da configuração de pontos obtida para a categoria Tristeza (TABELA 4), percebe-se que as palavras MÁGOA (sentimento ou impressão desagradável causada por ofensa ou desconsideração; descontentamento, desagrado) e DESÂNIMO (fazer perder o ânimo, a coragem, a energia; desalentar) tem, na visão dos participantes, um significado muito próximo.

Nos limites entre o primeiro e o segundo quadrante, percebe-se uma grande proximidade entre INFELICIDADE (qualidade ou estado de infeliz) e LUTO (sentimento de pesar ou dor pela morte de alguém; tristeza profunda) e posteriormente também com DESCONSOLO (tristeza, desolação) e DESAMOR (falta de amor; desapego; desprezo, desdém).

Exatamente no limite entre o segundo e o terceiro quadrante, a palavra REMORSO, mostra-se na configuração como mais próxima ao par DESCONSOLO-DESAMOR do que ao restante das outras palavras da categoria. O significado da palavra remorso pode ser compreendido como inquietação da consciência por culpa ou crime cometido.

No quarto quadrante, as palavras DESCRENÇA (falta ou perda de crença, incredulidade) e SOFRIMENTO (ato ou efeito de sofrer; angústia, aflição, amargura; paciência, resignação; infortúnio, desastre) mostram-se com sentido isolado e diferente daquele dado aos outros membros da categoria tristeza.

Segundo Kruskal e Wish (1981) investigar a possibilidade de representação dos dados em mais de duas dimensões também mostra-se como importante alternativa para buscar uma configuração que represente toda a estrutura que abarque os parâmetros utilizados pelos participantes para determinar a similaridade entre as palavras apresentadas para avaliação no estudo. Neste sentido, percebe-se que tanto para a categoria Alegria, quanto para a categoria Tristeza, a medida de S-stress diminui para um número maior de dimensões. Este dado significa que duas dimensões não abarcam a totalidade de critérios ou referenciais adotados pelos participantes para fazerem as comparações entre uma palavra e outra de cada par que foi apresentado no formulário. A TABELA 6 compara os valores para S-stress e RSQ para configurações em diferentes dimensões:

TABELA 6: Valores de S-Stress e RSQ para diferentes dimensões.

Número de Dimensões	Categorias			
	Alegria		Tristeza	
	S-Stress*	RSQ	S-Stress*	RSQ
Duas	0,267	0,861	0,100	0,928
Três	0,260	0,878	0,096	0,957
Quatro	0,255	0,898	0,088	0,971
Cinco	0,252	0,904	-----	-----
Seis	0,247	0,910	-----	-----

S-Stress*: Fórmula de Young I que fornece o valor de S-Stress em distâncias quadradas (Squared Distances).

Ainda sobre a TABELA 6, é importante ressaltar que o número de dimensões para que seja possível uma configuração depende do número de elementos que estão sendo comparados. Desta maneira para a categoria Alegria, seis é a quantidade máxima de dimensões possíveis para representar as possibilidades de julgamento elaborado pelos participantes para comparar as palavras desta categoria. Quanto à categoria tristeza, a quantidade de dados possibilita uma quantidade máxima de quatro dimensões.

Quanto aos resultados obtidos para as categorias Medo e Raiva, foi possível notar que devido à pequena quantidade de itens que compuseram cada uma destas categorias, sendo no

total de três itens cada, não foi possível realizar a análise via Escalonamento Multidimensional devido a este número limitado de itens. Segundo Hair e cols. (2005) quanto à quantidade de objetos a serem avaliados em um estudo que gera um mapeamento perceptual, uma orientação sugerida para soluções estáveis é ter mais do que quatro vezes a quantidade de objetos em relação ao número de dimensões desejadas. Assim, segundo os autores, pelo menos cinco objetos são exigidos para uma solução unidimensional, nove objetos são exigidos para uma solução bidimensional e assim por diante. Ficar abaixo da orientação recomendada de pelo menos quatro objetos por dimensão aumenta muito as chances de uma solução enganosa, pois os valores de desajuste (S-stress) decaem para zero, indicando ajuste perfeito, em pelo menos metade dos casos (HAIR e cols., 2005). Este fato explica por exemplo o porquê na FIGURA 12, os valores de S-stress decaem para próximo ao zero absoluto em soluções de três e quatro dimensões para a categoria tristeza.

Como não foi possível a aplicação do MDS para as categorias medo e raiva, a seguir é apresentada uma análise das médias entre os pares de palavras para estas categorias. Para a categoria medo, fazendo uma análise das médias obtidas para os pares de palavras pôde-se notar que o par Insegurança-Terror obteve média de 3,43; o par Insegurança-Pânico obteve média de 3,65 e o par Pânico-Terror obteve média igual a 4,25. Assim, os participantes acreditam que pânico e terror sejam termos com similaridade bastante próxima, no entanto quando comparadas com a palavra Insegurança, esta similaridade sofre uma ligeira queda.

Quanto à categoria raiva, o par Ira-Fúria apresentou média igual a 4,35, o par Ira-Ódio obteve média de 4,13 e por fim, o par Ódio-Fúria obteve média igual a 4,24. Desta maneira, o sentido usualmente atribuído ao que seja Ira e Fúria é bem mais similar entre si do que quando ambas são comparadas com o sentido dado para a palavra Ódio.

5.5. DISCUSSÃO

A linguagem é a característica que marca de forma mais clara as fronteiras do que é o humano. O aprimoramento da linguagem foi determinado pela organização social do homem,

sendo a comunicação importante tanto para a sobrevivência quanto para o próprio desenvolvimento das potencialidades humanas.

Através das experiências, ocorre a ampliação de esquemas mentais que se enriquecem pela agregação de informações e de imagens. Isto possibilita maior capacidade de desenvolvimento de estruturas vinculadas a conceitos, idéias e representações.

A complexidade dada pela perspectiva biopsicossocial humana permite que a realidade seja vista por diferentes dimensões, sendo pouco possível que um evento ou elemento seja avaliado, em uma única situação, de forma complexa, ampla e multidimensional. O que é percebido pelas pessoas é focado em elementos específicos que determinam uma interpretação parcial, lacunar, incompleta e dependente do contexto. E a determinação destes elementos sofre influência de características culturais e também individuais.

Se o contexto determina o modo como a realidade é vista, pode também determinar a forma como as pessoas diferem e se assemelham quanto à interpretação de uma mesma realidade que pode ser comunicada via linguagem.

Em específico acerca da linguagem verbal, é possível perceber sutilezas quanto ao modo como as pessoas utilizam os termos de uma língua. Diferenças são importantes, pois tornam as situações peculiares e distintas umas das outras.

Nesta segunda fase, a principal discussão baseia-se sobre o papel da similaridade entre membros de uma mesma categoria. Um dos principais objetivos foi obter uma representação da forma como as percepções entre os membros de uma mesma categoria estão organizados quando os estímulos referem-se a emoções e sentimentos.

Uma hipótese sobre os critérios de avaliação é com relação à positividade e à negatividade (LANG e cols., 1990, citado em CACCIPO; GARDNER, 1999) em que ao comparar dois termos que compunham um par, poderia haver uma tendência a pesá-los como positivo e negativo e este peso determinaria a escolha por um dos algarismos que compunham a escala Likert apresentada. Uma segunda hipótese é a de que as comparações foram determinadas pelo julgamento quanto à potência ou intensidade de cada palavra do par a ser comparado, ou seja, ao invés de avaliarem em um continuum que variava de absolutamente positivo a absolutamente negativo, estas avaliações eram feitas em um continuum que variava entre forte e fraco. Contudo, ressaltando, estas são apenas suposições que sugerem principalmente a

necessidade de estudos futuros para confirmá-los ou determinar verdadeiramente em que consiste cada uma das dimensões.

Foi possível observar que os sentidos que popularmente as pessoas têm sobre certos termos, estão altamente relacionados a outros que ultrapassam o próprio sentido dado pelos dicionários e pela gramática. Esta característica pode ser observada principalmente entre os termos que compuseram a categoria Alegria, na qual termos como bondade, amor, carinho, doçura são vistos como altamente similares e esta mesma característica pode ser vista entre os pares de termos: liberdade e satisfação; harmonia e felicidade; paixão e humor. Um outro grande conjunto foi constituído pelos termos motivação, simpatia, gratidão e otimismo que permaneceram de forma conglomerada na representação final. Enquanto isto, também observou-se que alguns termos permaneceram bastante isolados, tais como empolgação e tranqüilidade.

A mesma análise pode ser feita para os termos que compuseram a categoria tristeza, na qual se observa que os pares desconsolo-desamor e infelicidade-luto se mantiveram na configuração de forma bastante interligada. Enquanto isto, para a mesma categoria, a palavra sofrimento que na primeira fase deste estudo foi considerada como incluída na categoria tristeza por 82,7% dos participantes, nesta segunda fase ao ser comparada com os outros membros da categoria, apresentou na visão dos participantes um sentido bastante diferente quando comparada a outros itens.

Infelizmente para as categorias MEDO e RAIVA não foi possível fazer uma investigação pormenorizada, dada a não-possibilidade da utilização da técnica MDS ou outra análise estatística que fosse mais aprofundada sobre questões relativas à similaridade entre termos que compuseram cada uma destas categorias.

Uma sugestão para que o dado relativo às características que compõem as dimensões fosse coletado seria ter questionado individualmente a cada participante sobre quais eram, na opinião de cada um, os critérios utilizados para a realização da tarefa de determinação de similaridade. Após todos os dados serem coletados, estes seriam submetidos à análise de conteúdo, buscando identificar particularidade no processo de comparação que seriam comuns entre os participantes.

CAPÍTULO 6

DISCUSSÃO GERAL

O objetivo deste trabalho foi investigar aspectos relativos à categorização e julgamento de similaridade utilizando termos referentes às emoções e sentimentos.

Para alcançar este objetivo, foram apresentadas uma série de questões e temas relevantes que permitem elucidar aspectos a ele interligados. Procurou-se também reconhecer indicadores para explicar os resultados encontrados e que possibilitem investigações futuras mais cuidadosas e aprofundadas.

Neste processo, inicialmente o histórico e as principais complexidades quanto ao estudo de aspectos emocionais foi apresentado. Pôde-se perceber que mesmo com múltiplos enfoques, as teorias existentes, cada qual à sua maneira, reservam espaço para discussão de aspectos referentes à experiência emocional, aspectos relativos ao comportamento e fisiologia da emoção e principalmente foram consideradas -pelo menos foi este o objetivo- as principais fundamentações biológicas (funcionais e adaptativas) e sociais (aprendizagem, construção) da emoção. Procurou-se, acima de tudo, focar teorias que abordam a relação entre cognição e emoção, mesmo que em alguns pontos simplesmente se distinguiu entre o que seja uma e outra. Mesmo assim, outras inúmeras teorias não foram discutidas ou tratadas, por acreditar que para atingir o objetivo, as teorias que foram apresentadas atendem melhor ao enfoque proposto neste trabalho. Além disso, Strongman (2004) aponta para a existência de mais de 150 teorias diferentes que abordam e enfatizam o que seja a emoção. Assim, esta discussão teórica, se fosse feita na sua totalidade, se tornaria demasiadamente extensa e impossibilitaria o fim último deste estudo.

Foram apresentadas também questões relativas às emoções básicas. Sobre este assunto, um dos temas principais a ser discutido neste momento é o das fundamentações biológicas e sociais da emoção. Nesse (1989, citado por STRONGMAN, 2004) afirma que as emoções são modos especializados de funcionamento configurados pela seleção natural para ajustar os parâmetros fisiológicos, psicológicos e do comportamento do organismo, de forma a responder

adaptativamente às ameaças e oportunidades características que variam conforme as situações. A principal premissa nesta concepção das emoções básicas é que substratos biológicos, evolutivos e adaptativos não devem ser desconsiderados em explicações de funções psicológicas (NESSE, 1989, citado por STRONGMAN, 2004). Biologia, psicologia e cultura são referenciais importantes no estudo de emoções humanas e também em aspectos relativos à categorização e determinação de similaridade entre estímulos.

Em psicologia, ao investigar questões relativas à categorização e julgamento de similaridade, pontos importantes sobre a relação entre cognição e emoção devem ser tratados. Muito daquilo que há de mais recente sobre psicologia cognitiva trata de assuntos variados que vão desde o modo como ocorre o processamento da informação em geral e também sobre a informação emocional, incluindo nesta discussão aspectos multivariados como a natureza e o funcionamento dos processos de avaliação envolvidos com os aspectos emocionais humanos. Deste modo no presente estudo, questões relativas ao modo como ocorre efetivamente o processamento da informação com conteúdo emocional não consistiram em foco de avaliação e análise, sendo que no presente estudo foram focadas questões relativas ao modo como algumas palavras da Língua Portuguesa são avaliadas e classificadas também em categorias emocionais. Segundo Lazarus (1991, citado por STRONGMAN, 2004) durante a avaliação ocorrem decisões que permitem apreciar as diversas emoções e a relação entre a pessoa e o ambiente promove esta avaliação. Para Lazarus (1991, citado por STRONGMAN, 2004), a tarefa da avaliação é de integrar dois conjuntos de variáveis antecedentes (personalidade e ambientais) num significado relacional baseado na relevância que tem daquilo que está acontecendo, para o bem-estar da pessoa. Segundo esta posição de Lazarus (1991, citado por STRONGMAN, 2004) cabe ressaltar neste momento a possível interferência que o sexo predominante nas amostras utilizadas, pode ter causado sobre os resultados, visto que homens e mulheres podem ter reações e interpretações emocionais diferentes perante um mesmo evento ou frente a uma mesma relação entre palavras a serem avaliadas conforme fora proposto na tarefa do presente estudo. Crawford e cols. (1992, citados por STRONGMAN, 2004) afirmam que homens e mulheres se situam de modo diferente no que diz respeito aos sistemas éticos de justiça e responsabilidade e por isso podem construir emoções de forma diferente. Futuramente outras investigações devem ser realizadas pois estudar a emoção do ponto de vista do gênero demonstra que um dos fatores de influência mais significativa na emoção é o sexo.

Para Bower (1981) a representação de aspectos emocionais diz respeito à possibilidade que os estados emocionais têm de serem representados como unidades específicas (nodos) na memória semântica. Desta maneira, assim como cada nodo relativo a uma emoção pode estar interligado à uma memória de um evento ou situação da vida de uma pessoa, e como situações ocasionalmente podem gerar mais de um tipo de reação emocional de uma só vez, pode também haver ligações entre as diferentes representações emocionais. Do mesmo modo como as situações podem ser classificadas, por exemplo, como agradáveis ou desagradáveis e múltiplas situações podem ser comparadas e categorizadas ao mesmo tempo, também é de se esperar que as emoções possam ser submetidas ao mesmo processo de classificação e comparação. Assim, analisando os resultados conforme o modelo proposto por Bower (1981), as emoções e mesmo a sua representação por meio de palavras podem estabelecer conexões com outros termos ou outras emoções e desta maneira o pensamento ou a elaboração cognitiva de aspectos emocionais podem ocorrer pela ativação de nodos que se inter-relacionam e que podem ser ativados por estímulos internos ou externos do indivíduo.

Assim, na tarefa proposta na primeira fase deste estudo, partiu-se da premissa própria da definição de categorização dado por Medin e Aguilar (1999) que pode ser entendida como o processo no qual entidades distintas, no caso diferentes tipos de palavras, referentes a aspectos humanos, poderiam ser tratadas ou entendidas como equivalentes ao serem postas em uma mesma categoria daquelas que foram propostas. Além disso, sendo a categorização composta por uma elevada capacidade adaptativa (ANDERSON, 1991) e possuidora de regras que manipulam as representações mentais servindo no momento apropriado a processos como o raciocínio e as memórias, tornou o processo de categorização de palavras possível para a tarefa proposta. Contudo, este processo avaliativo e manipulativo tende a variar conforme as pessoas e as situações, dadas as peculiaridades de ambas, porém devido a uma série de fatores como a cultura e aspectos semânticos relativos à linguagem, foi possível notar no estudo, a grande concordância por parte dos participantes em classificar uma mesma palavra em uma certa categoria. Em parte, tal escolha pode ter sido influenciada pela escolha forçada de inclusão de itens que foi solicitada aos participantes. Como exemplo disso, além de todas as palavras selecionadas para a segunda fase dado o critério mínimo de concordância de 70%, encontrou-se para algumas delas um nível de concordância bastante elevado, chegando a superar 90% como foi o caso das palavras AMOR e FELICIDADE (ambas com 92,3% e colocadas na categoria alegria). Além disso, estas e outras

palavras categorizadas como tendo significado semelhante àquele dado pelo rótulo da categoria na qual foram incluídas, sugere que em um nível grupal, as categorias que as pessoas possuem podem assemelhar-se em múltiplos aspectos, pois segundo Markman e Ross (2003) toda a habilidade que as pessoas possuem para formarem preferências é influenciada pelas categorias que elas possuem.

Sobre os aspectos relacionados ao julgamento de similaridade e retomando Pervin (2004), as pessoas são estáveis em situações diferentes que tenham o mesmo significado para elas, porém são variáveis em relação a situações que possuam significados diferentes. Este aspecto é observado na segunda etapa deste presente estudo em que mesmo estando dentro de uma mesma categoria, as palavras não foram consideradas todas iguais. Este fato corrobora a afirmação de Markman e Ross (2003) de que diferentes tipos de estratégias podem ser usadas para classificar itens. Ou seja, as palavras que compunham cada categoria e que foram comparadas pelos participantes eram as mesmas, contudo conforme já hipotetizado anteriormente, as dimensões, ou seja, as características utilizadas para estabelecer as similaridades ou as diferenças podem ter sido diferentes dependendo de cada participante. Estas estratégias diferentes de categorização podem ter sido determinadas por diferenças individuais dos participantes como sexo, idade, experiências ambientais prévias nas quais a emoção estava presente e questões relativas à personalidade. No entanto, no presente estudo, procurou-se avaliar a classificação de uma forma coletiva de como o processo de avaliação pode ocorrer a nível grupal sendo reunidas as características individuais dos participantes de forma a investigar como o grupo procedeu perante o processo de julgamento e categorização. Deste modo, faz-se necessário outras investigações futuras para identificar e avaliar cada uma destas questões e o modo como interferem nos resultados obtidos. Este fato é também ressaltado pela possibilidade de obter outros tipos de configurações além da representação dos dados de forma bidimensional tal como foi apresentada. Kruskal e Wish (1981) chamam a atenção para a necessidade de interpretar os dados representados nas configurações resultantes do escalonamento multidimensional e que quanto maior o número de dimensões utilizadas para representar os dados, mais difícil e complexa esta interpretabilidade pode se tornar.

Mas quanto à interpretabilidade dos resultados obtidos para as categorias ALEGRIA e TRISTEZA é importante destacar proximidades encontradas e que foram, no mínimo, inusitadas. Entre elas, para a categoria alegria, observa-se a extrema proximidade entre pares de palavras

como paixão-humor, felicidade-harmonia e liberdade-satisfação. O sentido dado pelos dicionários para cada palavra que formam os pares não possui semelhança, mas ao serem colocados juntos foi constatado que existem características, mesmo não sendo possível determiná-las, que tornam estas palavras semelhantes. O mesmo foi encontrado e observado também para os dois conglomerados de pontos que se formaram dentro desta categoria, sendo o primeiro formado pelas palavras bondade, amor, carinho e doçura e o segundo formado pelas palavras motivação, simpatia, gratidão e otimismo. Hipoteticamente se uma das dimensões fosse relacionada às experiências anteriores em que estes estados foram vivenciados, seria possível dizer que em uma mesma situação, várias características emocionais, sentimentos ou estados de espírito foram concomitantemente ativados, favorecendo inclusive a explicação e a possibilidade de que as representações não são instâncias isoladas, mas que estão interligadas a outros tipos de representações. Quanto à formação e presença dos conglomerados e da configuração obtida, é necessário não descartar, mais uma vez, a possibilidade do gênero da amostra, em sua grande maioria do sexo feminino, ter influenciado e dado esta característica à configuração obtida. Futuramente esta influência pode ser melhor avaliada se configurações resultantes exclusivamente de uma amostra com participantes do sexo feminino for comparada com outra amostra composta apenas por participantes do sexo masculino, sendo possível avaliar o quanto tais configurações se diferem conforme o sexo.

Para a categoria tristeza, nota-se a presença de dois pares bastante similares sendo o primeiro constituído pelas palavras infelicidade-luto e o segundo pelas palavras desconsolo-desamor. Um outro dado relevante é o distanciamento observado pela palavra sofrimento em relação às demais. Se esta configuração para a categoria tristeza fosse unidimensional poder-se-ia afirmar que a característica comum a cada um dos termos representados era a sua proximidade com relação à tristeza, mas bidimensionalmente, assim também como ocorreu com a categoria alegria, não é possível determinar com segurança.

De acordo com Baum (1999), consultar o sentido de uma palavra no dicionário é buscar um resumo do modo como aquela palavra pode ser utilizada. Assim, o sentido das palavras de uma língua pode ultrapassar o sentido atribuído pelos dicionários, pois os contextos são multivariados e como são importantes determinadores do próprio significado de um termo, possibilitando as conseqüências de sua ocorrência e também uma melhor orientação de suas ações em relação aos outros, a si mesmas e ao ambiente circundante.

Saeed (2003) afirma que embora a referência seja uma importante função da linguagem, a evidência sugere que nas palavras há mais aspectos relacionados ao significado do que simplesmente questões relativas à denotação. Além disso ao abordar questões relativas às representações mentais, Saeed (2003) trata do quanto é difícil formar uma imagem mental para certas palavras como animal ou comida, e mesmo para palavras como amor, justiça ou democracia. Também, questões relativas ao sexo e à individualidade também podem determinar a diferença como os significados são atribuídos aos objetos, eventos e situações cotidianas. Desta forma, estudos em campos como a semântica, a lingüística, a inteligência artificial podem fornecer importantes contribuições ao entendimento sobre a forma como representações mentais de conceitos abstratos são formadas, manipuladas e utilizadas.

Um outro aspecto que merece consideração é o estudo sobre palavras e seus significados, pois o significado de uma palavra é definido em parte pelas relações que uma palavra forma com outras na linguagem (SAEED, 2003). O estudo do significado das palavras, segundo este autor, é especialmente importante, inclusive ao investigar as mudanças que estas sofrem através dos tempos.

Quanto às dimensões utilizadas pelos participantes para fazerem as avaliações, Russell e Bullock (1985) analisam estas dimensões em termos de prazer-desprazer e ativação e não ativação. Shaver e cols. (1987) apresentam uma solução bidimensional derivada via escalonamento multidimensional, apresentando que as dimensões em que os dados foram apresentados se referiram à avaliação (de positiva a negativa) e à intensidade (de baixa a alta). Lang e cols. (1990, citado em CACIOPPO; GARDNER, 1999) sugerem que o conhecimento das pessoas sobre as emoções está hierarquicamente organizado em uma divisão que caminha entre a positividade e a negatividade; esta mesma premissa é também defendida por Innes-Ker e Niedenthal (2002). Mais recentemente, Feldman Barrett (2004) assegura que todos os estímulos afetivos, podem ser caracterizados como combinações das dimensões referentes à valência e ativação. Ainda segundo a autora, a valência refere-se à qualidade hedônica (prazer ou desprazer) do fenômeno afetivo, e ativação refere-se à ativação sentida/percebida com o fenômeno afetivo (experiência emocional).

Finalmente, como alternativas para o campo de estudo sobre palavras que se referem a emoções e sentimentos, Strongman (2004) aponta que investigações desta natureza podem favorecer a localização das demonstrações e sentimentos emocionais no discurso, além de que as

emoções são construídas, pelas pessoas, através da linguagem e estas emoções são constantemente atualizadas e modificadas pela linguagem. Strongman (2004) chama a atenção também para o fato de que o estudo da emoção pode estar na iminência de uma importante reconceptualização, dado o nível elevado de estudos e descobertas recentes. Todos estes avanços e preocupações apontam para o desenvolvimento de teorias mais profundas e elaboradas e sugerem a importância da adoção de uma abordagem pluralista que dê atenção especial ao desenvolvimento quantitativo e principalmente qualitativo dos métodos de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, J.R. The Adaptative Nature of Human Categorization. *Psychological Review*, v.98, p. 409-429, July 1991.

ARNOLD, M. (Org). *The Nature of emotion- Selected Readings*. London: Penguin Modern Psychology, 1968.

AVERILL, J.R. Creativity in the Domain of Emotion. In: DALGLEISH, T.; POWER, M.J.(Eds.) *Handbook of Cognition and Emotion*. Chichester: John Wiley & Sons, 1999, p. 765-782.

BAUM, W.M. *Compreender o Behaviorismo: Ciência, Comportamento e Cultura*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BLANCHETTE, I.; RICHARDS, A. Reasoning about emotional and neutral materials. *Psychological Science*, v. 15, n.11, p. 745-752, 2004.

BOWER, G.H. Mood and Memory. *American Psychologist*, v.36, p. 129-148, 1981.

BROTHERS, L. Emotion and the Human Brain. In.: WILSON, R.A.; KEIL, F.C.(eds). *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences*. Cambridge MA: Brandford Book, 1999. 964p.

CACIOPPO, J.T.; GARDNER W.L. Emotion. *Annual Review Psychology*, v. 50, p.191-214, 1999.

CHIN-PARKER, S.; ROSS, B.H. Diagnosticity and Prototypicality in Category Learning: A Comparison of Inference Learning and Classification Learning. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 30, n.1, p. 216-226, 2004.

CHOMSKY, N. *Linguagem e mente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 83p.

CHRISTIANSON, S.-Å; ENGELBERG, E. Organization of emotional memories. In: DALGLEISH, T.; POWER, M.J. (Eds.) *Handbook of Cognition and Emotion*. Chichester: John Wiley & Sons, 1999, p. 211-227.

CLORE, G.L.; COLCOMBE, S. The Parallel Worlds of affective concepts and feelings. In: MUSCH, J.; KLAUER, K.C. *The Psychology of Evaluation: Affective processes in cognition and emotion*. Mahwah, New Jersey: LEA (Lawrence Erlbaum Associates, Publishers), 2003.

DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 376p. [Texto original publicado em 1872].

DUPONT, H. *Emotional Development Theory and Applications: A Neo-Piagetian Perspective*. London: Praeger, 1994. 123p.

EKMAN, P. Are There Basic Emotions? *Psychological Review*, v.99, n. 3, p. 550-553, 1992.

ELLIS, H.C.; MOORE, B.A. Mood and Memory. In: DALGLEISH, T.; POWER, M.J. (Eds.) *Handbook of Cognition and Emotion*. Chichester: John Wiley & Sons, 1999. p. 193-227.

ESLINGER, P.J.; TRANEL, D. Integrative Study of Cognitive, Social, and Emotional Processes in Clinical Neuroscience. *Cog. Behav. Neurol.*, v.18, n.1, p. 1-4, March 2005.

EYSENCK, M.W.; KEANE, M.T. *Psicologia Cognitiva: um manual introdutório*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 490p.

FELDMAN BARRETT, L. Feelings or words? Understanding the content in Self-Report Ratings of Experienced Emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 87, n.2, p.266-281, 2004.

FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio Eletrônico- Século XXI*. Versão 3.0, 1999. (Elaborado por Lexicon Informática Ltda.).

FINEMAN, S.A. emoção e o processo de organizar. In: CLEGG, S.R.; HARDY, C.; NORD, W.R. (Orgs.). *Handbook de estudos organizacionais: reflexões e novas direções*. São Paulo: Atlas, 2001. v. 1, p. 157-189.

FORGAS, J.P. Mood and judgment: The Affect Infusion Model (AIM). *Psychological Bulletin*, v. 117, n. 1, p. 39-66, January 1995.

GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 370p.

GOLDSTONE, R.L.; MEDIN, D.L.; GENTNER, D. Relational similarity and the noindependence of features in similarity judgments. *Cognitive Psychology*, n. 23, p. 222-262. 1991.

GONDIM, S.M.G.; SIQUEIRA, M.M.M. Emoções e afetos no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A.V. B. (Orgs.). *Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 207-236.

GRAY, E.; WATSON, D. Emotion, mood, and temperament: similarities, differences and a synthesis. In: PAYNE, R.; COOPER, C.L. *Emotions at work: theory, research and applications for management*. Chichester: John Wiley & Sons, 2001, p.21-44.

GRIFFITHS, P.E. *What Emotions Really Are: The Problem of Psychological Categories*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997. 286p.

GUIDO, G.; PROVENZANO, M.R. Abstractness and Emotionality Values for 398 English Words. *Perceptual and Motor Skills*, v.98, p.1265-1268, 2004.

GUZZO, R.S.L.; PINHO, C.C.M.; CARVALHO, C.F.C. Construção da Taxonomia Brasileira para Descritores da Personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.15, n.1, p. 71-75, 2002.

HAIR, J.F.; ANDERSON, R.E.; TATHAM, R.L.; BLACK, W.C. *Análise Multivariada de Dados*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HOCKENBURY, D. H.; HOCKENBURY, S.E. *Descobrendo a Psicologia*. São Paulo: Manole, 2003. 542p.

HUPKA, R.B.; LENTON, A.P.; HUTCHISON, K.A. Universal Development of Emotion Categories in Natural Language. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 77, n.2, p. 247-278, 1999.

INNES-KER, A.; NIEDENTHAL, P. Emotion Concepts and Emotional States in Social Judgment and Categorization. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 83, n. 4, p. 804-816, October 2002.

ISEN, A.M. Positive Affect. In: DALGLEISH, T.; POWER, M.J. (Eds.). *Handbook of Cognition and emotion*. Chichester: John Wiley & Sons, 1999. p. 521-539.

IZARD, C.E. Basic Emotions, Relations Among Emotions, and Emotion-Cognition Relations. *Psychological Review*, v.99, n.3, p.561-565, 1992.

JAMES, W. What is an emotion? *Mind*, v. 9, p. 188-205, 1884.

JANCZURA, G.A. Por que Não Modelos Prototípicos?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.11, n.2, p. 95-100, Maio-Ago 1995.

JANCZURA, G.A. Normas Associativas para 69 Categorias Semânticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.12, n.3, p.237-244, set.-dez. 1996.

KERBAUY, R.R. As emoções na saúde e na doença: armadilha ou descrição de processo ?. *Temas em Psicologia da SBP*, v. 10, n.1, p. 63-70, 2002.

KENSINGER, E.; CORKIN, S. Effect of Negative Emotional Content on Working Memory and Long-Term Memory. *Emotion*, v.3, n.4, p. 378-393, 2003.

KRUSKAL, J.B.; WISH, M. *Multidimensional Scaling*. Beverly Hills: Sage Publications. 1981. 93p.

LAMBIE, J.A.; MARCEL, A.J. Consciousness and the Varieties of Emotion Experience: A theoretical Framework. *Psychological Review*, v.109, n.2, p. 219-259, April 2002

LOPES, R.F.F. *Um estudo experimental sobre o processamento de vogais e consoantes numa tarefa de julgamento de similaridade*. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicobiologia)-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), Ribeirão Preto, 1996. 149p.

MAIA, J.D. Português. Série Novo Ensino Médio. Volume Único. São Paulo: Ática, 2000. 447p.

MARKMAN, A.B.; DIETRICH, E. Extending the classical view of representation. *Trends in Cognitive Sciences*, v.4, n.12, p. 470-475, december 2000.

MARKMAN, A.B.; MAKIN, V.S. Referential Communication and Category Acquisition. *Journal of Experimental Psychology: General*, v.127, n.4, p. 331-354, 1998.

MARKMAN, A.B.; ROSS, B.H. Category Use and Category Learning. *Psychological Bulletin*, v.129, n.4, p.592-613, July 2003.

MEDIN, D.L.; AGUILAR, C. Categorization. In.: WILSON, R.A.; KEIL, F.C.(eds). *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences*. Cambridge MA: Brandford Book, 1999. 964p.

MESQUITA, B.; FRIJDA, N.H. Cultural Variations in Emotions: A Review. *Psychological Bulletin*, v. 112, n.2, p. 179-204, september 1992.

NESSE, R.M. What is Mood For? *Psychology*, v. 9, n.2, 1991. Texto disponível no site: <http://psycprints.ecs.soton.ac.uk>, Acesso em 10/01/2005.

NIEDENTHAL, P.M.; HALBERSTADT, J.B.; INNES-KER, A.H. Emotional Response Categorization. *Psychological Review*, v.106, n.2, p. 337-361, april 1999.

OATLEY, K. Emotions. In.: WILSON, R.A.; KEIL, F.C.(eds). *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences*. Cambridge MA: Brandford Book, 1999. 964p.

OCHSNER, K.N. Are Affective Events Richly Recollected Or Simply Familiar? The Experience and Process of Recognizing Feelings Past. *Journal of Experimental Psychology: General*, v.129, n.2, p.242-261, 2000.

ORTONY, A.; TURNER, T.J. What's Basic About Basic Emotions?. *Psychological Review*, v.97, n.3, p. 315-331, 1990.

PASQUALI, L. (Org). *Instrumentos Psicológicos: Manual prático de elaboração*. Brasília: LabPam, IBAPP, 1999. 306p.

PERVIN, L.A. *Personalidade: Teoria e Pesquisa*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 492p.

PHILIPPOT, P.; SCHAEFER, A.; HERBETTE, G. Consequences of Specific Processing of Emotional Information: Impact of general Versus Specific Autobiographical Memory Priming on Emotion Elicitation. *Emotion*, v.3, n.3, p.270-283, 2003.

REHDER, B.; ROSS, B. H. Abstract coherent categories. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v.27, n.5, p. 1261-1275, september 2001.

RIPS, L.J. Necessity and natural categories. *Psychological Bulletin*, v.127, n.6, p. 827-852, November 2001.

ROAZZI, A.; FEDERICCI, F.C.B.; CARVALHO, M.R. A questão do consenso nas Representações Sociais: Um estudo do Medo entre Adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.18, n.2, p. 179-192, Maio-Ago 2002.

ROAZZI, A.; FEDERICCI, F.C.B.; WILSON, M. A estrutura Primitiva da Representação Social do Medo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n.1, p. 57-72, 2001.

ROUDER, J.N.; RATCLIFF, R. Comparing Categorization Models. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 133, n.1, p.63-82, March 2004.

ROSCH, E. Principles of Categorization. In: LEVINTIN, D.J. (Org.). *Foundations of Cognitive Psychology: Core Readings*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002. 862p.

RUSSELL, J.A. Culture and the Categorization of Emotions. *Psychological Bulletin*, v.110, n.3, p.426-450, November 1991.

RUSSELL, J.A. Core Affect and the Psychological Construction of Emotion. *Psychological Review*, v.110, n.1, p.145-172, January 2003.

RUSSELL, J.A.; BULLOCK, M. Multidimensional Scaling of Emotional Facial Expressions: Similarity From Preschoolers to Adults. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.48, n.5, p.1290-1298, 1985.

SAEED, J.I. *Semantics*. 2nd. Ed. Malden: Blackwell Publishing. 2003. 325p.

SANTOS, C.A. *Aplicação da Análise Multidimensional e da Análise de Agrupamentos Hierárquicos ao Mapeamento Cognitivo da Conceitos Físicos*. 1978. Dissertação (Mestrado em Física)- Instituto de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1978. 257p.

SANTOS, S. A. Raciocínio Emocional e regulação afetiva numa perspectiva desenvolvimental na infância. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada)- Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. 135p.

SHAVER, P.; SCHWARTZ, J.; KIRSON, D.; O'CONNOR, C. Emotion Knowledge: Further Exploration of a Prototype Approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.52, n.6, p.1061-1086, 1987.

SCHIMMACK, U.; REISENZEIN, R. Cognitive Processes Involved in Similarity Judgments of emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.73, n.4, p.645-661, 1997.

STEIN, N.L.; LEVINE, L.J. The Early Emergence of Emotional Understanding and Appraisal: Implications for theories of development. In.: DALGLEISH, T.; POWER, M.J. (Eds.). *Handbook of Cognition and Emotion*. Chichester: John Wiley & Sons, 1999, p. 383-408.

STERNBERG, R. J. *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

STORM, C.; STORM, T. A taxonomic study of the vocabulary of Emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.53, n.4, p.805-816, 1987.

STRONGMAN, K. T. *A psicologia da emoção*. 2ª edição. Lisboa: CLIMEPSI. 2004. 307p.

TAYLOR, G. J.; BAGBY, R. M. Um visão geral do constructo de Alexitimia. In.: BAR-ON, R.; PARKER, J.D.A. (Orgs.). *Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TREAT, T.A.; McFALL, R.M.; VIKEN, R.J.; NOSOFSKY, R.M.; MACKAY, D.B.; KRUSCHKE, J.K. Accessing Clinically Relevant Perceptual Organization With Multidimensional Scaling Techniques. *Psychological Assessment*, v.14, n.3, p. 239-252, 2002.

VILLALOBOS, M.P. A geração das palavras: Skinner e Chomsky. Tese de Livre-docência. São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 1986. 176p. (Estudos e Documentos, v.25).

YAMAUCHI, T.; MARKMAN, A. B. Inference using categories. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, v.26, n.3, p.776-795, may 2000.

WILLIAMS, J.M.G.; WATTS, F.N.; MACLEOD, C.; MATHEWS, S.A. *Cognitive Psychology and Emotional Disorders*. 2.ed. England: Wiley, 1997. 404p.

APÊNDICE 1

Tabela com freqüências de porcentagem de inclusão obtidas para cada palavra em cada categoria proposta.

Palavras	Categorias						
	ALEGRIA(1)	MEDO (2)	NOJO (3)	RAIVA (4)	SURPRESA (5)	TRISTEZA(6)	N.EMOÇÃO. (7)
Aflição	--	67,3	3,8	15,4	--	13,5	--
Agitação	34,6	17,3	--	11,5	19,2	3,8	13,5
Angústia	--	44,2	--	1,9	--	51,9	1,9
Ansiedade	3,8	57,7	--	11,5	9,6	11,5	5,8
Ambição	5,8	5,8	3,8	11,5	1,9	1,9	69,2
Amizade	84,6	--	--	--	--	--	15,4
Amor	92,3	1,9	--	--	--	--	5,8
Apatia	5,8	1,9	11,5	23,1	3,8	36,5	17,3
Bondade	80,8	--	--	--	1,9	--	17,3
Bravura	19,2	13,5	--	30,8	3,8	--	32,7
Brutalidade	--	11,5	5,8	61,5	1,9	13,5	5,8
Carinho	86,5	--	--	1,9	--	--	11,5
Caridade	63,5	--	--	--	7,7	--	28,8
Cisma	--	57,7	1,9	7,7	5,8	7,7	19,2
Ciúme	--	32,7	3,8	48,1	--	11,5	3,8
Cobiça	1,9	7,7	17,3	15,4	7,7	5,8	44,2
Cólera	--	7,7	5,8	50,0	--	11,5	25,0
Comoção	11,5	3,8	--	1,9	38,5	28,8	15,4
Compaixão	11,5	--	--	1,9	17,3	50,0	19,2
Companheirismo	76,9	--	--	--	1,9	--	21,2
Compreensão	61,5	3,8	--	--	3,8	--	30,8
Comprometimento	34,6	5,8	--	--	15,4	--	44,2
Confiança	57,7	3,8	--	--	5,8	--	32,7
Confusão	--	25,0	--	36,5	13,5	9,6	15,4
Constrangimento	--	25,0	1,9	17,3	21,2	23,1	11,5
Controle	26,9	11,5	3,8	5,8	9,6	--	42,3
Controvérsia	-	17,3	1,9	7,7	5,8	5,8	61,5
Coragem	42,3	3,8	--	1,9	21,2	--	30,8
Covardia	--	40,4	15,4	21,2	--	15,4	7,7
Crueldade	--	7,7	13,5	61,5	--	11,5	5,8
Culpa	--	40,4	3,8	3,8	1,9	46,2	3,8
Cumplicidade	46,2	11,5	1,9	--	5,8	3,8	30,8
Curiosidade	9,6	--	1,9	5,8	46,2	1,9	34,6
Dedicação	61,5	1,9	--	--	3,8	--	32,7
Desalento	1,9	3,8	5,8	1,9	1,9	50,0	34,6
Desamparo	--	21,2	1,9	5,8	--	63,5	7,7
Desamor	--	9,6	5,8	7,7	--	71,2	5,8

Desânimo	1,9	5,8	1,9	5,8	--	82,7	1,9
Desapontamento	1,9	3,8	1,9	13,5	11,5	65,4	1,9
Desconfiança	--	46,2	3,8	15,4	21,2	--	13,5
Desconsolo	--	3,8	3,8	1,9	--	78,8	11,5
Descrença	--	9,6	1,9	3,8	--	75,0	9,6
Desprezo	--	7,7	26,9	30,8	--	30,8	3,8
Desdém	--	5,8	23,1	19,2	1,9	13,5	36,5
Desejo	69,2	--	--	--	11,5	--	19,2
Desembaraço	30,8	1,9	1,9	1,9	32,7	1,9	28,8
Desespero	--	59,6	--	7,7	--	28,8	3,8
Desgosto	--	13,5	9,6	13,5	1,9	59,6	1,9
Desesperança	--	19,2	1,9	5,8	--	67,3	5,8
Deslumbramento	50,0	5,8	--	--	21,2	1,9	21,2
Desilusão	1,9	17,3	--	9,6	3,8	59,6	7,7
Desinibição	51,9	3,8	--	--	15,4	--	28,8
Desolação	1,9	1,9	1,9	--	--	61,5	32,7
Despudor	7,7	1,9	11,5	7,7	5,8	1,9	63,5
Destemor	21,2	9,6	3,8	1,9	1,9	7,7	53,8
Destemperança	1,9	1,9	7,7	19,2	3,8	15,4	50,0
Desvalia	--	9,6	3,8	--	--	28,8	57,7
Dignidade	61,5	--	1,9	--	--	--	36,5
Displícência	1,9	1,9	--	11,5	9,6	5,8	69,2
Dissabor	--	--	5,8	1,9	3,8	50,0	38,5
Dissimulação	--	11,5	15,4	19,2	7,7	5,8	40,4
Doçura	78,8	--	1,9	--	7,7	--	11,5
Dúvida	--	55,8	1,9	5,8	17,3	3,8	15,4
Egoísmo	--	9,6	19,2	36,5	--	17,3	17,3
Embaraço	--	23,1	9,6	11,5	17,3	13,5	25,0
Emburramento	--	1,9	11,5	36,5	--	25,0	25,0
Empáfia	--	3,8	13,5	13,5	--	1,9	67,3
Empolgação	80,8	--	--	--	17,3	--	1,9
Empatia	30,8	--	13,5	7,7	7,7	5,8	32,7
Encanto	69,2	--	--	--	19,2	--	11,5
Enfado	1,9	3,8	5,8	3,8	--	25,0	59,6
Engano	--	9,6	13,5	23,1	11,5	9,6	32,7
Esforço	57,7	--	--	1,9	3,8	--	36,5
Espanto	--	28,8	--	--	63,5	3,8	3,8
Esperança	73,1	1,9	--	--	9,6	1,9	13,5
Exagero	1,9	13,5	--	13,5	23,1	11,5	36,5
Exaltação	30,8	5,8	5,8	23,1	19,1	1,9	13,5
Êxtase	69,2	3,8	1,9	3,8	7,7	--	13,5
Fadiga	--	38,5	3,8	21,2	1,9	19,2	15,4
Fascinação	48,1	11,5	--	--	21,2	5,8	13,5
Felicidade	92,3	--	--	--	3,8	--	3,8

Fidelidade	59,6	--	--	--	3,8	1,9	34,6
Força	40,4	--	--	11,5	9,6	1,9	36,5
Fracasso	--	21,2	--	5,8	--	63,5	9,6
Fraqueza	3,8	17,3	3,8	3,8	--	48,1	23,1
Fragilidade	3,8	38,5	5,8	1,9	7,7	23,1	19,2
Frenesi	36,5	5,8	--	5,8	5,8	--	46,2
Frieza	--	19,2	13,5	38,5	--	17,3	9,6
Fúria	1,9	11,5	3,8	78,8	1,9	--	1,9
Ganância	--	13,5	19,2	21,2	--	1,9	42,3
Generosidade	67,3	--	--	--	3,8	--	28,8
Gratidão	71,2	-	--	--	1,9	--	26,9
Harmonia	80,8	--	--	--	1,9	--	17,3
Horror	--	50,0	23,1	11,5	7,7	7,7	--
Hostilidade	3,8	9,6	13,5	32,7	9,6	1,9	28,8
Humor	82,7	1,9	--	--	5,8	9,6	--
Ignorância	--	7,7	19,2	36,5	--	7,7	28,8
Impaciência	--	9,6	7,7	46,2	5,8	17,3	13,5
Implicância	--	3,8	9,6	59,6	--	11,5	15,4
Impotência	--	23,1	5,8	9,6	--	44,2	17,3
Incerteza	--	50,0	1,9	1,9	11,5	23,1	11,5
Incredulidade	--	17,5	5,8	3,8	11,5	17,3	44,2
Indecisão	--	57,7	1,9	11,5	--	11,5	17,3
Indiferença	--	7,7	15,4	23,1	3,8	26,9	23,1
Indignação	--	5,8	7,7	34,6	21,2	13,5	17,3
Indisposição	--	11,5	--	3,8	1,9	51,9	30,8
Infelicidade	1,9	15,4	--	5,8	--	71,2	5,8
Ingenuidade	3,8	25,0	1,9	1,9	7,7	5,8	53,8
Inibição	--	34,6	3,8	5,8	7,7	11,5	36,5
Injúria	--	5,8	7,7	40,4	--	9,6	36,5
Interesse	28,8	1,9	7,7	11,5	11,5	3,8	34,6
Intimidade	50,0	7,7	--	--	9,6	--	30,8
Intolerância	-	1,9	9,6	59,6	1,9	15,4	11,5
Insegurança	1,9	82,7	1,9	3,8	--	3,8	3,8
Intriga	--	9,6	15,4	57,7	--	3,8	11,5
Inveja	--	11,5	13,5	46,2	--	17,3	11,5
Ira	--	5,8	5,8	76,9	1,9	3,8	5,8
Ironia	1,9	3,8	25,0	42,3	1,9	7,7	17,3
Irreverência	25,0	3,8	3,8	3,8	9,6	1,9	50,0
Lamúria	--	--	5,8	3,8	1,9	57,7	30,8
Lástima	--	1,9	1,9	5,8	3,8	65,4	21,2
Liberdade	78,8	1,9	--	--	1,9	1,9	15,4
Limitação	5,8	23,1	1,9	3,8	7,7	15,4	42,3
Luto	1,9	13,5	3,8	--	--	78,8	1,9
Mágoa	--	5,8	1,9	11,5	--	80,8	--

Maldade	--	3,8	7,7	53,8	1,9	23,1	7,7
Mau-Humor	--	1,9	7,7	44,2	--	40,4	5,8
Malícia	3,8	7,7	9,6	19,2	13,5	3,8	42,3
Mansidão	25,0	9,6	9,6	5,8	3,8	3,8	42,3
Misericórdia	30,8	3,8	--	--	9,6	15,4	38,5
Moderação	26,9	15,4	--	--	11,5	3,8	40,4
Moléstia	1,9	5,8	7,7	1,9	--	34,6	46,2
Motivação	75,0	1,9	--	--	9,6	1,9	11,5
Nervosismo	1,9	25,0	3,8	51,9	1,9	11,5	3,8
Nostalgia	11,5	5,8	1,9	--	3,8	36,5	40,4
Obediência	25,0	19,2	--	1,9	5,8	--	46,2
Objeção	5,8	3,8	1,9	15,4	7,7	--	65,4
Obsessão	--	25,0	5,8	26,9	--	13,5	26,9
Obstinação	17,3	9,6	--	5,8	1,9	--	65,4
Ócio	7,7	3,8	--	--	--	19,2	65,4
Ódio	--	--	11,5	76,9	--	9,6	1,9
Ofensa	--	3,8	13,5	46,2	1,9	23,1	9,6
Onipotência	5,8	15,4	1,9	3,8	3,8	9,6	59,6
Orgulho	32,7	7,7	9,6	9,6	3,8	11,5	23,1
Otimismo	82,7	3,8	--	--	7,7	--	5,8
Paciência	57,7	--	--	--	11,5	1,9	26,9
Paixão	80,8	1,9	--	--	5,8	3,8	5,8
Pânico	--	84,6	--	1,9	1,9	11,5	--
Pena	1,9	5,8	7,7	3,8	--	69,2	9,6
Penúria	--	7,7	1,9	1,9	--	44,2	42,3
Perdão	59,6	3,8	--	--	13,5	3,8	19,2
Perfeccionismo	9,6	15,4	5,8	1,9	11,5	7,7	48,1
Perplexidade	1,9	9,6	--	1,9	40,4	1,9	44,2
Perseverança	40,4	9,6	--	--	5,8	--	44,2
Persistência	38,5	3,8	--	1,9	15,4	--	40,4
Perspicácia	23,1	1,9	--	--	3,8	--	71,2
Pesar	1,9	13,5	1,9	--	7,7	61,5	13,5
Pessimismo	1,9	21,2	9,6	9,6	5,8	40,4	11,5
Piedade	11,5	5,8	5,8	3,8	5,8	42,3	23,1
Plenitude	48,1	--	--	--	--	3,8	48,1
Poder	30,8	11,5	3,8	3,8	9,6	1,9	38,5
Ponderação	25,0	1,9	--	--	3,8	--	67,3
Preconceito	--	5,8	36,5	26,9	--	13,5	15,4
Preguiça	1,9	3,8	13,5	11,5	1,9	42,3	25,0
Preocupação	--	42,3	--	5,8	5,8	21,2	25,0
Preponderância	--	5,8	3,8	3,8	--	--	84,6
Prepotência	1,9	5,8	7,7	25,0	--	7,7	51,9
Prestígio	61,5	--	1,9	--	11,5	--	23,1
Presunção	1,9	5,8	7,7	13,5	1,9	7,7	61,5

Pretensão	11,5	3,8	11,5	13,5	9,6	1,9	48,1
Proeza	19,2	1,9	--	3,8	11,5	1,9	59,6
Prontidão	28,8	3,8	1,9	1,9	15,4	--	46,2
Prudência	23,1	19,2	--	1,9	5,8	1,9	46,2
Regozijo	32,7	--	5,8	3,8	1,9	--	55,8
Remorso	--	5,8	3,8	3,8	1,9	76,9	5,8
Repugnância	--	--	57,7	9,6	--	7,7	25,0
Repulsa	1,9	3,8	51,9	7,7	3,8	3,8	26,9
Ressentimento	5,8	--	1,9	32,7	3,8	46,2	7,7
Satisfação	88,5	--	1,9	--	7,7	--	1,9
Saudade	19,2	1,9	--	--	9,6	63,5	5,8
Sedução	51,9	3,8	--	--	11,5	--	30,8
Segurança	63,5	5,8	1,9	1,9	1,9	--	25,0
Sensibilidade	28,8	7,7	--	--	23,1	3,8	36,5
Serenidade	61,5	--	--	--	3,8	--	34,6
Seriedade	38,5	3,8	1,9	5,8	3,8	--	44,2
Simpatia	84,6	--	--	--	5,8	--	9,6
Soberania	21,2	3,8	1,9	1,9	3,8	1,9	63,5
Sofrimento	--	11,5	--	3,8	--	82,7	1,9
Solidão	1,9	23,1	-	--	3,8	69,2	1,9
Solidariedade	67,3	1,9	1,9	--	1,9	3,8	21,2
Sossego	69,2	1,9	--	--	1,9	--	25,0
Susto	--	44,2	--	7,7	40,4	--	7,7
Tédio	--	7,7	11,5	30,8	--	34,6	15,4
Teima	--	1,9	5,8	48,1	--	7,7	34,6
Temor	1,9	67,3	--	13,5	--	5,8	11,5
Temperança	19,2	3,8	1,9	--	--	3,8	69,2
Tenacidade	9,6	7,7	--	3,8	--	--	76,9
Ternura	69,2	1,9	--	--	--	1,9	25,0
Terror	--	76,9	5,8	5,8	5,8	5,8	--
Tesão	63,5	9,6	--	5,8	9,6	--	9,6
Timidez	1,9	53,8	--	9,6	11,5	9,6	13,5
Tranquilidade	75,0	--	--	--	3,8	--	19,2
Valentia	38,5	1,9	1,9	26,9	1,9	--	28,8
Vanglória	34,6	3,8	7,7	3,8	--	5,8	43,1
Vergonha	1,9	48,1	1,9	9,6	5,8	13,5	19,2
Vigor	46,2	--	--	1,9	7,7	1,9	42,3

ANEXOS

ANEXO I: SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS UTILIZADAS NO ESTUDO

(Fonte: Dicionário Aurélio Eletrônico- Século XXI. Versão 3.0, 1999. Elaborado por Lexicon Informática Ltda.)

Alegria

[De alegre + -ia1.]

S. f.

1. Qualidade de alegre.
2. Estado ou condição de alegre.
3. Sentimento de felicidade, de contentamento, satisfação, júbilo.
4. Tudo quanto alegre, contenta, jubila, exulta.
5. Divertimento, distração, prazer.

Medo

(ê). [Do lat. metu.]

S. m.

1. Sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça; susto, pavor, temor, terror.
2. V. receio (1 e 2).

Nojo

(ô).

S. m.

1. Náusea, enjôo.
2. Repugnância, asco.
3. Pesar
4. Luto, dó

Raiva

[Do lat. *rabia, em vez de rabie.]

S. f.

1. Neur. Doença causada por vírus que acomete o sistema nervoso de mamíferos. No homem, a doença tem um período de incubação que vai de um a três meses e é adquirida a partir de mordedura de animal com raiva (cachorro, gato, morcego, etc.). [Sin.: hidrofbia, mal, moléstia, danação.] [F. paral.: rãbia.]
2. V. cólera
3. Ódio, ira, rancor
4. Grande aversão; horror
5. Prurido produzido pela dentição nas crianças.
6. Espécie de biscoito.

Surpresa

(ê). [Do fr. surprise.]

S. f.

1. Ato ou efeito de surpreender(-se).
 2. Aquilo que surpreende.
 3. Acontecimento imprevisto; sobressalto.
 4. Prazer inesperado.
- [Pl.: surpresas (ê). Cf. surpresa e surpresas, do v. surprestar.]

Tristeza

(ê). [Do lat. tristitia.]

S. f.

1. Qualidade ou estado de triste.
 2. Falta de alegria.
 3. Pena, desalento, consternação.
 4. Aspecto revelador de mágoa ou aflição.
- [Sin. menos us. (nessas acepç.): tristura.]

Aflição

[Do lat. afflictione.]

S. f.

1. Profundo sentimento moral produzido por um revés da fortuna, uma circunstância penosa, etc.; pena, agonia.
2. Estado de grande desalento, de profunda tristeza ou mágoa; desgosto.
3. Grande preocupação ou inquietação; ansiedade, angústia.
4. Padecimento físico; tortura.

Agitação

[Do lat. agitatione.]

S. f.

1. Ação ou efeito de agitar(-se); agitação.
2. Movimento, abalo, oscilação.
3. Perturbação, inquietação; efervescência: "Padilha, numa agitação constante, devorava manifestos e roía as unhas." (Graciliano Ramos, S. Bernardo, p. 180.)
4. Comoção política; sublevação, conflito.
5. Alvorço, rebuliço, tumulto.
6. Manifestação de caráter político e/ou social que expressa novas tendências, ou descontentamento, por meio de atos públicos, de atuação sobre determinados grupos, de divulgação escrita ou visual, etc.
7. Psiq. Atividade motora exagerada, desordenada e incoerente, com excitação ou confusão mental.
8. Bras. Gír. V. ouriço (4).

Angústia

[Do lat. angustia.]

S. f.

1. Estreiteza, limite de espaço ou de tempo.
 2. Ansiedade ou aflição intensa; ânsia, agonia.
 3. P. ext. Sofrimento, tribulação: A triste revelação acarretou o agravamento de suas angústias.
 4. Hist. Filos. Segundo Kierkegaard v. kierkegaardiano, determinação que revela a condição espiritual do homem, caso se manifeste psicologicamente de maneira ambígua e o desperte para a possibilidade de ser livre.
 5. Hist. Filos. Segundo Heidegger v. heideggeriano, disposição afetiva pela qual se revela ao homem o nada absoluto sobre o qual se configura a existência (q. v.).
- [Cf. angustia, do v. angustiar.]

Ansiedade

[Do lat. anxietate.]

S. f.

1. Ânsia (1 a 3): "Partir! Partir também! Que ansiedade esquisita / De desaparecer pela água infinita!" (Ribeiro Couto, Poesias Reunidas, p. 24.)
2. Psiq. Med. Sensação de receio e de apreensão, sem causa evidente, e a que se agregam fenômenos somáticos como taquicardia, sudorese, etc.

Ambição

[Do lat. ambitione.]

S. f.

1. Desejo veemente de alcançar aquilo que valoriza os bens materiais ou o amor-próprio (poder, glória, riqueza, posição social, etc.): A ambição o levou aos mais altos postos, apesar da origem humilde.

2. Desejo ardente de alcançar um objetivo de ordem superior; aspiração, anelo: Foi ambição de João XXIII dar ao catolicismo um sentido ecumênico.
3. Aspiração relativamente ao futuro: Minha grande ambição é ver meus filhos encaminhados.
4. Desejo intenso: "E eis por que sentes, dia a dia, à toa / Essa ambição de apodrecer na rede / E esses impulsos de brigar em Goa!" (Humberto de Campos, Poesias Completas, p. 299.)

Amizade

[Do lat. vulg. *amicitate.]

S. f.

1. Sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas que geralmente não são ligadas por laços de família ou por atração sexual: A moça demonstrava grande amizade por sua velha mestra.
2. Estima, simpatia ou camaradagem entre grupos ou entidades: A amizade entre os clubes locais desenvolveu-se quando do Campeonato Nacional.
3. Pessoa amiga; amigo: Paula é uma de suas grandes amizades.
4. Vinculação de caráter exclusivamente social; relações: Não gosta de fazer amizades. [M. us. no pl.]
5. Mancebia, concubinato; amasio.
6. Entendimento, fraternidade: a amizade luso-brasileira.
7. Benevolência, bondade: Todos tratavam o velhinho com amizade.
8. Dedicção de certos animais ao homem: amizade de um cão a seu dono.
9. Bras. Pop. F. de tratamento: meu amigo, meu chapa; nossa-amizade: "-- Mas eu sou campeão de caça a irerê e queria bater meu recorde! | -- Calma amizade." (Carlos Drummond de Andrade, em Jornal do Brasil, 5.5.1973.)

Amor

(ô). [Do lat. amore.]

S. m.

1. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa: amor ao próximo; amor ao patrimônio artístico de sua terra.
2. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa; devoção extrema: "Amor é um fogo que arde sem se ver" (Luís de Camões, Rimas, p. 135); "Vereis amor da pátria não movido / De prêmio vil, mas alto e quase eterno" (Id., Os Lusíadas, I, 10); amor a uma causa.
3. Sentimento de afeto ditado por laços de família: amor filial.
4. Sentimento terno ou ardente de uma pessoa por outra, e que engloba tb. atração física: "Tenho frio e ardo em febre! / O amor me acalma e endoua, o amor me eleva e abate!" (Olavo Bilac, Poesias, p. 124); estar louco de amor; casamento de amor.
5. P. ext. Atração física e natural entre animais de sexos opostos: Os pombos arrulhavam de amor.
6. Amor (4) passageiro e sem consequência; capricho: Seu amor à prima não passou de fogo de palha.
7. Aventura amorosa; amores (3): Aquele amor foi a desgraça do casal.
8. Adoração, veneração, culto: amor a Deus.
9. Afeição, amizade, carinho, simpatia, ternura.
10. Inclinação ou apego profundo a algum valor ou a alguma coisa que proporcione prazer; entusiasmo, paixão: amor à verdade; amor à natureza; amor ao jogo.
11. Muito cuidado; zelo, carinho: O artesão trabalhava com amor.
12. O objeto do amor (1 a 9).
13. Mit. Cupido: "Não me parecia que Amor / pudesse tanto comigo / que donde entre por amigo / se levante por senhor." (Luís de Camões, Rimas, p. 69.) ~ V. amores.

Apatia

[Do gr. apátheia, pelo lat. apatia.]

S. f.

1. Psiq. Estado de impassibilidade, de indiferença.
2. Falta de energia; indolência: "Era uma insurreição que desejava, acima de tudo, marcar a diferença entre a apatia e o dinamismo" (Alceu Amoroso Lima, Quadro Sintético da Literatura Brasileira, p. 100).
3. Filos. No cepticismo e no estoicismo, estado em que a alma se torna insensível à dor e a qualquer sofrimento. [Cf., nesta acepç., aponia, ataraxia (1), atambia e eutimia.]
4. Patol. V. acrodinia.

Bondade

[Do lat. bonitate.]

S. f.

1. Qualidade ou caráter de bom.
2. Benevolência, indulgência, benignidade, clemência: A bondade do pároco era reconhecida por todos.
3. Boa ação.
4. Brandura, doçura. [Antôn., nessas acepç.: maldade.]
5. Bras. N. N.E. Pop. Orgulho, soberba: Gosto do Dr. Paulo, é um rico sem bondade.

Bravura

[De bravo1 + -ura.]

S. f.

1. Qualidade ou caráter de bravo.
2. Ação de bravo1 (1).

Brutalidade

[De brutal + -(i)dade.]

S. f.

1. Qualidade de brutal.
2. Ação brutal; selvageria, violência.
3. Grosseria, incivilidade: Não diga brutalidades. [Sin. ger.: brutidade, bruteza, brutidão.]

Carinho

[Do esp. cariño.]

S. m.

1. Afago, meiguice, carícia.
2. Cuidado, desvelo.

Caridade

[Do lat. caritate.]

S. f.

1. Ét. No vocabulário cristão, o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem e procura identificar-se com o amor de Deus; ágape, amor-caridade.
2. Benevolência, complacência, compaixão.
3. Beneficência, benefício; esmola.
4. Rel. Uma das virtudes teológicas (v. virtudes teológicas).
5. Bras. N. Cul. Bolo de farinha de trigo, manteiga, açúcar e ovos.

Cisma

[Do gr. schísma, pelo lat. tard. schisma.]

S. m.

1. Separação do corpo e da comunhão de uma religião.
2. Dissidência de opiniões.
3. Preocupação, inquietação.
4. Devaneio, sonho, fantasia.
5. Bras. Desconfiança, suspeita.
6. Bras. Capricho, teima, obstinação.
7. Bras. Implicância, antipatia.
8. Bras. Receio supersticioso.

Ciúme

[Do lat. *zelumen < lat. zelus < gr. zêlos, 'cuidado'; 'ardor'; 'inveja'; 'ciúme'.]

S. m.

1. Sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade fazem nascer em alguém; zelos. [Nesta acepç. é m. us. no pl.]
2. Emulação, competição, rivalidade.
3. Despeito invejoso; inveja.
4. Receio de perder alguma coisa; cuidado, zelo: Guardou o retrato com ciúme.
5. Bras. N.E. Bot. Designação comum a arbustos ornamentais, da família das asclepiadáceas, de flores exóticas e aromáticas, vermelhas, róseas, lilás ou violáceas, e cujos frutos têm sementes arredondadas, castanho-claras, de filamentos sedosos, e com propriedades consideradas medicinais; flor-de-seda. ~ V. ciúmes.

Cobiça

[Do lat. vulg. cupiditia.]

S. f.

1. Desejo sôfrego, veemente, de possuir bens materiais; avidez, cupidez.
2. Ambição desmedida de riquezas.

Cólera

[Do gr. choléra, pelo lat. cholera, 'doença biliosa', 'ira'.]

S. f.

1. Impulso violento contra o que nos ofende, fere ou indigna; ira, raiva, fúria, furor, zanga.
2. A ferocidade dos animais: a cólera do tigre.
3. Fig. Ímpeto, agitação: a cólera das ondas.
4. Patol. Doença infecciosa aguda, contagiosa, que pode manifestar-se sob forma epidêmica, caracterizada, em sua apresentação clássica, por diarreia abundante, prostração e câibras; cólera-morbo, mordexim.

Comoção

[Do lat. commotio.]

S. f.

1. Perturbação, abalo.
2. Revolta, motim: &
3. Neur. Perturbação orgânica, esp. nervosa.

Compaixão

[Do lat. compassio.]

S. f.

1. Pesar que em nós desperta a infelicidade, a dor, o mal de outrem; piedade, pena, dó, condolência.

Companheirismo

[De companheiro + -ismo.]

S. m.

1. Procedimento ou convívio cordial, afetuoso, próprio de companheiro; camaradagem, coleguismo:

Compreensão

[Do lat. comprehensio.]

S. f.

1. Ato ou efeito de compreender.
2. Faculdade de perceber; percepção.
3. Lóg. Conjunto das características gerais que formam um conceito e que são os atributos dos objetos designados por um termo. [Sin., nesta acepç.: intensão, conotação, conteúdo. Cf. extensão (11) e generalização (5).]

Comprometimento

[De comprometer + -imento.]

S. m.

1. Ação ou fato de comprometer(-se).

Confiança

[De confiar + -ança.]

S. f.

1. Segurança íntima de procedimento.
2. Crédito, fé
3. Boa fama
4. Segurança e bom conceito que inspiram as pessoas de probidade, talento, discrição, etc.
5. Esperança firme
6. Pop. Familiaridade.
7. Pop. Atrevimento, petulância.
8. Bras. Atos libidinosos; licença.

S. m.

9. Bras. RS Empregado (ou outra pessoa) de confiança, com quem se pode contar em qualquer situação: &

Confusão

[Do lat. confusio.]

S. f.

1. Ato ou efeito de confundir.
2. Estado daquilo que se acha confundido, misturado.
3. Falta de ordem ou método.
4. Incapacidade de reconhecer diferenças ou distinções
5. Tumulto, barulho, barafunda. [F. red. (bras., gír.): confusa.]
6. V. rolo1 (16).
7. Falta de clareza
8. Perturbação causada pela modéstia, pelo pudor, pela vergonha de alguma falta; enleio.
9. Perplexidade, hesitação
10. Jur. Extinção parcial ou total de certos direitos e obrigações em virtude de se reunirem na mesma pessoa as qualidades de credor e devedor.
11. Psiq. Neur. Distúrbio de orientação relativo a tempo, lugar ou pessoa, e que tb. pode apresentar alteração de consciência.

Constrangimento

[Do lat. confusio.]

S. m.

1. Ato de constranger
2. Situação de quem foi violentado

Controle

(ô). [Do fr. contrôle.]

S. m.

1. Ato, efeito ou poder de controlar; domínio, governo.
 2. Fiscalização exercida sobre as atividades de pessoas, órgãos, departamentos, ou sobre produtos, etc., para que tais atividades, ou produtos, não se desviem das normas preestabelecidas.
 3. Restr. Fiscalização financeira.
 4. Botão, chave, circuito ou parafuso destinado a ajustar ou fazer variar as características de um elemento elétrico.
 5. Autodomínio físico e psíquico.
 6. V. equilíbrio (6).
- [Sin. ger. (lus.): controlo (ô). Pl.: controles (ô). Cf. controle e controles, do v. controlar.]

Controvérsia

[Do lat. controversia.]

S. f.

1. Discussão ou debate regular acerca de assunto literário, artístico, científico, etc.
2. Contestação, polêmica.

Coragem

[Do fr. ant. corage, curage (atual courage).]

S. f.

1. Bravura em face do perigo.
2. Intrepidez, ousadia.
3. Resolução, franqueza, desembaraço
4. Perseverança, constância, firmeza

Interj.

5. Us. para infundir coragem.

Covardia

[De covarde + -ial.]

S. f.

1. Falta de coragem; medo, timidez, poltronice.
2. Fraqueza de ânimo; pusilanimidade.
3. Ânimo traiçoeiro.

[F. paral.: cobardia; sin. ger.: covardice.]

Crueldade

[Do lat. crudelitate.]

S. f.

1. Qualidade do que é cruel
2. Ato cruel; cruza
3. Dureza, rigor

Culpa

[Do lat. culpa.]

S. f.

1. Conduta negligente ou imprudente, sem propósito de lesar, mas da qual proveio dano ou ofensa a outrem.
2. Falta voluntária a uma obrigação, ou a um princípio ético.
3. Delito, crime, falta
4. Transgressão de preceito religioso; pecado.
5. Responsabilidade por ação ou por omissão prejudicial, reprovável ou criminoso
6. Jur. Violação ou inobservância duma regra de conduta, de que resulta lesão do direito alheio. [Cf. dolo1.]

Cumplicidade

[De cúmplice + -(i)dade.]

S. f.

1. Ato ou qualidade de cúmplice.

Curiosidade

[Do lat. curiositate.]

S. f.

1. Qualidade ou caráter daquele ou daquilo que é curioso.
2. Desejo de ver, saber, informar-se, desvendar, alcançar etc.; interesse
3. Desejo de aprender, conhecer, investigar determinados assuntos; interesse
4. Desejo irreprimível de conhecer os segredos, os negócios alheios; bisbilhotice, indiscrição
5. Informação que revela algo desconhecido e interessante
6. Tendência de amador a procurar coisas raras e originais
7. Objeto raro e/ou interessante; raridade

Dedicação

[Do lat. dedicatio.]

S. f.

1. Qualidade de quem se dedica; abnegação, consagração, devotamento.
2. Afeição profunda; veneração, amor.

Desalento

[De des- + alento.]

S. m.

1. Falta de alento; desânimo, abatimento

Desamparo

[De des- + amparo.]

S. m.

1. Falta de amparo; abandono.

Desamor

(ô). [De des- + amor.]

S. m.

1. Falta de amor, desapego.
2. Desprezo, desdém, desculto

Desanimo

[De des- + animar.]

V. t. d.

1. Fazer perder o ânimo, a coragem, a energia; desalentar
2. Esmorecer, entibiar
3. Desfavorecer.

V. t. i.

4. Perder o ânimo; desistir

V. int.

5. Perder o ânimo, a coragem, o alento; desalentar-se, desanimar-se

V. p.

6. Desanimar

[Pres. ind.: desanimo, etc. Cf. desânimo.]

Desapontamento

[Do ingl. disappointment.]

S. m.

1. Sucesso desagradável, que surpreende; decepção, desilusão.

[Sin. (bras.): desaponto.]

Desconfiança

[De des- + confiança.]

S. f.

1. Qualidade de desconfiado.
2. Falta de confiança.

Desconsolo

(ô). [De des- + consolo (ô).]

S. m.

1. Desconsolação.
2. Tristeza, desolação.

[Pl.: desconsolos (ô). Cf. desconsolo, do v. desconsolar.]

Descrença

[De des- + crença.]

S. f.

1. Falta ou perda de crença; incredulidade.

Desprezo

(ê). [Dev. de desprezar.]

S. m.

1. Falta de apreço; desconsideração, desdém. [Sin., ant.: contemptamento, contempto.]

2. Repulsa com nojo.

[Pl.: desprezos (ê). Cf. desprezo, do v. desprezar.]

Desdém

[Do provenç. desdenh.]

S. m.

1. Ato ou efeito de desdenhar; desprezo com orgulho.
2. Altivez, arrogância.

Desejo

(ê). [Do lat. vulg. *desidiu.]

S. m.

1. Ato ou efeito de desejar.

2. Vontade de possuir ou de gozar.
3. Anseio, aspiração.
4. Cobiça, ambição.
5. Vontade de comer ou beber; apetite.
6. Apetite sexual
7. Pop. Na gravidez, vontade exacerbada de comer e/ou beber determinada(s) coisa(s).

Desembaraço

[De des- + embaraço.]

S. m.

1. Ato ou efeito de desembaraçar(-se).
2. Falta de embaraço; desimpedimento, facilidade.
3. Agilidade, presteza.
4. Coragem, denodo.

Desespero

(ê). [Dev. de desespearar.]

S. m.

1. V. desesperação.
2. Aflição extrema.
3. Raiva, cólera, furor.

[Pl.: desesperos (ê). Cf. desespero, do v. desespearar.]

Desgosto

(ô). [De des- + gosto (ô).]

S. m.

1. Ausência de gosto ou prazer; desprazer.
2. Pesar, mágoa, tristeza, descontentamento.
3. Nojo, aversão, repugnância.

[Pl.: desgostos (ô). Cf. desgosto, do v. desgostar.]

Desesperança

[De des- + esperança.]

S. f.

1. Falta ou perda de esperança; desespero, desesperação.

Deslumbramento

[De deslumbrar + -mento.]

S. m.

1. Ato ou efeito de deslumbrar(-se).
2. Fig. Fascinação, encanto, maravilha.
3. Fig. Cegueira, obcecação.

Desilusão

[De des- + ilusão.]

S. f.

1. Ato ou efeito de desiludir(-se); desengano; decepção.

Desinibição

[De des- + inibir.]

V. t. d.

1. Fazer cessar a inibição (2 a 4) a.

V. p.

2. Tornar-se desinibido.

Desolação

[Do lat. desolatione.]

S. f.

1. Ato ou efeito de desolar(-se).
2. Devastação, ruína, destruição.
3. Isolamento, solidão; desamparo.
4. Estrago causado por calamidade.
5. Grande tristeza; consternação.

[Sin. ger., p. us.: desolamento.]

Despudor

(ô). [De des- + pudor.]

S. m.

1. Falta de pudor; impudor, impudência.

Destemor

(ô). [De des- + temor.]

S. m.

1. Falta de temor; arrojo, audácia, intrepidez.

Destempero

(ê). [Dev. de destemperar.]

S. m.

1. Disparate, desconchavo.
2. Despropósito, destampatório.
3. Pop. V. diarreia.
4. Bras. Fam. V. quantidade (3)

[Pl.: destemperos (ê). Cf. destempero, do v. destemperar.]

Desvalia

[De des- + valia.]

S. f.

1. Falta de valia; desvalimento.

Dignidade

[Do lat. dignitate.]

S. f.

1. Cargo e antigo tratamento honorífico.
2. Função, honraria, título ou cargo que confere ao indivíduo uma posição graduada
3. Autoridade moral; honestidade, honra, respeitabilidade, autoridade
4. Decência, decoro
5. Respeito a si mesmo; amor-próprio, brio, pundonor

Displícência

[Do lat. displicentia.]

S. f.

1. Predisposição de espírito para a tristeza ou o tédio.
2. Descontentamento, desagrado, aborrecimento, desgosto.
3. Bras. Descuido, ou mesmo desleixo, nas maneiras, no vestir, no proceder; descaso, desmazelo, negligência.
4. Bras. Negligência, indiferença, desinteresse.

Dissabor

(ô). [De dis-1 + sabor.]

S. m.

1. Desgosto, mágoa, tristeza.
2. Contrariedade, aborrecimento, desprazer, amolação.
3. Sensaboria, insipidez.

[Cf. dessabor.]

Dissimulação

[Do lat. dissimulatione.]

S. f.

1. Ato ou efeito de dissimular(-se).
2. Encobrimento das próprias intenções.
3. Disfarce, fingimento, hipocrisia, refolho.

[Sin. (desus.): dissímulo.]

Doçura

[De doce + -ura.]

S. f.

1. Qualidade do que é doce.
2. Gosto do doce.
3. Fig. Brandura, suavidade, serenidade.
4. Fig. Meiguice, ternura.

Dúvida

[Dev. de duvidar.]

S. f.

1. Incerteza sobre a realidade de um fato ou verdade de uma asserção; hesitação, indecisão
2. Dificuldade em crer; descrença, cepticismo.
3. Desconfiança, suspeita
4. Escrúpulo, receio
5. Obstáculo, objeção
6. Filos. Suspensão temporária do assentimento, seja por insuficiência de motivos, seja por equilíbrio entre motivos contrários, seja por atitude deliberada.
[Cf. duvida, do v. duvidar.]

Egoísmo

[Do fr. égoïsme.]

S. m.

1. Amor excessivo ao bem próprio, sem consideração aos interesses alheios.
2. Exclusivismo que faz o indivíduo referir tudo a si próprio (v. egocentrismo).
[Antôn., nessas acepç.: altruísmo (1 e 2).]
3. Filáucia, orgulho, presunção.
4. Ét. Doutrina que considera como princípio explicativo dos preceitos morais, e como princípio diretor da conduta humana moral, o interesse individual.
5. Ét. Amor exclusivo e excessivo de si, implicado na subordinação do interesse de outrem ao seu próprio.
[Cf., na acepç. 5, amor-próprio e, nas acepç. 4 e 5, abnegação (2) e altruísmo (3).]

Embaraço

[Dev. de embaraçar.]

S. m.

1. Impedimento, obstáculo, estorvo, dificuldade.
2. Perturbação, atrapalhão.
3. V. gravidez.
4. Pop. V. menstruação (1).

Emburramento

[De emburrar + -mento.]

S. m.

1. Estado de quem se emburra; agastamento, casmurrice, burrão.

Empáfia

[De or. incerta.]

S. f.

1. Orgulho vão; soberba, altivez, embófia; páfia

Empolgação

[De empolgar + -ção.]

S. f.

1. Ato ou efeito de empolgar(-se).
2. Bras. Grande animação; vivo entusiasmo

Empatia

[Do ingl. empathy, trad. do al. Einfühlung, a partir do ingl. em- (< lat. in) + ingl. -pathy, como em sympathy.]

S. f. Psicol.

1. Tendência para sentir o que sentiria caso estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa.

Encanto

[Dev. de encantar.]

S. m.

1. Coisa que delicia, enleva, encanta
2. V. encantamento

Enfado

[Dev. de enfadar.]

S. m.

1. Impressão desagradável; mal-estar, incômodo.
2. Zanga, aborrecimento, agastamento.
[Sin. ger.: enfadamento.]

Engano

[Dev. de enganar.]

S. m.

1. Erro causado por descuido, falta de conhecimento específico ou desatenção
2. Logro, armadilha, embuste.
3. Falsa crença, ilusão
4. Bras. Restr. Ligação telefônica errada.

Esforço

(ô). [Dev. de esforçar.]

S. m.

1. Mobilização de forças, físicas, intelectuais ou morais, para vencer uma resistência ou dificuldade, para atingir algum fim:
2 2
2. Contração muscular.
3. Vigor, energia, força.
4. Valor, ânimo, coragem
5. Dificuldade
[Pl.: esforços (ô). Cf. esforço, do v. esforçar.]

Espanto

[Dev. de espantar.]

S. m.

1. Assombro, pasmo, admiração.
2. Sobressalto, susto, medo.
3. Terror, pavor, assombro.
4. Admiração, enleio, maravilha.
5. Sucesso imprevisto; surpresa.

Esperança

[De esperar + -ança.]

S. f.

1. Ato de esperar o que se deseja.
2. Expectativa, espera.
3. Fé, confiança em conseguir o que se deseja.
4. Aquilo que se espera ou deseja
5. Rel. A segunda das três virtudes teologais, simbolizada por uma âncora.
6. Bras. Zool. Inseto ortóptero, tetigonióideo, de antena setácea, geralmente mais longa que o corpo, pernas espinhosas, e ovipositor ensiforme. Tem, de ordinário, cor verde.

Exagero

(z...ê). [Dev. de exagerar.]

S. m.

1. V. exageração (1 e 2).
2. Aquilo que encerra exageração.
[Pl.: exageros (ê). Cf. exagero, do v. exagerar.]

Exaltação

(z). [Do lat. exaltatione.]

S. f.

1. Ato ou efeito de exaltar(-se).
2. Excitação nas funções orgânicas ou nos sentidos; sobre excitação do espírito.
3. Estado de pessoa irritada, encolerizada
4. Glorificação (1).

Êxtase

[Do gr. êkstasis, pelo lat. tard. ecstase, extase, extase.]

S. m.

1. Arrebatamento íntimo; enlevo, arroubo, encanto.
2. Admiração de coisas sobrenaturais; pasmo, assombro.

3. Psiq. Fenômeno observado na histeria e nos delírios místicos, e que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria, mas que é mesclado de certa angústia: fica o paciente quase de todo imobilizado, parecendo haver perdido qualquer contato com o mundo exterior. [Cf. estase.]

Fadiga

[Dev. de fadigar.]

S. f.

1. Cansaço, canseira, fadigamento.
2. Trabalho, faina, lida.
3. Diminuição gradual da resistência de um material por efeito de solicitações repetidas.
4. Med. Condição em que um indivíduo acusa crescente desconforto e decrescente capacidade física e/ou mental, decorrendo ambos de atividade prolongada ou excessiva para a sua capacidade de tolerância.

Fascinação

[Do lat. fascinatione.]

S. f.

1. Atração irresistível; fascínio.
2. Deslumbramento, encanto, enlevo, fascínio.

Felicidade

[Do lat. felicitate.]

S. f.

1. Qualidade ou estado de feliz; ventura, contentamento
 2. Bom êxito; êxito, sucesso
 3. Boa fortuna; dita, sorte
- ~ V. felicidades.

Fidelidade

[Do lat. fidelitate.]

S. f.

1. Qualidade de fiel; lealdade.
2. Constância, firmeza, nas afeições, nos sentimentos; perseverança.
3. Observância rigorosa da verdade; exatidão.
4. Fís. Propriedade duma balança que assume sempre a mesma posição quando solicitada pelas mesmas forças.
5. Fís. Propriedade dum sistema acústico capaz de reproduzir sons de todas as frequências presentes num sinal original, respeitando as relações de intensidade.

Força

(ô). [Do b.-lat. fortia, pl. neutro subst. de fortis, 'forte'.]

S. f.

1. Saúde física; robustez, vigor
2. Energia física
3. Energia moral
4. Obrigação a que não se pode faltar; necessidade (v. é força que)
5. Esforço necessário para fazer alguma coisa
6. Intensidade, calor, veemência
7. Impulso, incitamento.
8. Ação de obrigar alguém a fazer algo; violência
9. Poder, influência, prestígio
10. A virtude, o poder, a eficácia das coisas
11. Faculdade de operar, mover-se, etc.
12. Viveza, intensidade, vigor, valor, peso
13. O mais alto grau de alguma coisa
14. Grande porção; abundância.
15. A parte mais importante ou numerosa de um todo; a de maior peso; o grosso
16. Motivo, causa
17. Energia elétrica

18. Fís. Todo agente capaz de alterar o módulo ou a direção da velocidade de um corpo; todo agente capaz de atribuir uma aceleração a um corpo [símb.: F].

19. Mil. Qualquer conjunto de tropas, navios ou aeronaves (ou uma combinação deles) estabelecido para fins operativos ou administrativos: 2

20. Tip. Vigor maior ou menor dos traços dos tipos, fios, etc., segundo o qual estes podem ter grau normal, claro, meio-claro, preto e meio-preto; peso.

21. Turfe Cavalos tido como superior a seus concorrentes em determinado páreo. [Pl.: forças (ô). Cf. força e forças, do v. forçar.]

Fracasso

[Do it. fracasso.]

S. m.

1. Estrondo de coisa que se parte ou cai
2. Desastre, desgraça.
3. Ruína, perda.
4. Mau êxito; malogro.

Fraqueza

(ê). [De fraco + -eza.]

S. f.

1. Qualidade de fraco; falta de força, de vigor, de solidez ou energia; debilidade.
2. Delicadeza de compleição; fragilidade.
3. Desânimo, desalento.
4. Falha, imperfeição, defeito.
5. Pusilanimidade, covardia, cobardia
6. Falta de obstinação, de pertinácia.
7. Propensão para ceder a sugestões, imposições ou impressões.
8. O lado fraco de um caráter ou de uma coisa

Fragilidade

[Do lat. fragilitate.]

S. f.

1. Qualidade de frágil.

Frenesi

[Do lat. phrenesis, pelo fr. frénésie.]

S. m.

1. Delírio, desvario, tresvario.
2. Entusiasmo delirante; excitação, arrebato
3. Atividade sucessiva; agitação, impaciência, inquietação
4. Impertinência, importunidade, enfado.

[Var.: frenesim e (bras., pop.) famesim.]

Frieza

(ê). [De frio + -eza.]

S. f.

1. V. frialdade (1, 3 e 4).
2. Falta de expressividade ou colorido em obras de arte.

Fúria

[Do lat. furia.]

S. f.

1. Agitação violenta; ímpeto de violência; furor
2. Exaltação de ânimo; raiva, ódio, ira
3. Inspiração, estro, entusiasmo, ímpeto
4. Precipitação ou inconsideração de procedimento.
5. Pessoa furiosa, raivosa
6. Mulher desgrenhada.

~ V. fúrias.

Ganância

[Do esp. ganancia < esp. ganar, 'ganhar' (q. v.), + esp. -ancia (= -ância).]

S. f.

1. Ambição de ganho.
2. V. ganho (2).
3. Ganho ilícito; usura.
4. P. ext. Ambição desmedida.

[Cf. ganancia, do v. gananciar.]

Generosidade

[Do lat. generositate.]

S. f.

1. Qualidade de generoso.
2. Ação ou atitude generosa.

Gratidão

[Do lat. tard. gratitudine.]

S. f.

1. Qualidade de quem é grato.
2. Reconhecimento por um benefício recebido; agradecimento, reconhecimento.

Harmonia

[Do gr. harmonía.]

S. f.

1. Disposição bem ordenada entre as partes de um todo.
2. Proporção, ordem, simetria.
3. Acordo, conformidade.
4. V. paz (1 e 2).
5. Suavidade e sonoridade do estilo.
6. Consonância ou sucessão agradável de sons.
7. Anat. Sinartrose formada por dois ossos cujo contato se dá mediante superfícies de recorte quase imperceptível, como é o caso de osso nasal com ramo ascendente de maxilar.
8. E. Ling. Influência que um som de palavra ou sintagma exerce sobre outro(s), vizinho(s) ou próximo(s), e que os torna mais semelhantes entre si.
9. Mús. Na Grécia antiga, sucessão lógica dos sons, dentro da oitava.
10. Mús. Na Grécia antiga, um acorde de sons e, particularmente, um acorde de oitava.
11. Mús. Entre os gregos, modo (15), como, p. ex., o dório, o frígio, o lídio, etc.
12. Mús. Entre os gregos, a adaptação de um texto a uma melodia.
13. Mús. Arte e ciência que tem por objeto a formação e o encadeamento dos acordes, segundo as leis da tonalidade (q. v.), do cromatismo (q. v.), ou, modernamente, por meio do afastamento mais ou menos radical das categorias tonais. [Cf. contraponto e atonalidade.]
14. Mús. Conjunto dos instrumentos de sopro, na orquestra.
15. Mús. Orquestra formada exclusivamente por instrumentos de sopro e percussão; banda, fanfarra.

Horror

(ô). [Do lat. horrore.]

S. m.

1. Sensação arrepiante de medo
2. Receio, medo, temor, pavor
3. Repulsão, repulsa, aversão, ódio
4. Aquilo que inspira horror
5. Pop. Padecimento atroz.
6. Crime bárbaro.
7. Pop. V. quantidade (3).

~ V. horrores.

Hostilidade

[Do lat. tard. hostilitate.]

S. f.

1. Qualidade de hostil.
2. Ato ou efeito de hostilizar(-se).

Humor

(ô). [Do lat. humor, oris.]

S. m.

1. Fisiol. Substância orgânica líquida ou semilíquida.
2. Anat. Designação comum a certas matérias líquidas existentes no organismo.
3. Hist. Nat. Cada um de quatro tipos de matéria líquida ou semilíquida que existiriam no organismo humano e que, no indivíduo sadio, se encontrariam em equilíbrio e lhe caracterizariam o temperamento; a ruptura de tal equilíbrio determinaria o aparecimento de doença. Eram eles: o sangue, a fleuma, a bílis amarela e a bílis negra. [V. humoralismo.]
4. Disposição de espírito
5. Veia cômica; graça, espírito
6. Capacidade de perceber, apreciar ou expressar o que é cômico ou divertido.

Ignorância

[Do lat. ignorantia.]

S. f.

1. Condição de quem não é instruído
2. Falta de saber; ausência de conhecimentos
3. Estado de quem ignora ou desconhece alguma coisa, não tem conhecimento dela

Impaciência

[Do lat. impatientia.]

S. f.

1. Falta de paciência.
2. Pressa, sofreguidão.
3. Irritação, agastamento; ira.

Implicância

[De implicar + -ância.]

S. f.

1. Implicação (1)
2. Fam. Má vontade; quizila, embirração, birra, implicação
3. V. amolação (4).

Impotência

[Do lat. impotentia.]

S. f.

1. Qualidade de impotente (1).
2. Incapacidade masculina para a cópula; fraqueza genésica.

Incerteza

(ê). [De in-2 + certeza.]

S. f.

1. Falta de certeza; hesitação; indecisão, perplexidade, dúvida.

Incredulidade

[Do lat. tard. incredulitate.]

S. f.

1. Qualidade de incrédulo, descrença.
2. Falta de fé; irreligião; ateísmo.

Indecisão

[De in-2 + decisão.]

S. f.

1. Estado ou qualidade de indeciso; hesitação, irresolução, perplexidade.
2. Falta de espírito de decisão, de capacidade de decidir ou resolver de prnto.

Indiferença

[Do lat. tard. indifferentia, 'estado físico que não apresenta nada de particular'; fr. indifférence (1372).]

S. f.

1. Qualidade de indiferente.
2. Desinteresse
3. Desprendimento, desdém; desprezo
4. Insensibilidade moral; apatia, insensibilidade, negligência.
5. Inconsciência doentia.

Indignação

[Do lat. indignatione.]

S. f.

1. Sentimento de cólera despertado por ação indigna; ódio, raiva.
2. Desprezo, repulsa, aversão.

Indisposição

[De in-2 + disposição.]

S. f.

1. Pequena alteração na saúde; mal-estar, incômodo.
2. Desavença, zanga, discussão.
3. Má vontade contra alguém.

Infelicidade

[Do lat. infelicitate.]

S. f.

1. Qualidade ou estado de infeliz.
2. Desgraça, desdita, infortúnio.
3. Lance infeliz

Ingenuidade

(u-i). [Do lat. ingenuitate.]

S. f.

1. Qualidade de ingênuo; simplicidade, singeleza.
2. Ação própria de pessoa ingênua.

Inibição

[Do lat. inhibitione, 'ação de remar em sentido contrário'.]

S. f.

1. Ato ou efeito de inibir(-se).
2. Estado ou condição de pessoa inibida.
3. Fisiol. Med. Parada ou limitação de função ou de reação orgânica.
4. Psicol. Resistência psicológica íntima a certos sentimentos ou atos

Injúria

[Do lat. injuria, 'injustiça', 'afronta', 'dano', 'lesão'.]

S. f.

1. Ato ou efeito de injuriar.
 2. Aquilo que é injusto.
 3. Ato ou dito ofensivo a alguém; agravo, insulto.
 4. Jur. Ofensa à dignidade ou decoro de alguém.
 5. Traum. Traumatismo, em geral, produzido por força externa.
- [Cf. injúria, do v. injuriar.]

Interesse

(ê). [Subst. do v. lat. interesse, 'estar entre, no meio'; 'participar'.]

S. m.

1. Lucro material ou pecuniário; ganho.
2. Parte ou participação que alguém tem nalguma coisa
3. Vantagem, proveito; benefício
4. Aquilo que convém, que importa, seja em que domínio for.
5. Sentimento de cobiça; avidez.
6. Procura de vantagem pessoal, de proveito.

7. Sentimento de zelo, simpatia, preocupação ou curiosidade por alguém ou alguma coisa

8. Empenho

9. Curiosidade

10. Qualidade de interessante (2)

11. Relação de reciprocidade entre um indivíduo e um objeto que corresponde a uma determinada necessidade daquele.

12. V. juro (2).

13. Jur. Pretensão que se baseia ou pode basear-se em direito.

[Pl.: interesses (ê). Cf. interesse e interesses, do v. interessar. É corrente a pronúncia interesse (com e aberto).]

Intimidade

[De íntimo + -(i)dade.]

S. f.

1. Qualidade de íntimo.
2. Vida (10) íntima; vida particular
3. Trato íntimo

Intolerância

[Do lat. intolerantia.]

S. f.

1. Qualidade de intolerante; falta de tolerância.
2. Intransigência (1).

Insegurança

[De in-2 + segurança.]

S. f.

1. Falta de segurança.

[Sin., p. us.: inseguridade.]

Intriga

[Do fr. intrigue < it. intriga, der. regress. do v. it. intrigare (v. intrigar).]

S. f.

1. Enredo, bisbilhotice, mexerico.
2. Cilada, insídia, perfídia, traição.

[Dim. irreg.: intriguêlha.]

3. V. enredo (5).

4. Teatr. Na estrutura dramática (q. v.) de uma peça, elemento que se segue à exposição e culmina no clímax e no desenlace, e durante o qual se desenvolvem os caracteres e incidentes imaginados pelo autor; enredo, trama.

Inveja

[Do lat. invidia.]

S. f.

1. Desgosto ou pesar pelo bem ou pela felicidade de outrem.
2. Desejo violento de possuir o bem alheio.
3. P. ext. O objeto da inveja

Ira

[Do lat. ira.]

S. f.

1. Cólera, raiva, indignação.
2. Desejo de vingança.

Ironia

[Do gr. eironeía, 'interrogação', 'dissimulação', pelo lat. ironia.]

S. f.

1. Modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo, ou por pudor em relação a si próprio ou com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem
2. Contraste fortuito que parece um escárnio
3. Sarcasmo, zombaria.

Irreverência

[Do lat. irreverentia.]

S. f.

1. Falta de reverência; desacato; qualidade de irreverente

Lamúria

[Do lat. lemuria, 'festas em honra dos lêmures', nas quais naturalmente havia lamentações.]

S. f.

1. Lamentação (2 e 3).
2. Lengalenga de desgraças, para se alcançar o que se pede; choradeira.

[Cf. lamúria, do v. lamuriar.]

Lástima

[Dev. de lastimar.]

S. f.

1. Compaixão, pena, piedade, dó, comisseração
2. Tristeza, miséria, desgraça, infortúnio
3. Aquilo que merece ser lastimado; mal, dano
4. Queixa, pranto, lamento, lamentação
5. Deprec. Coisa ou pessoa inútil.

[Cf. lastima, do v. lastimar.]

Liberdade

[Do lat. libertate.]

S. f.

1. Faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação
2. Poder de agir, no seio de uma sociedade organizada, segundo a própria determinação, dentro dos limites impostos por normas definidas:
3. Faculdade de praticar tudo quanto não é proibido por lei.
4. Supressão ou ausência de toda a opressão considerada anormal, ilegítima, imoral
5. Estado ou condição de homem livre
6. Independência, autonomia
7. Facilidade, desembaraço
8. Permissão, licença
9. Confiança, familiaridade, intimidade (às vezes abusiva)
10. Bras. V. risca (4)
11. Filos. Caráter ou condição de um ser que não está impedido de expressar, ou que efetivamente expressa, algum aspecto de sua essência ou natureza. [Quanto à liberdade humana, o problema consiste quer na determinação dos limites que sejam garantia de desenvolvimento das potencialidades dos homens no seu conjunto -- as leis, a organização política, social e econômica, a moral, etc. --, quer na definição das potencialidades que caracterizam a humanidade na sua essência, concebendo-se a liberdade como o efetivo exercício dessas potencialidades, as quais, concretamente, se manifestam pela capacidade que tenham os homens de reconhecer, com amplitude sempre crescente, os condicionamentos, implicações e conseqüências das situações concretas em que se encontram, aumentando com esse reconhecimento o poder de conservá-las ou transformá-las em seu próprio benefício.] [Cf., nesta acepç., autodeterminação (2) e autonomia (5).]
~ V. liberdades.

Limitação

[Do lat. limitatione.]

S. f.

1. Ato ou efeito de limitar(-se).
2. Determinação, fixação, delimitação
3. Contenção, restrição, diminuição
4. Insuficiência, mediocridade
5. Finitude.

Luto

[Do lat. luctu.]

S. m.

1. Sentimento de pesar ou dor pela morte de alguém.
2. Os sinais exteriores de tal sentimento, em especial o traje, preto quase sempre, que se usa quando se está de luto: &
3. O tempo durante o qual se usa o luto (2).
4. Tristeza profunda; consternação, dó
5. Fig. A morte.

Mágoa

[Do lat. macula, por via popular.]

S. f.

1. Mancha ou nódoa proveniente de contusão.
2. Fig. Desgosto, amargura, pesar, tristeza.
3. Fig. Sentimento ou impressão desagradável causada por ofensa ou desconsideração; descontentamento, desgardo.
4. Fig. Dó, lástima, pena.

[Cf. magoa (ô), do v. magoar.]

Maldade

[Do lat. malitate.]

S. f.

1. Qualidade ou caráter de mau; perversidade, crueldade; iniquidade, malvadez.
 2. Ação má, perversa, cruel; malvadez.
- [Antôn. de 1 e 2: bondade.]
3. Malícia; mordacidade.
 4. Fam. Turbulência, travessura, traquinada.
- [Sin. (bras., PA), nessas acepç.: malineza.]
5. Bras. RS Pus proveniente de úlcera; pus.

Mau-humor (mal-Humorado)

Adj.

1. Que tem ou está de mau humor; irritado, azedo

Malícia

[Do lat. malitia.]

S. f.

1. Tendência para o mal; má índole.
 2. Esperteza, vivacidade.
 3. Sagacidade, astúcia, manha, ronha.
 4. Brejeirice, marotice
 5. Intenção maldosa, satírica ou fescenina
- [Sin., nas acepç. 1 a 5: maliciosidade.]
6. Dito picante, mordaz.
 7. Bras. Bot. V. dormideira.
- [Cf. malícia, do v. maliciar.]

Mansidão

[De manso + -idão.]

S. f.

1. Qualidade ou estado de manso.
 2. Índole ou procedimento pacífico de quem é manso; brandura
 3. Serenidade, tranquilidade, calma
- [Sin. ger.: mansuetude.]

Misericórdia

[Do lat. misericordia.]

S. f.

1. Compaixão suscitada pela miséria alheia.
 2. Indulgência, graça, perdão.
 3. V. santa casa.
 4. Ant. Punhal que os cavaleiros traziam do lado direito e com que matavam o adversário derribado, a menos que este pedisse misericórdia.
- Interj.
5. Grito de quem pede compaixão, piedade ou socorro.

Moderação

[Do lat. moderatiōne.]

S. f.

1. Ato ou efeito de moderar(-se), de tornar(-se) menor; diminuição, minoração, redução.
2. Qualidade que consiste em evitar excessos; prudência, comedimento

Moléstia

[Do lat. molestia.]

S. f.

1. Incômodo ou sofrimento físico; doença, achaque, mal.
2. Doença (2).
3. Incômodo ou sofrimento moral; aborrecimento, inquietação, mal.
4. Doença das plantas ou dos animais.
5. Bras. Pop. V. raiva (1).

Motivação

[De motivar + -ção.]

S. f.

1. Ato ou efeito de motivar.
2. Exposição de motivos ou causas.
3. V. móbil (2).
4. Conjunto de fatores psicológicos (conscientes ou inconscientes) de ordem fisiológica, intelectual ou afetiva, os quais agem entre si e determinam a conduta de um indivíduo.

Nervosismo

[De nervoso + -ismo.]

S. m.

1. Emotividade exagerada; irritabilidade, excitação, enervamento, nervosidade.
2. Estado caracterizado por excitação psíquica, ansiedade, etc.[Sin., nesta acepç.: nervoso e (bras., pop.) nervosa.]

Nostalgia

[De nost(o)- + -alg(o)-2 + -ia1; fr. nostalgie.]

S. f.

1. Melancolia produzida no exilado pelas saudades da pátria
2. Saudade (1)

Obediência

[Do lat. obedientia, oboedientia.]

S. f.

1. Ato ou efeito de obedecer.
2. Hábito de, ou disposição para obedecer.
3. Submissão à vontade de alguém; docilidade.
4. Sujeição, dependência.
5. Submissão extrema; vassalagem.
6. Rel. Um dos três votos feitos pelos monges.
7. Rel. Numa ordem religiosa, licença ou mandato por escrito dado aos subordinados para transferência de conventos ou para outros fins, e que serve, muitas vezes, de título de capacidade.
8. Rel. Na Ordem de S. Bento, mosteiro, granja ou pequeno priorato sujeito a uma ordem superior.

Objecção

[Do lat. objectione.]

S. f.

1. Ato ou efeito de objetar; réplica; contestação
2. V. oposição (1)
3. Obstáculo; óbice

Obsessão

[Do lat. obsessiōne.]

S. f.

1. Impertinência, perseguição, vexação.

2. Psiq. Pensamento, ou impulso, persistente ou recorrente, indesejado e aflitivo, e que vem à mente involuntariamente, a despeito de tentativa de ignorá-lo ou de suprimi-lo; idéia fixa, mania.

Obstinação

[Do lat. obstinatiōne.]

S. f.

1. Pertinácia, persistência, tenacidade, perseverança
2. Teima, birra

Ócio

[Do lat. otii.]

S. m.

1. Descanso do trabalho; folga, repouso.
2. Tempo que se passa desocupado; vagar, quietação, lazer, ociosidade.
3. Falta de trabalho; desocupação, inação, ociosidade.
4. Preguiça, indolência, moleza, mandriice, ociosidade.
5. Trabalho mental ou ocupação suave, agradável.

Ódio

[Do lat. odiu.]

S. m.

1. Paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém; execração, rancor, raiva, ira
2. Aversão a pessoa, atitude, coisa, etc.; repugnância, antipatia, desprezo, repulsão

Ofensa

[Do lat. offensa.]

S. f.

1. Injúria, agravo, ultraje, afronta.
2. Lesão, dano.
3. Desconsideração, desacato; menosprezo.
4. Postergação de preceitos; violação de regras; transgressão; pecado, falta.
5. Mágoa ou ressentimento de pessoa ofendida.

Onipotência

[Do lat. omnipotentia.]

S. f.

1. Qualidade de onipotente (1); poder absoluto e infinito
 2. Deus (1); providência.
 3. Autoridade ou soberania absoluta
- [F. paral.: onipotência.]

Orgulho

[Do francês * urgEli, 'excelência', pelo cat. orgull e poss., pelo esp. orgullo.]

S. m.

1. Sentimento de dignidade pessoal; brio, altivez.
2. Conceito elevado ou exagerado de si próprio; amor-próprio demasiado; soberba.
3. Aquilo ou aquele(s) de que(m) se tem orgulho

Otimismo

[Var. de optimismo < lat. optimus, 'ótimo', + -ismo.]

S. m.

1. Doutrina filosófica segundo a qual tudo corre no mundo do melhor modo possível, tudo vai bem: 2
2. Atitude em face dos problemas humanos ou sociais que consiste em considerá-los passíveis de uma solução global positiva, do que pode resultar uma atitude geral ativa e confiante ou, ao contrário, o descompromisso, por desnecessário, com qualquer tipo de participação.
3. Hist. Filos. Termo originalmente atribuído à doutrina de Leibniz (v. leibniziano), segundo a qual a divina inteligência criadora deste mundo escolhera, entre os diversos mundos

possíveis, o que associava o máximo de bem e o mínimo de mal, criando, pois, o melhor dos mundos possíveis.
[Opõe-se a pessimismo.]

Paciência

[Do lat. *patientia*.]

S. f.

1. Qualidade de paciente.
 2. Virtude que consiste em suportar as dores, incômodos, infortúnios, etc., sem queixas e com resignação.
 3. Perseverança tranqüila.
 4. Conformação abúlica e indolente; pachorra.
 5. Entretenimento que consiste em reunir as peças separadas de um mosaico para formar uma figura.
 6. Passatempo para uma só pessoa, no qual se fazem diferentes combinações com cartas de baralho, seguindo determinadas regras.
 7. Bot. Planta da família das poligonáceas (*Rumex patientia*).
- Interj.
8. Designa conformação, resignação.

Paixão

[Do lat. *passione*.]

S. f.

1. Sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão
2. Amor ardente; inclinação afetiva e sensual intensa
3. Afeto dominador e cego; obsessão
4. Entusiasmo muito vivo por alguma coisa
5. Atividade, hábito ou vício dominador
6. O objeto da paixão (2, 3, 4 e 5)
7. Desgosto, mágoa, sofrimento
8. Arrebatamento, cólera
9. Disposição contrária ou favorável a alguma coisa, e que ultrapassa os limites da lógica; parcialidade marcante; fanatismo, cegueira: 2
10. O martírio de Cristo e dos santos.
11. A parte do Evangelho que trata do martírio de Cristo.
[Nessas duas últimas acepç., escreve-se com cap.]
12. A expressão de sensibilidade ou entusiasmo do artista que se manifesta numa obra de arte; calor, emoção: 2
13. Mús. Gênero de cantata ou oratório religioso cujo tema são os acontecimentos que precederam e acompanharam a morte de Cristo, tal como se acham descritos nos quatro Evangelhos.
14. Teatr. Composição dramática baseada na vida de Cristo.

Pânico

[Do gr. *panikón* (subentende-se *deíma*, 'terror', terror que vem de *Pã*).]

Adj.

1. Relativo ao deus *Pã*.
 2. Que assusta sem motivo.
 3. Que suscita medo por vezes infundado e foge a um controle racional
- S. m.
4. Medo que os antigos diziam ser causado pelo deus *Pã*.
 5. Susto ou pavor repentino, às vezes sem fundamento, que provoca uma reação desordenada, individual ou coletiva, de propagação rápida.

Pena

[Do lat. *penna*.]

S. f.

1. Cada uma das peças que revestem o corpo das aves; pluma
2. Tubo córneo oriundo da pena de algumas aves, e preparado para com ele se escrever

3. Pequena lâmina de metal, terminada em ponta, que, adaptada a uma caneta, serve para escrever ou desenhar. [Sin., lus.: *aparo*.]

4. Fig. O instrumento da escrita.

5. Fig. Trabalhos de escrita

6. Fig. A classe dos escritores

7. Fig. A maneira de escrever; estilo, cálamo

8. Fig. Autor, escritor

9. Parte espalmada da bigorna.

Penúria

[Do lat. *penuria*.]

S. f.

1. Pobreza extrema; indigência, miséria
2. Privação do necessário; escassez, falta, pobreza

Perdão

[Dev. do arc. *perdōar*.]

S. m.

1. Remissão de pena; desculpa; indulto.
2. Ét. Renúncia de pessoa ou instituição à adesão às conseqüências punitivas que seriam justificáveis em face de uma ação que, em níveis diversos, transgride preceitos jurídicos, religiosos, morais ou afetivos vigentes.

Perfeccionismo

[Do lat. *perfectione*, 'perfeição', + -ismo.]

S. m.

1. Tendência obsessivamente exagerada para atingir a perfeição na realização de alguma coisa.
2. Filos. Caráter de doutrina moral ou religiosa que prescreve a busca da perfeição, sendo esta concebida conforme o modelo por ele determinado. Ex.: doutrina cristã, estoica, budista, etc.

Perplexidade

(cs). [Do lat. *tard. perplexitate*.]

S. f.

1. Estado ou qualidade de perplexo; perplexidez, perplexão.

Perseverança

[Do lat. *perseverantia*.]

S. f.

1. Qualidade ou procedimento de perseverante; pertinácia, constância, firmeza.

Persistência

(sis). [De *persistir* + -ência.]

S. f.

1. Qualidade ou ato de persistente.
2. Perseverança, constância, pertinácia.

Perspicácia

[Do lat. *perspicacia*.]

S. f.

1. Qualidade de perspicaz.
2. Agudeza de espírito; sagacidade.

Pesar

S. m.

20. Sentimento, tristeza, desgosto, consternação
[Atenção: o e de pese, a rigor, é fechado, conquanto seja comuníssimo ouvi-lo aberto.]

Pessimismo

[De *péssimo* + -ismo.]

S. m.

1. Disposição de espírito que leva o indivíduo a encarar tudo pelo lado negativo, a esperar de tudo o pior.
2. Filos. Caráter das doutrinas metafísicas ou morais que afirmam a supremacia do mal sobre o bem e costumam levar à adoção de uma atitude geral de escapismo, imobilismo ou conformismo, quer seja o mal considerado a privação dos meios de conservação da vida (alimentação, abrigo, etc.), quer seja considerado a privação dos meios de expansão e desenvolvimento espiritual.
[Opõe-se a otimismo.]

Piedade

[Do lat. pietate.]

S. f.

1. Amor e respeito às coisas religiosas; religiosidade; devoção.
2. Pena dos males alheios; compaixão, dó, comiserção

Plenitude

[Do lat. plenitudine.]

S. f.

1. Qualidade ou estado de pleno.

Poder

S. m.

16. Direito de deliberar, agir e mandar.
17. Faculdade, possibilidade.
18. Vigor, potência.
19. Autoridade, soberania, império.
20. Domínio, influência, força.
21. Posse, jurisdição.
22. Eficácia, efeito, virtude
23. Recurso, meios.
24. Capacidade, aptidão
25. O governo de um Estado
26. P. ext. O poder (25) considerado segundo suas formas e manifestações
27. Grande quantidade; grande número
28. Estat. Probabilidade associada a uma região crítica, e cujo complemento é a probabilidade de se cometer um erro de tipo II.
29. Filos. Segundo algumas correntes filosóficas atuais, potência exercida de modo difuso, e não necessariamente explícito, pelo conjunto das relações sociais sobre os indivíduos, e que lhes impõe determinações que regulam seus modos de ser: comportamentos, interesses, ideologias, etc.
[Pl.: poderes. Cf. poderes, do v. poder.]
~ V. poderes.

Ponderação

[Do lat. ponderatione.]

S. f.

1. Ato ou efeito de ponderar.
2. Reflexão, meditação, consideração
3. Tino, prudência, juízo, circunspeção, bom senso
4. Importância, relevância, peso
5. Mat. Atribuição de peso (17) a uma variável.
6. Mat. Peso (17)

Preconceito

[De pre- + conceito.]

S. m.

1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida.
2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo.
3. P. ext. Superstição, crendice; prejuízo.
4. P. ext. Suspeita, intolância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.

Preguiça

[Do lat. pigritia.]

S. f.

1. Aversão ao trabalho; negligência, indolência, mandriice.
2. Morosidade, lentidão, pachorra, moleza.
3. A corda dos guindastes.
4. Pau a que estão pregadas as cangalhas da canoura.
5. Bras. Zool. Designação comum aos mamíferos desdentados, bradipódídeos, arborícolas, de pelagem muito densa e longa, membros muito desenvolvidos e cauda rudimentar, assim chamados pela notável lentidão de seus movimentos. Entre os seus pêlos vivem carrapatos e microlepidópteros ou traças. [Sin., nesta acepç.: aí, água e (PA e MG) cabeluda.]
6. Bras. Zool. V. urutau.

Preocupação

[Do lat. praecoccupatione.]

S. f.

1. Ato ou efeito de preocupar(-se).
2. Idéia fixa e antecipada que perturba o espírito a ponto de produzir sofrimento moral
3. Inquietação proveniente dessa idéia; cuidado
4. Pensamento dominante, que se sobrepõe a qualquer outro
5. Opinião antecipada; preconceito, prejuízo.
6. Atitude de quem visa a um resultado ou forma um projeto

Preponderância

[De preponderar + -ância.]

S. f.

1. Qualidade ou estado de preponderante.
2. Predomínio, supremacia, hegemonia.

Prepotência

[Do lat. praepotentia.]

S. f.

1. Grande poder ou influência.
2. Opressão, despotismo

Prestígio

[Do lat. praestigiū.]

S. m.

1. Ilusão atribuída a causas sobrenaturais ou a sortilégios; magia.
2. Artifício usado para seduzir, para encantar; fascinação, atração, encanto, magia.
3. Influência exercida por pessoa, coisa, instituição, etc., que provocam admiração ou respeito
4. Superioridade pessoal baseada no bom êxito individual em qualquer setor da atividade, e que é admitida pela maioria de um dado meio social.
[Cf. prestígio, do v. prestigiar.]

Presunção

[Do lat. praesumptio.]

S. f.

1. Ato ou efeito de presumir(-se).
2. Opinião ou juízo baseado nas aparências; suposição, suspeita.
3. Vaidade, orgulho; pretensão
4. Jur. Conseqüência que a lei deduz de certos atos ou fatos, e que estabelece como verdade por vezes até contra prova em contrário.
[Cf. nesta acepç., indício (2).]

Pretensão

[Do lat. praetensio, 'pretendido, pretenso', + -ão3.]

S. f.

1. Ato ou efeito de pretender.
2. Direito suposto e reivindicado.
3. Vaidade exagerada; presunção.
4. Aspiração; ambição
5. Dir. Pedido ou objeto da ação judicial.

~ V. pretensões.

Proeza

(ê). [Do fr. ant. proece (atual prouesse).]

S. f.

1. Ação de valor; façanha.
2. Fam. Qualquer ato invulgar praticado por alguém.
3. P. ext. Pej. Ato censurável ou escandaloso.

Prontidão

[De pronto + -idão.]

S. f.

1. Qualidade do que é pronto.
 2. Presteza, agilidade, desembaraço, rapidez.
 3. Rapidez de compreensão ou na execução de alguma coisa.
 4. Estado de quem se acha pronto para fazer determinada coisa.
 5. Estado de alerta de uma unidade militar.
 6. Bras. V. pindaíba (4).
- S. m.
7. Bras. RJ SP Soldado de serviço numa delegacia de polícia.

Prudência

[Do lat. prudentia.]

S. f.

1. Qualidade de quem age com moderação, comedimento, buscando evitar tudo o que acredita ser fonte de erro ou de dano.
 2. Cautela, precaução
 3. Circunspeção, ponderação, cordura, sensatez
- [Cf. prudencia, do v. prudenciar.]

Regozijo

[Do esp. regocijo.]

S. m.

1. Gozo intenso; vivo contentamento ou prazer; grande satisfação.

Remorso

[Do lat. remorsu.]

S. m.

1. Inquietação da consciência por culpa ou crime cometido; mordimento, remordimento; bicho-da-consciência.

Repugnância

[Do lat. repugnantia.]

S. f.

1. Qualidade de repugnante.
2. Hesitação de consciência para levar a cabo certo procedimento; escrúpulo, relutância.
3. Asco, nojo, aversão, repulsa.
4. Incompatibilidade, inconciliabilidade.

Repulsa

[Do lat. repulsa.]

S. f.

1. Ato ou efeito de repulsar ou repelir.
 2. Sentimento ou sensação de aversão, de relutância, de repugnância.
 3. Reação que repele, afasta; oposição, objeção.
- [Sin. ger.: repulsão e (p. us.) repulso.]

Ressentimento

[De ressentir + -mento.]

S. m.

1. Ato ou efeito de ressentir(-se).

Satisfação

[Do lat. satisfactioe.]

S. f.

1. Ato ou efeito de satisfazer(-se); contentamento.
 2. Contentamento, alegria, deleite, aprazimento.
 3. Pagamento, recompensa, retribuição
 4. Indenização, reparação, expiação.
 5. Explicação, justificativa, justificação
 6. Conta que se presta a outrem de uma incumbência.
- [F. red.: satisfa.]

Saudade

[Do lat. solitate, 'soledade', 'solidão', pelo arc. soydade, suydade, poss. com infl. de saúde.]

S. f.

1. Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las; nostalgia
 2. Pesar pela ausência de alguém que nos é querido.
 3. Bot. Designação comum a diversas plantas da família das dipsacáceas, principalmente da espécie *Scabiosa maritima*, e às suas flores; escabiosa, suspiro
 4. Bot. Planta da família das asclepiadáceas (*Asclepias umbellata*).
 5. Bras. Zool. V. assobiador (4).
 6. Bras. Cantiga da terra, entoada pelos marujos no alto-mar.
- ~ V. saudades.

Sedução

[Do lat. seductione.]

S. f.

1. Ato ou efeito de seduzir ou ser seduzido. [Sin. (p. us.): seduzimento.]
2. Qualidade de sedutor.
3. Atração, encanto, fascínio.
4. Bras. Jur. Crime consistente em iludir mulher virgem, maior de 14 e menor de 18 anos, valendo-se da sua inexperiência ou justificável confiança para manter com ela conjunção carnal.

Segurança

[De segurar + -ança.]

S. f.

1. Ato ou efeito de segurar: 2 [Sin., p. us.: segurança.]
 2. Estado, qualidade ou condição de seguro.
 3. Condição daquele ou daquilo em que se pode confiar
 4. Certeza, firmeza, convicção
 5. Confiança em si mesmo; autoconfiança
 6. Caução, garantia; seguro
 7. Protesto, afirmação.
- [Sin., p. us., nessas acepç.: segurança, seguridade.]
8. Prenhez das fêmeas dos quadrúpedes.
 9. Bras. V. alfinete de segurança.
- S. 2 g.
10. Bras. Pessoa encarregada da segurança pessoal de alguém, ou de empresa, etc.
- [Cf. guarda-costas (2).]

Sensibilidade

[Do lat. tard. sensibilitate.]

S. f.

1. Qualidade de sensível.
2. Faculdade de sentir; sentimento

3. Propriedade do organismo vivo de perceber as modificações do meio externo ou interno e de reagir a elas de maneira adequada; excitabilidade
4. Faculdade do ser humano sensível (2); impressionabilidade.
5. Faculdade de experimentar sentimentos de humanidade, ternura, simpatia, compaixão.
6. Faculdade que tem o artista de ser especialmente sensível aos elementos que, transmitidos à sua obra, são capazes de despertar emoções.
7. Disposição para ofender-se ou melindrar-se; suscetibilidade.
8. Emoção, sentimento, afetividade
9. Automat. O mínimo sinal de entrada capaz de causar, num sistema, um sinal de saída com características determinadas.
10. Estat. A propriedade dum julgamento de uma hipótese no qual é muito grande a probabilidade de rejeição da hipótese quando ela é falsa.
11. Filos. Faculdade que é fonte de conhecimento imediato e intuitivo, a qual se manifesta nas sensações propriamente ditas; sensualidade. [Cf., nesta acepç., entendimento] .
12. Fís. Medição da capacidade de resposta de um instrumento de medida, usualmente expressa pelo quociente da intensidade do sinal de saída pela intensidade do sinal de entrada.
13. Fot. Numa emulsão fotográfica, medida de capacidade de registrar imagens luminosas, usualmente expressa numa escala arbitrária; velocidade de emulsão; rapidez.

Serenidade

[Do lat. serenitate.]

S. f.

1. Qualidade ou estado de sereno.
2. Suavidade; paz, tranqüilidade.

Seriedade

[Do lat. tard. serietate.]

S. f.

1. Qualidade de sério.
2. Modo, ar, gestos ou porte próprios de pessoa séria; gravidade.
3. Inteira de caráter; retidão.

Simpatia

[Do gr. sympátheia, 'participação em, ou sensibilidade ao sofrimento do outro', 'compaixão', pelo lat. sympathia.]

S. f.

1. Tendência ou inclinação que reúne duas ou mais pessoas
2. As relações que há entre pessoas que instintivamente se sentem atraídas entre si
3. Sentimento caloroso e espontâneo que alguém experimenta em relação a outrem
4. Primeiros sentimentos de amor
5. Faculdade de compartilhar as alegrias ou tristezas de outrem
6. Atração que uma coisa ou uma idéia exerce sobre alguém
7. Bras. Interesse em atender às pretensões de alguém
8. Pessoa muito simpática
9. Bras. Tratamento intencionalmente amistoso dado a alguém
10. Bras. Ritual posto em prática, ou objeto supersticiosamente usado, para prevenir ou curar uma enfermidade ou mal-estar.
11. Ant. Tendência que se julgava existir entre as qualidades de certos corpos. [Antôn., nas acepç. 1 a 4 e 6: antipatia.]

Soberania

[De soberano + -ia.]

S. f.

1. Qualidade de soberano
2. Poder ou autoridade suprema de soberano (7)
3. Autoridade moral, tida como suprema; poder supremo
4. Propriedade que tem um Estado de ser uma ordem suprema que não deve a sua validade a nenhuma outra ordem superior.
5. O complexo dos poderes que formam uma nação politicamente organizada.

Sofrimento

[De sofrer + -imento.]

S. m.

1. Ato ou efeito de sofrer.
2. Dor física.
3. Angústia, aflição, amargura.
4. Paciência, resignação.
5. Infortúnio; desastre.

Solidão

[Do lat. solitudine.]

S. f.

1. Estado do que se encontra ou vive só; isolamento: & [Sin., poét.: solitude.]
2. Lugar ermo e despovoado
3. Situação ou sensação de quem vive isolado numa comunidade

Solidariedade

[De solidári(o) + -edade.]

S. f.

1. Qualidade de solidário.
2. Laço ou vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes.
3. Adesão ou apoio a causa, empresa, princípio, etc., de outrem.
4. Sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades dum grupo social, duma nação, ou da própria humanidade.
5. Relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o(s) outro(s)
6. Sentimento de quem é solidário (6)
7. Dependência recíproca
8. Jur. Vínculo jurídico entre os credores (ou entre os devedores) duma mesma obrigação, cada um deles com direito (ou compromisso) ao total da dívida, de sorte que cada credor pode exigir (ou cada devedor é obrigado a pagar) integralmente a prestação objeto daquela obrigação.

Sossego

(ê). [Dev. de sossegar.]

S. m.

1. Ato ou efeito de sossegar.
 2. Ausência de agitação; tranqüilidade; calma, quietude, paz
 3. Ausência de preocupações; tranqüilidade, paz
 4. Aquilo ou aquele que proporciona sossego, descanso
 5. Estado de repouso; descanso, parada
- [Pl.: sossegos (ê). Cf. sossego, do v. sossegar. Var.: assossego (ê).]

Susto

[De or. incerta.]

S. m.

1. Medo repentino; sobressalto.
2. Temor provocado por notícias ou fatos imprevistos.
3. P. ext. Medo, receio.

Tédio

[Do lat. taediū.]

S. m.

1. Aborrecimento, fastio, nojo, desgosto

Teima

[Do gr. théma, 'assunto de um discurso', 'proposição', pelo lat. thema, por infl. de cultismos como freima, etc.]

S. f.

1. Insistência em fazer alguma coisa, ainda que enfrentando dificuldades ou obstáculos; teimosia; obstinação.

Temor

(ô). [Do lat. timore.]

S. m.

1. Ato ou efeito de temer; medo; susto
2. Sentimento de reverência ou de respeito
3. Fig. Pessoa ou coisa que causa medo.
4. Pontualidade, zelo, escrupulo.

[Cf. timor, s. 2 g., e o top. Timor.]

Temperança

[Do lat. temperantia.]

S. f.

1. Qualidade ou virtude de quem é moderado, ou de quem modera apetites e paixões; sobriedade.
2. Moderação, comedimento, temperamento.
3. Economia, parcimônia.

Tenacidade

[Do lat. tenacitate.]

S. f.

1. Qualidade de tenaz.
2. Fig. Constância, afinco, contumácia.
3. Fig. Apego, aferro.
4. Avareza, sovínice.

Ternura

[De terno + -ura.]

S. f.

1. Qualidade de terno
2. Meiguice, carinho.
3. Afeto brando ou sem grandes transportes

Terror

(ô). [Do lat. terrore.]

S. m.

1. Qualidade de terrível.
2. Estado de grande pavor ou apreensão.
3. Grande medo ou susto; pavor.
4. Época da Revolução Francesa, da queda dos girondinos (31 de maio de 1793) até à queda de Robespierre (27 de julho de 1794). [Nesta acepç., com cap.]
5. Pessoa ou coisa que espanta, amedronta, aterroriza

[Pl.: terrores (ô). Cf. terrores, do v. terrorar.]

Tesão

[Do lat. tensio, 'tensão', por via popular.]

S. m.

1. Tesura (1).

2. Força, intensidade.
3. Manifestação de força; violência

S. m. e f.

4. Chulo Estado do pênis em ereção.
5. Chulo Potência sexual
6. Chulo Desejo carnal; excitação.
7. Bras. Chulo Indivíduo que inspira desejos carnaís; tesudo.

Timidez

(ê). [De tímido + -ez.]

S. f.

1. Qualidade de tímido; acanhamento.
2. Debilidade, fraqueza.

Tranqüilidade (Tranqüilo- adj.)

S. f.

1. Em que reina a calma, o equilíbrio.
2. Que se efetua ou decorre de modo regular
3. De natureza calma, estável
4. Certo, seguro.

Valentia

[De valente + -ia1.]

S. f.

1. Coragem, audácia, valor.
2. Força, energia, vigor.
3. Proeza, façanha.
4. Qualidade do que é resistente; resistência.

Vanglória

[Do f. do adj. vão + glória.]

S. f.

1. Presunção infundada; jactância, bazófia, vaidade

[Cf. vangloria, do v. vangloriar.]

Vergonha

[Do lat. verecundia, pela f. *verecunnia.]

S. f.

1. Desonra humilhante; opróbrio, ignomínia.
2. Sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem.
3. Sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, por escrupulos, etc.; timidez, acanhamento
4. V. pudor (2).
5. Ato, atitude, palavras, etc., obscenos, indecorosos e/ou vexatórios.
6. Sentimento da própria dignidade; brio, honra
7. Bot. V. dormideira (2).

~ V. vergonhas.

Vigor

(ô). [Do lat. vigore.]

S. m.

1. Força, robustez.
2. Grande energia; veemência.
3. V. viço (2).
4. Valor, vigência; 2

[Pl.: vigores (ô). Cf. vigores, do v. vigorar.]

ANEXO II QUESTIONÁRIO PARA PRIMEIRA FASE

PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO DE EMOÇÕES: UM ESTUDO UTILIZANDO PALAVRAS COMO ESTÍMULOS

1. INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título da Pesquisa: “Processos de Categorização de Emoções: Um estudo utilizando palavras como estímulos”.

Pesquisadora responsável: Cleyciane Alves de Faria, aluna do Mestrado em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia.

Objetivo da pesquisa: Entender o modo como as pessoas classificam e relacionam as emoções entre si.

Forma de obtenção das informações: Será solicitado a cada participante responder um formulário, com duração média de 40 minutos.

Garantias do participante:

- A participação, em qualquer etapa da pesquisa, é voluntária.
- Mesmo após serem informados sobre a pesquisa, aqueles que não quiserem participar não sofrerão nenhum tipo de represália ou prejuízo.
- Aqueles que quiserem participar da pesquisa assinarão um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que se encontra anexado a este documento.
- Caso algum dos participantes deseje obter outras informações durante e após a realização do estudo, receberá resposta a qualquer dúvida e será atendido prontamente, ainda que esta possa afetar a sua vontade de continuar participando.
- Fica assegurado ao participante que ele não será identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas com a sua privacidade.

Avaliação do risco da Pesquisa: Não há riscos para aqueles que se interessarem em participar deste estudo.

Compromisso da pesquisadora: A pesquisadora se compromete em realizar o estudo, prestando os esclarecimentos necessários e divulgar os resultados obtidos. Caso seja verificado quaisquer problemas de origem emocional ou intelectual em algum dos participantes, o mesmo será melhor avaliado e, se necessário, será encaminhado para programas públicos de atendimento em Psicoterapia, sempre se verificando a disponibilidade de atendimento psicoterapêutico oferecido na rede pública para estes pacientes.

Contatos: Mestranda: Cleyciane Alves de Faria: 9197-0053
Orientador: Prof. Dr. Ederaldo José Lopes: 3218-2701
Comitê de Ética da UFU: 3239-4131

2. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO

(conforme resolução nº 196, de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, _____ Documento de Identidade Nº _____ declaro ter recebido informações sobre a pesquisa intitulada "**Processos de Categorização de Emoções: Um estudo utilizando palavras como estímulos**", fornecidas pela própria pesquisadora, Cleyciane Alves de Faria, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/ Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia.

Estou ciente que responderei a um formulário com duração média de 40 minutos conforme a minha disponibilidade. Sei que os resultados obtidos na pesquisa poderão ser divulgados em eventos científicos, livros ou artigos científicos, sem que haja identificação dos participantes.

Concordo em participar da pesquisa, sabendo que está garantida a confidencialidade e a privacidade, além do sigilo em relação às informações obtidas.

Posso retirar o meu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa, sem que isso traga qualquer tipo de prejuízo, ônus ou represália por parte da pesquisadora ou por qualquer outra pessoa que esteja relacionada a este estudo.

Declaro ter entendido as informações dadas pela pesquisadora e estar suficientemente esclarecido.

Uberlândia, _____ de _____ de 2005.

Ass.Participante: _____

Ass.Pesquisadora: _____

Contatos: Cleyciane Alves de Faria: 9197-0053

Comitê de Ética da UFU: 3239-4131

INSTRUÇÃO GERAL

Este questionário é parte de uma pesquisa que tem por objetivo entender o modo como as pessoas dão nomes, classificam e relacionam as emoções entre si. Para isto, considere a possibilidade de que as palavras que nomeiam as emoções e as próprias reações emocionais por elas desencadeadas, sejam passíveis de classificação em categorias.

Cada uma das palavras apresentadas no formulário a seguir, devem ser classificadas por você, como referentes ou não a uma emoção. Assim, cabe a você avaliar quais das palavras apresentadas se referem a uma emoção e quais não dizem respeito a nenhum tipo de emoção.

Para facilitar sua tarefa, a seguir será apresentada uma definição sobre o que são as emoções:

As emoções são sentimentos ou reações desencadeadas por estímulos (ou situações), acompanhadas de alterações corporais e fisiológicas e que não estão sob o controle consciente da pessoa.

Sendo assim, considerando o código abaixo, classifique cada palavra da lista de palavras, atribuindo-lhe um número de (1) a (6) se você achar que ela descreve uma emoção ou (7) se ela nada tiver a ver com emoção. Lembre-se que não há respostas certas ou erradas, pois o importante é que você classifique todas as palavras.

Agradeço por sua participação!!!

FORMULÁRIO

(1)ALEGRIA (2)MEDO (3)NOJO (4)RAIVA
(5)SURPRESA (6)TRISTEZA (7)NÃO DESCREVE UMA EMOÇÃO

**(1) ALEGRIA (2) MEDO (3) NOJO (4) RAIVA
 (5) SURPRESA (6) TRISTEZA (7) NÃO DESCREVE UMA EMOÇÃO**

- | | | |
|---------------------|--------------------|-------------------|
| () AFLIÇÃO | () DESÂNIMO | () ESPERANÇA |
| () AGITAÇÃO | () DESAPONTAMENTO | () EXAGERO |
| () ANGÚSTIA | () DESCONFIANÇA | () EXALTAÇÃO |
| () ANSIEDADE | () DESCONSOLO | () ÊXTASE |
| () AMBIÇÃO | () DESCRENÇA | () FADIGA |
| () AMIZADE | () DESPREZO | () FASCINAÇÃO |
| () AMOR | () DESDÉM | () FELICIDADE |
| () APATIA | () DESEJO | () FIDELIDADE |
| () BONDADE | () DESEMBARAÇO | () FORÇA |
| () BRAVURA | () DESESPERO | () FRACASSO |
| () BRUTALIDADE | () DESGOSTO | () FRAQUEZA |
| () CARINHO | () DESESPERANÇA | () FRAGILIDADE |
| () CARIDADE | () DESLUMBRAMENTO | () FRENESI |
| () CISMA | () DESILUSÃO | () FRIEZA |
| () CIÚME | () DESINIBIÇÃO | () FÚRIA |
| () COBIÇA | () DESOLAÇÃO | () GANÂNCIA |
| () CÓLERA | () DESPUDOR | () GENEROSIDADE |
| () COMOÇÃO | () DESTEMOR | () GRATIDÃO |
| () COMPAIXÃO | () DESTEMPERANÇA | () HARMONIA |
| () COMPANHEIRISMO | () DESVALIA | () HORROR |
| () COMPREENSÃO | () DIGNIDADE | () HOSTILIDADE |
| () COMPROMETIMENTO | () DISPLICÊNCIA | () HUMOR |
| () CONFIANÇA | () DISSABOR | () IGNORÂNCIA |
| () CONFUSÃO | () DISSIMULAÇÃO | () IMPACIÊNCIA |
| () CONSTRANGIMENTO | () DOÇURA | () IMPLICÂNCIA |
| () CONTROLE | () DÚVIDA | () IMPOTÊNCIA |
| () CONTROVÉRSIA | () EGOÍSMO | () INCERTEZA |
| () CORAGEM | () EMBARAÇO | () INCREDULIDADE |
| () COVARDIA | () EMBURRAMENTO | () INDECISÃO |
| () CRUELDADE | () EMPÁFIA | () INDIFERENÇA |
| () CULPA | () EMPOLGAÇÃO | () INDIGNAÇÃO |
| () CUMPLICIDADE | () EMPATIA | () INDISPOSIÇÃO |
| () CURIOSIDADE | () ENCANTO | () INFELICIDADE |
| () DEDICAÇÃO | () ENFADO | () INGENUIDADE |
| () DESALENTO | () ENGANO | () INIBIÇÃO |
| () DESAMPARO | () ESFORÇO | () INJÚRIA |
| () DESAMOR | () ESPANTO | () INTERESSE |

(1) ALEGRIA (2) MEDO (3) NOJO (4) RAIVA
(5) SURPRESA (6) TRISTEZA (7) NÃO DESCREVE UMA EMOÇÃO

- | | | |
|------------------|--------------------|-------------------|
| () INTIMIDADE | () ORGULHO | () REPUGNÂNCIA |
| () INTOLERÂNCIA | () OTIMISMO | () REPULSA |
| () INSEGURANÇA | () PACIÊNCIA | () RESENTIMENTO |
| () INTRIGA | () PAIXÃO | () SATISFAÇÃO |
| () INVEJA | () PÂNICO | () SAUDADE |
| () IRA | () PENA | () SEDUÇÃO |
| () IRONIA | () PENÚRIA | () SEGURANÇA |
| () IRREVERÊNCIA | () PERDÃO | () SENSIBILIDADE |
| () LAMÚRIA | () PERFECCIONISMO | () SERENIDADE |
| () LÁSTIMA | () PERPLEXIDADE | () SERIEDADE |
| () LIBERDADE | () PERSEVERANÇA | () SIMPATIA |
| () LIMITAÇÃO | () PERSISTÊNCIA | () SOBERANIA |
| () LUTO | () PERSPICÁCIA | () SOFRIMENTO |
| () MÁGOA | () PESAR | () SOLIDÃO |
| () MALDADE | () PESSIMISMO | () SOLIDARIEDADE |
| () MAL-HUMOR | () PIEDADE | () SOSSEGO |
| () MALÍCIA | () PLENITUDE | () SUSTO |
| () MANSIDÃO | () PODER | () TÉDIO |
| () MISERICÓRDIA | () PONDERAÇÃO | () TEIMA |
| () MODERAÇÃO | () PRECONCEITO | () TEMOR |
| () MOLÉSTIA | () PREGUIÇA | () TEMPERANÇA |
| () MOTIVAÇÃO | () PREOCUPAÇÃO | () TENACIDADE |
| () NERVOSISMO | () PREPONDERÂNCIA | () TERNURA |
| () NOSTALGIA | () PREPOTÊNCIA | () TERROR |
| () OBEDIÊNCIA | () PRESTÍGIO | () TESÃO |
| () OBJEÇÃO | () PRESUNÇÃO | () TIMIDEZ |
| () OBSESSÃO | () PRETENÇÃO | () TRANQUILIDADE |
| () OBSTINAÇÃO | () PROEZA | () VALENTIA |
| () ÓCIO | () PRONTIDÃO | () VANGLÓRIA |
| () ÓDIO | () PRUDÊNCIA | () VERGONHA |
| () OFENSA | () REGOZIJO | () VIGOR |
| () ONIPOTÊNCIA | () REMORSO | |

Há, em sua opinião, mais alguma(s) palavra(s) que se refere(m) a algum tipo de emoção e que não foi especificada entre as anteriores? Qual(is)?

Obrigado!!!

ANEXO III QUESTIONÁRIO PARA SEGUNDA FASE

Processos de Categorização de Emoções: Um estudo utilizando palavras como estímulos

Objetivo desta pesquisa: Entender o modo como as pessoas classificam palavras referentes a emoções.

Garantias do participante:

- A participação, em qualquer etapa da pesquisa, é absolutamente voluntária.
- Caso algum dos participantes deseje obter outras informações durante e após a realização do estudo, receberá resposta a qualquer dúvida e será atendido prontamente, ainda que esta possa afetar a sua vontade de continuar participando.
- Fica assegurado ao participante que ele não será identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas com a sua privacidade.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO

(conforme resolução nº 196, de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, _____

Documento de Identidade Nº _____ declaro ter recebido informações sobre a pesquisa intitulada “*Processos de Categorização de Emoções: Um estudo utilizando palavras como estímulos*”, que tem por objetivo entender o modo como as pessoas utilizam e relacionam palavras relacionadas a emoções.

Sei que os resultados obtidos na pesquisa poderão ser divulgados em eventos científicos, livros ou artigos científicos, sem que haja identificação dos participantes.

Concordo em participar da pesquisa, sabendo que está garantida a confidencialidade e a privacidade das respostas fornecidas, além do sigilo em relação às informações obtidas.

Posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isso traga qualquer tipo de prejuízo, ônus ou represália por parte da pesquisadora ou por qualquer outra pessoa que esteja relacionada a este estudo.

Declaro ter entendido as informações dadas e estar suficientemente esclarecido.

Uberlândia, _____ de _____ de 2005.

Ass.Participante: _____

Ass.Pesquisadora: _____

Contatos: Cleyciane Alves de Faria: 9197-0053/ Comitê de Ética da UFU: 3239-4131

INSTRUÇÃO GERAL (POR FAVOR LEIA ANTES DE COMEÇAR)

Este questionário é parte de uma pesquisa que tem por objetivo entender o modo como as pessoas classificam e relacionam palavras referentes a emoções entre si. Abaixo, você encontrará pares de palavras e sua tarefa consiste em julgar o quanto as palavras de cada par se parecem entre si quanto ao significado. Para a realização das comparações use a escala abaixo, numerada de 1 a 5. Antes de você começar, observe os modelos apresentados sobre como você poderá responder. Para cada par de palavras, marque apenas uma alternativa e lembre-se de que não há respostas certas ou erradas, o que realmente importa é a sua opinião.

Obrigado.

Código para avaliação quanto ao significado

1- Muito pouco semelhantes

2- Pouco semelhantes

3- Nem muito, nem pouco semelhantes

4- Muito semelhantes

5- Extremamente semelhantes

Exemplos: (4)REPUGNÂNCIA/ REPULSA

(3)CISMA/ INDECISÃO

(1)INDIFERENÇA/ INDIGNAÇÃO

A seguir compare o significado entre as palavras de cada par, conforme o código apresentado acima.

- | | |
|--------------------------|---------------------------------|
| ()Amizade—Simpatia | ()Amor—Paixão |
| ()Amizade—Tranqüilidade | ()Bondade—Satisfação |
| ()Amor—Simpatia | ()Carinho—Tranqüilidade |
| ()Amizade—Satisfação | ()Companheirismo—Simpatia |
| ()Amor—Tranqüilidade | ()Amizade—Motivação |
| ()Bondade—Simpatia | ()Amor—Otimismo |
| ()Amizade—Paixão | ()Bondade—Paixão |
| ()Amor—Satisfação | ()Carinho—Satisfação |
| ()Bondade—Tranqüilidade | ()Companheirismo—Tranqüilidade |
| ()Carinho—Simpatia | ()Doçura—Simpatia |
| ()Amizade—Otimismo | ()Amizade—Liberdade |

- | | |
|-------------------------------|------------------------------|
| () Amor—Motivação | () Amizade—Felicidade |
| () Bondade—Otimismo | () Amor—Gratidão |
| () Carinho—Paixão | () Bondade—Harmonia |
| () Companheirismo—Satisfação | () Carinho—Humor |
| () Doçura—Tranqüilidade | () Companheirismo—Liberdade |
| () Empolgação—Simpatia | () Doçura—Motivação |
| () Amizade—Humor | () Empolgação—Otimismo |
| () Amor—Liberdade | () Esperança—Paixão |
| () Bondade—Motivação | () Felicidade—Satisfação |
| () Carinho—Otimismo | () Gratidão—Tranqüilidade |
| () Companheirismo—Paixão | () Harmonia—Simpatia |
| () Doçura—Satisfação | () Amizade—Esperança |
| () Empolgação—Tranqüilidade | () Amor—Felicidade |
| () Esperança—Simpatia | () Bondade—Gratidão |
| () Amizade—Harmonia | () Carinho—Harmonia |
| () Amor—Humor | () Companheirismo—Humor |
| () Bondade—Liberdade | () Doçura—Liberdade |
| () Carinho—Motivação | () Empolgação—Motivação |
| () Companheirismo—Otimismo | () Esperança—Otimismo |
| () Doçura—Paixão | () Felicidade—Paixão |
| () Empolgação—Satisfação | () Gratidão—Satisfação |
| () Esperança—Tranqüilidade | () Harmonia—Tranqüilidade |
| () Felicidade—Simpatia | () Humor—Simpatia |
| () Amizade—Gratidão | () Amizade—Empolgação |
| () Amor—Harmonia | () Amor—Esperança |
| () Bondade—Humor | () Bondade—Felicidade |
| () Carinho—Liberdade | () Carinho—Gratidão |
| () Companheirismo—Motivação | () Companheirismo—Harmonia |
| () Doçura—Otimismo | () Doçura—Humor |
| () Empolgação—Paixão | () Empolgação—Liberdade |
| () Esperança—Satisfação | () Esperança—Motivação |
| () Felicidade—Tranqüilidade | () Felicidade—Otimismo |
| () Gratidão—Simpatia | () Gratidão—Paixão |

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| () Harmonia—Satisfação | () Amor—Companheirismo |
| () Humor—Tranqüilidade | () Bondade—Doçura |
| () Liberdade—Simpatia | () Carinho—Empolgação |
| () Amizade—Doçura | () Companheirismo—Esperança |
| () Amor—Empolgação | () Doçura—Felicidade |
| () Bondade—Esperança | () Empolgação—Gratidão |
| () Carinho—Felicidade | () Esperança—Harmonia |
| () Companheirismo—Gratidão | () Felicidade—Humor |
| () Doçura—Harmonia | () Gratidão —Liberdade |
| () Empolgação—Humor | () Harmonia—Motivação |
| () Esperança—Liberdade | () Humor—Otimismo |
| () Felicidade—Motivação | () Liberdade—Paixão |
| () Gratidão—Otimismo | () Motivação—Satisfação |
| () Harmonia—Paixão | () Otimismo—Tranqüilidade |
| () Humor—Satisfação | () Paixão—Simpatia |
| () Liberdade—Tranqüilidade | () Amizade—Bondade |
| () Motivação—Simpatia | () Amor—Carinho |
| () Amizade—Companheirismo | () Bondade—Companheirismo |
| () Amor—Doçura | () Carinho—Doçura |
| () Bondade—Empolgação | () Companheirismo—Empolgação |
| () Carinho—Esperança | () Doçura—Esperança |
| () Companheirismo—Felicidade | () Empolgação—Felicidade |
| () Doçura—Gratidão | () Esperança—Gratidão |
| () Empolgação—Harmonia | () Felicidade—Harmonia |
| () Esperança—Humor | () Gratidão—Humor |
| () Felicidade—Liberdade | () Harmonia—Liberdade |
| () Gratidão—Motivação | () Humor—Motivação |
| () Harmonia—Otimismo | () Liberdade—Otimismo |
| () Humor—Paixão | () Motivação—Paixão |
| () Liberdade—Satisfação | () Otimismo—Satisfação |
| () Motivação—Tranqüilidade | () Paixão—Tranqüilidade |
| () Otimismo—Simpatia | () Satisfação—Simpatia |
| () Amizade—Carinho | () Amizade—Amor |

- () Amor—Bondade
- () Bondade—Carinho
- () Carinho—Companheirismo
- () Companheirismo—Doçura
- () Doçura—Empolgação
- () Empolgação—Esperança
- () Esperança—Felicidade
- () Felicidade—Gratidão
- () Gratidão—Harmonia
- () Harmonia—Humor
- () Humor—Liberdade
- () Liberdade—Motivação
- () Motivação—Otimismo
- () Otimismo—Paixão
- () Paixão—Satisfação
- () Satisfação—Tranqüilidade
- () Simpatia—Tranqüilidade
- () Desamor—Sofrimento
- () Desamor—Remorso
- () Desânimo—Sofrimento
- () Desamor—Mágoa
- () Desânimo—Remorso
- () Desconsolo—Sofrimento
- () Desamor—Luto
- () Desânimo—Mágoa
- () Desconsolo—Remorso
- () Descrença—Sofrimento
- () Desamor—Infelicidade
- () Desânimo—Luto
- () Desconsolo—Mágoa
- () Descrença—Remorso
- () Infelicidade—Sofrimento
- () Desamor—Descrença

- () Desânimo—Infelicidade
- () Desconsolo—Luto
- () Descrença—Mágoa
- () Infelicidade—Remorso
- () Luto—Sofrimento
- () Desamor—Desconsolo
- () Desânimo—Descrença
- () Desconsolo—Infelicidade
- () Descrença—Luto
- () Infelicidade—Mágoa
- () Luto—Remorso
- () Mágoa—Sofrimento
- () Desamor—Desânimo
- () Desânimo—Desconsolo
- () Desconsolo—Descrença
- () Descrença—Infelicidade
- () Infelicidade—Luto
- () Luto—Mágoa
- () Mágoa—Remorso
- () Remorso—Sofrimento
- () Insegurança—Terror
- () Insegurança—Pânico
- () Pânico—Terror
- () Ira—Fúria
- () Ira—Ódio
- () Ódio—Fúria

Para concluir:

Responda os seguintes dados sobre você:

Idade: _____ .

Sexo: () Masculino () Feminino

Escolaridade: _____

Obrigado pela participação!

